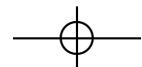


SOB O PÔR DO SOL



edição brasileira© Hedra 2021

corpo editorial Adriano Scatolin,
Antonio Valverde,
Caio Gagliardi,
Jorge Sallum,
Oliver Tolle,
Renato Ambrosio,
Ricardo Musse,
Ricardo Valle,
Silvio Rosa Filho,
Tales Ab'Saber,
Tâmis Parron

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.*

*Direitos reservados em língua
portuguesa somente para o Brasil*

EDITORIA HEDRA LTDA.
R. Fradique Coutinho, 1.139 (subsolo)
05416-011, São Paulo-SP, Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

SOB O PÔR DO SOL

Bram Stoker

Rafael Rocca dos Santos (*organização e tradução*)

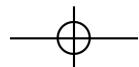
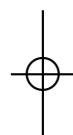
1^a edição

— — — — —

hedra

— — — — —
São Paulo_2021

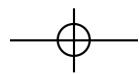
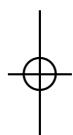
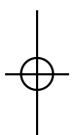




Sumário

Apresentação, por Rafael Rocca dos Santos 7

SOB O PÔR DO SOL	21
Dedicatória	23
Sob o pôr do sol	25
O Príncipe da Rosa	35
O Gigante Invisível	65
O Construtor de Sombras	85
Como o 7 ficou louco	107
Mentiras e lírios	129
O castelo do Rei	137
A Criança Maravilhosa	161



Apresentação

Rafael Rocca dos Santos

A literatura gótica floresceu na Inglaterra como uma resposta às ideias e movimentos decorrentes do Iluminismo oriundo da França no século XVIII, cuja característica principal consistia em afirmar a primazia da razão sobre as demais formas de pensamento e a religião em geral. O movimento propôs uma análise da sociedade tendo como ponto de partida a observação empírica dos costumes, das leis, do comportamento, entre outros, o que influenciou sobremaneira a literatura na virada do século XVIII ao XIX. Assim, à medida que ascendia a instâncias cada vez mais altas nos planos econômico, político e científico-intelectual, a burguesia veio a encontrar no romance sua forma de expressão literária por excelência.

No entanto, alguns autores ingleses desviaram-se do afã provocado pelo nascimento das ideias iluministas de esclarecimento intelectual e progresso. Tais autores, cujos principais representantes são Ann Radcliffe¹, Horace Walpole² e Matthew Gregory Lewis³, ao mesmo tempo que aceitavam as mudanças provocadas pelo pensamento

1. 1729-1807, autora de *O velho barão inglês* (1777). É digno de nota que um grande número de novelas do gênero gótico foi escrito por mulheres, algo até então incomum.

2. 1717-1797, autor de *O castelo de Otranto* (1764).

3. 1775-1818, autor de *O monge* (1796).

SOB O PÔR DO SOL

racionalista, colocavam-no em xeque, valorizando e explorando dimensões sombrias e sobrenaturais da experiência que seriam inacessíveis pelas luzes da razão. Os autores do gênero gótico combinam a modernidade da medicina e dos transportes com a atmosfera medieval de castelos frios, cheios de salas secretas e passagens subterrâneas sombrias; o refinamento dos novos costumes com o barbarismo e a excentricidade; a descrição realista das ações e dos ambientes com sentimentos de desolação e abandono. Atingindo seu auge na década de 1790⁴, a literatura gótica influenciou diversos autores de gerações posteriores que não se dedicaram ao gênero. Por exemplo, Jane Austen, que em *A abadia de Northanger* (1818) conta uma história na qual a protagonista é leitora de romances góticos (tal como a própria Austen). Centrando sua narrativa na discussão desse tipo de literatura, a autora busca realçar seus aspectos interessantes e criticar seus pontos fracos. Já entre os continuadores do gótico, destaca-se justamente Bram Stoker: seu *Drácula*, ainda que redigido bem depois do auge do gênero, é considerado o romance gótico por excelência.

Bram Stoker nasceu em 1847, em Dublin, Irlanda. Logo após seu nascimento, foi acometido por uma doença desconhecida, que o deixou acamado e afastado do convívio social até os sete anos de idade. Durante esse período de convalescência e isolamento, seus familiares liam para ele histórias, contos de fadas e breves narrativas sobre diversos assuntos de seu interesse. Já então Stoker teve um primeiro e intenso contato com a literatura gótica, que surgira recentemente e era bastante consumida. Aos sete anos, e sem qualquer explicação, o menino Sto-

4. VASCONCELOS (2002), p 130.

APRESENTAÇÃO

ker recuperou sua saúde e iniciou os estudos. A respeito dessa nova fase, Stoker escreve, em uma obra biográfica sobre seu amigo Henry Irving, um ator muito famoso e seu amigo próximo: “Eu era naturalmente pensativo, e o ócio de uma longa doença forneceu a oportunidade a muitos pensamentos que foram frutíferos, de acordo com sua qualidade, em anos posteriores”. Esse dado biográfico é relevante e está refletido em diversos temas tratados ao longo de toda a sua obra, tais como a impossibilidade da fala e dos movimentos e a oposição entre os ambientes fechados (claustro) e o mundo externo.

Jovem adulto, Stoker inicia sua carreira como crítico de teatro no periódico *Dublin Evening Mail*. Em uma de suas críticas, escreve sobre uma montagem de *Hamlet* estrelada por Henry Irving, fato que deu ensejo à dura doura amizade entre ambos. Literariamente, seu *début* se deu com contos publicados em jornais a partir de 1872. Seguiram-se romances e coletâneas de contos, destacando-se a presente obra, *Sob o pôr do sol* (publicada em 1882), e sua obra máxima, *Drácula*, publicada em 1897.

Drácula é um dos romances mais conhecidos da literatura inglesa do século XIX, tendo sido desde então adaptado para teatro, cinema e usado como referência ou ponto de partida para outras obras literárias. O tema central do romance, o vampirismo, que está presente em lendas e mitos antigos, encontrou um grande desenvolvimento no gótico literário inglês. Bram Stoker partiu de tais lendas e de referências literárias para desenvolver sua própria concepção de vampirismo, acrescentando-lhe características peculiares e inéditas. *Drácula* possuiu uma longa gestação, cerca de sete anos, durante os quais o autor reuniu mais de cem páginas manuscritas com in-

SOB O PÔR DO SOL

formações acerca de costumes, modos, atitudes, localizações geográficas, reações médicas, relatos de viagem e referências literárias, todo um material de pesquisa que foi em larga medida processado e incorporado à obra.

Literariamente, Stoker bebeu das mais diversas fontes, em especial da poesia e da prosa inglesas, norte-americanas e alemãs. Neste breve texto introdutório, porém, seria inoportuna a análise de toda essa gama de influências. Aqui, basta que se aponte para o aspecto fundamental da ficção do autor, que está presente tanto em *Sob o pôr do sol* (uma obra de juventude) quanto em *Drácula* (uma obra de maturidade): a articulação da narrativa com base em dualidades de extremos como “bem e mal”, “luz e trevas”, “amor e ódio”.

O livro *Sob o pôr do sol* inicia com um conto cujo título é justamente “Sob o pôr do sol”. Trata-se de um conto-moldura, que cria uma espécie de quadro, com características próprias, “dentro” do qual deve ser feita a leitura dos contos subsequentes. Por meio dessa técnica literária, Stoker estabelece um fio condutor que alinhava todas as narrativas do livro, definindo o lugar e o tema de todas as histórias, respectivamente: o País sob o pôr do sol e as lutas travadas entre o “bem” e o “mal”.

O País sob o pôr do sol tem em seu centro um castelo, é governado por um Rei bom e povoado por pessoas puras, pias e dedicadas ao bem. Na região fronteiriça pela qual passa a única estrada que liga o país ao exterior, a terra é mais seca, com menos vida e menos luz. É nessa fronteira que se ergue o Portal guardado por dois anjos celestes. Para além dele há outro país, de terra desolada, em cujo centro habita outro Rei (personagem do conto “O Castelo do Rei”), que é exatamente o oposto do Rei bondoso e caridoso do País sob o pôr do sol. Nessa outra

APRESENTAÇÃO

terra, a paisagem é assustadora: somente trevas e vales escuros. Os habitantes são todos seres os mais repugnantes: desde animais peçonhentos a fantasmas e espíritos de não mortos e não vivos. Enfim, além do Portal, está tudo o que há de perigoso e repulsivo às pessoas puras do País sob o pôr do sol. A oposição entre “bem” e “mal”, que confere uma base religiosa cristã para o conto (Stoker era ele mesmo um homem religioso) já está delimitada no primeiro dos contos da coletânea e retornará, em maior ou menor grau, em todas as demais narrativas⁵.

O segundo conto do volume, “O Príncipe da Rosa”, trata da batalha do filho do Rei do País Sob o Pôr do Sol contra um gigante que foi enviado de fora para castigar as pessoas que se desviam do caminho justo e incorrem em pecados. Com essa história, Stoker parece sugerir que toda disputa violenta sempre tem um efeito nocivo sobre o povo, que sofre suas consequências mesmo quando a luta é vencida pelo lado virtuoso e não exige a participação direta da população. Por mais que não pareça ter uma influência gótica tão acentuada, “O Príncipe da Rosa” apresenta uma característica típica do gênero: a fabulação de costumes e perversões a partir de uma perspectiva maniqueísta.

Os elementos do gótico propriamente dito começam a aparecer no terceiro conto do livro, “O Gigante Invisível”. No País sob o pôr do sol, com o argumento de que o mal não tem capacidade de triunfar nesse mundo, as pessoas relevam a boa conduta e a atenção à solidariedade. Em meio a tal ambiente de displicência moral, uma me-

5. Segundo uma leitura psicanalítica, o conto “País sob o pôr do sol” representa um *claustrum*, um lugar análogo ao útero materno, um estado primitivo de conforto e nutrição, do qual estariam afastados os perigos do mundo exterior (v. BIERMAN, 1988, p 167).

SOB O PÔR DO SOL

nina órfã, Zaya, enxerga aproximando-se da cidade um Gigante imenso, que traz consigo os males do mundo como castigo às atitudes perversas do povo. No entanto, ele é visto somente pela menina, que tenta em vão avisar a todos de sua aproximação funesta⁶. O conto então se reveste de uma atmosfera sombria, e o elemento da morte começa a aparecer com mais intensidade, conforme mostram as belas ilustrações originais que também estão presentes nesta edição.

É no quarto conto da obra, “O Construtor de Sombras”⁷, que o gótico está mais bem representado. A personagem que dá nome à narrativa é um ser sombrio, esquivo, solitário, que habita um local incerto. Ele constrói sombras das vidas de seres humanos que passarão por um limiar entre a vida e a morte, viverão e enfim retornarão a uma procissão de sombras, que permanece a vagar sem rumo, eternamente. O terror, o horror e o medo, sentimentos arraigados no mais íntimo do ser humano, estão explicitados na atitude do Construtor de Sombras e no lugar sobrenatural em que atua e habita. Em vez do sonho presente no conto “Sob o pôr do sol”, agora o pesadelo se torna protagonista. Tal clima de pesadelo é intensificado ao máximo na passagem em que uma mãe se esforça por salvar seu bebê, que atravessou o limiar entre a vida e a

6. O Gigante simboliza as pragas bíblicas do *Velho Testamento*. É interessante notar o paralelo entre a personagem de Zaya, neste conto, e a de Cassandra, na mitologia. Segundo algumas versões do mito grego, o dom da profecia foi dado a Cassandra por Apolo. Entretanto, uma vez que ela não cedia aos avanços do deus, este lhe retira o poder do convencimento mas preserva o da profecia. Como resultado, Cassandra passa a alertar a todos acerca dos males por vir sem jamais ser escutada.

7. A história foi adaptada para o cinema em 1988, sob o título *Shadow Builder* (em português, *O senhor das sombras*).

APRESENTAÇÃO

morte⁸. Trata-se de um dos momentos mais belos e poéticos de todo o livro. O tratamento literário desse trecho é perceptível até mesmo na pontuação, manejada por Stoker com maestria: as frases tornam-se mais curtas e o andamento é acelerado, de modo a criar um clima de suspense e preparar o desfecho.

O interesse que Stoker possuía pelas ciências exatas, que em sua época avançavam a plenos pulmões, é bastante perceptível no quinto conto da coletânea, “Como o 7 ficou louco”. A história lida de maneira emblemática com o mais importante e característico tema da literatura gótica: o conflito entre o racional e o irracional. No entanto, um professor conta uma história acerca do número 7, ressaltando a importância do aprendizado da matemática. Pouco depois, um de seus alunos desdenha desse número, que então desaparece misteriosamente do cotidiano de seus colegas. Em uma virada inesperada, o fim do conto contém elementos do grotesco e do estranho, que realçam justamente a tensão entre o racional e irracional.

O sexto conto, “Mentiras e lírios”, está ligado ao tema da mentira, recorrente na obra de Bram Stoker. A história relata como a menina Claribel⁹ sofre a influência de um “Espírito Mau”, Skooro (que já aparece no primeiro conto como influência negativa no mundo) e de um espírito bom, Chiaro¹⁰. Sua professora prega que os mentirosos sejam condenados ao ostracismo, uma pena que con-

8. Essa passagem em que uma mãe parte em busca de seu filho parece inspirada pelo romance *Robinson Crusoe* (1719), de Daniel Defoe.

9. O nome evoca a pureza da personagem, relacionando-a tanto à “luz” e à “claridade” quanto à “beleza”.

10. Ambos os nomes compõem mais uma das múltiplas dualidades presentes em *Sob o pôr do sol*: “Chiaro” evoca o termo homógrafo ita-

SOB O PÔR DO SOL

siste em denegar-lhes as benesses da vida ao bani-los do País sob o pôr do sol¹¹. Aqui, a oposição entre “dentro” e “fora” retoma o contraste bíblico entre o “digno” e o “in-digno” e, por extensão, entre o “bom” (pessoa que fala a verdade) e o “mau” (pessoa que mente).

Assim como em “O Construtor de Sombras”, o sétimo conto da coletânea, “O Castelo do Rei”, traz os elementos do gótico ao primeiro plano. Já na frase de abertura, a morte e a loucura aparecem de modo explícito, dando ao conto um tom sombrio que gradualmente se intensifica. O protagonista é chamado de “Poeta”, alegoria de um tipo humano associado ao ato da criação, ao desbravamento de distâncias físicas e imaginárias por meio da poesia. Desde o mito grego de Tirésias, os poetas são tidos “como os cegos, podem ver na escuridão” – comparação que se ajusta perfeitamente ao conto. Desejando resgatar (ou se unir à) sua amada no temível castelo do Rei da Morte, que fica além do Portal do País sob o pôr do sol e simboliza um lugar de antítese completa aos valores que ali reinam, o Poeta parte em uma jornada por terras sombrias. Atravessa o Vale das Sombras¹², escutando a Música das Esferas¹³, passando por diversos perigos e dificuldades, a fim de alcançar o castelo do Rei da Morte e

liano para “claro, luminoso, ilustre”, representando o “bem”; já “Skoro” evoca “escuro, obscuro, triste, sombrio”, representando o “mau”.

11. Tal como a professora neste conto, o Sr. Swales, no *Drácula*, também prega contra a mentira, condenando as falsidades inscritas nas lápides dos túmulos da abadia de Whitby. Ambas as personagens também se assemelham pela personalidade doce e amigável.

12. Clara referência bíblica ao Salmo 23, intitulado “O bom Pastor”, relacionado à tradição de Davi.

13. A concepção de uma “música das esferas” provém de Pitágoras, segundo o qual os astros celestes emitem uma música em harmonia com o cosmos.

APRESENTAÇÃO

enfrentá-lo frente a frente. A narrativa dá a entender que semelhante aventura só poderia ser empreendida por um poeta, indivíduo excepcional que se distingue pela coragem de criar e ousar novas formas.

A paisagem que o Poeta encontra em sua viagem é um rarear de plantas, um suceder de cavernas, montanhas e abismos, um desfile de bestas ferozes e animais peçonhentos, em especial, de cobras. À medida que se aproxima da raiz de todo o mal, o castelo do Rei da Morte, o poeta testemunha o terror e o horror absolutos, que afugentam até mesmo aqueles animais rudes e nocivos. No entanto, mesmo exausto e com pés corroídos pela jornada, o Poeta prosseguirá com sua missão para, talvez, conseguir resgatar sua esposa, presa nas garras da morte.

Como se vê, o clima sombrio, os frequentes adjetivos relacionados à morte e a presença de animais peçonhentos não só dão a esse conto a atmosfera própria das narrativas góticas como também revelam afinidades entre a obra de Stoker e as de Edgar Allan Poe e H.P. Lovecraft, dois dos maiores expoentes da literatura de terror. E tal como em Poe e Lovecraft, Stoker também sabe dar aos temas mórbidos e sombrios um forte teor poético. Valendo-se de um trato sugestivo da linguagem na descrição de sons, cores e lugares, a narrativa consegue a façanha de combinar a sensação de suspense com um tom ameno, a despeito de toda a dureza e toda a crueldade que permeiam a jornada do Poeta. As ilustrações originais também sugerem uma atmosfera completamente enegrecida diante do horizonte, transmitindo um clima de desolação e isolamento em contraste com o mundo cheio de luz presente em outros contos.

O ambiente noturno e sombrio desaparece no oitavo e último conto do livro, “A Criança Maravilhosa”. Numa

SOB O PÔR DO SOL

atmosfera diametralmente oposta à de “O Castelo do Rei”, a história narra a descoberta de um bebê por duas crianças, os irmãos Sibold e May, que se aventuraram em um mundo paralelo ao transpassar a fenda de um salgueiro, árvore miticamente associada à pureza e à imaginação. O bebê que encontram nessa outra dimensão, apesar de possuir traços de divindade benfazeja, demonstra necessitar de cuidados e de atenção, pois sua bondade o expõe a diversos perigos, sugerindo a associação simbólica com a figura do menino Jesus. Um tom sapiencial permeia esse último conto do livro, pois o bebê explica às crianças como o comportamento delas deve ser para que possam levar a vida de uma maneira justa e feliz. Após esse período de aprendizagem, os dois irmãos retornam ao mundo real, e a história termina com ambos dormindo rodeados de papoulas¹⁴.

* * *

As anotações dos diários de Bram Stoker, descovertos há pouco tempo, elucidam de modo particularmente penetrante muitas semelhanças entre *Sob o pôr do sol* e os romances posteriores do autor. Nesses diários é possível encontrar ideias centrais de seu projeto literário e até mesmo a semente de certos escritos. Por exemplo:

“Um homem constrói uma sombra em uma parede, pedaço a pedaço, acrescentando nela sua substância. De repente, a sombra se torna viva.”

14. A presença das papoulas nas descrições de Stoker pode estar associada ao ópio, substância muito consumida à época como fonte de inspiração criadora.

APRESENTAÇÃO

Em nota marginal a esse apontamento, Stoker escreve: “Ideia usada em *Sob o pôr do sol*”, numa evidente alusão a “O Construtor de Sombras”.

Já outra passagem dos diários diz o seguinte:

“Anot.[Anotação] para história para crianças: Palácio da Fada Rainha. Criança vai dormir e o palácio cresce – céu muda para cortinas azuis de seda etc.”

A ideia expressa nesse apontamento aparentemente tem a intenção de descrever um processo da imaginação infantil pelo qual a criança se transporta do mundo real para o onírico. Ora, semelhante transporte psicológico pode ser identificado em vários momentos de *Sob o pôr do sol*, especialmente em “Como o 7 Ficou Louco” e “Mentiras e lírios”. O universo infantil, com efeito, permeia toda a obra de Stoker: as crianças que povoam os contos de *Sob o pôr do sol* como exemplos de candura serão, no romance *Drácula*, as vítimas preferidas de Lucy, exatamente por serem puras de alma e de sangue.

Mas não é apenas nos diários de Stoker que se podem constatar as estreitas relações entre *Sob o pôr do sol* e *Drácula*. Como já sugerido, é patente o paralelo entre a centralidade do tema da mentira no conto “Mentiras e lírios” e as invectivas do Sr. Swales contra as mentiras em *Drácula* (ver nota 11). Também é perceptível a proximidade entre o Médico de Alfabeto, no conto “Como o 7 Ficou Louco”, e o médico John Seward, em *Drácula*.

No entanto, a mais clara semelhança entre a coletânea de contos e o romance é dada pela comparação entre a descrição da paisagem que o Poeta vê ao aproximar-se do castelo do Rei da Morte, em “O Castelo do Rei”, e a descrição da paisagem que Jonathan Harker vê ao aproximar-se do castelo do Conde Drácula. Em “O Cas-

SOB O PÔR DO SOL

telo do Rei”, depois de ser aconselhado a não se aventurar em um mundo perigoso e desconhecido, o Poeta inicia uma longa travessia em busca de sua Amada, que está nos braços da morte. A caminhada é interrompida pelo encontro com animais que representam grande perigo; estradas vicinais levam a cavernas e a passagens estreitas por entre montanhas, que têm a função de desviar a atenção de quem passa por lá; a vegetação, em vez de fornecer alguma espécie de alimento, torna-se seca e cada vez mais rara; brumas e névoas atravancam os sentidos, obnubilando o caminho e minando a disposição do poeta em continuar sua missão. Esses elementos de uma natureza sombria que acompanha externamente o ânimo inflamado do protagonista também estão presentes em *Drácula*. Ao se dirigir pela primeira vez ao castelo do conde, construção oculta atrás de uma cadeia montanhosa, Jonathan Harker é aconselhado pelos locais da Transilvânia a não viajar com a carruagem enviada por Drácula. Harker, no entanto, embarca na carruagem, que é guiada por um estranho condutor. Observando a paisagem ao seu redor, à medida que sobe os estreitos caminhos pelas montanhas, Harker percebe mudanças incomuns: brumas e névoas envolvem a noite densa e o fazem acreditar que está andando em círculos; no meio do nevoeiro, surgem pequenos clarões, que, como depois se saberá, são os espíritos dos mortos de uma antiga batalha que ali acontecera; as montanhas tornam-se cada vez mais íngremes e os caminhos cada vez mais perigosos, ameaçando a carruagem com seus desfiladeiros; por fim, divisa-se o castelo do Conde. Está coberto de escuridão e névoas, envolto por sons estranhos e uivos de lobos, circundando por uma paisagem desolada. As jornadas do Poeta e de Harker até o lugar do mau, além de muito semelhantes, tam-

APRESENTAÇÃO

bém indicam um claro paralelismo entre o Rei da Morte, em “O Castelo do Rei”, e o Conde Drácula no romance homônimo.

De resto, cabe dizer que a proximidade entre as obras não se refere apenas às semelhanças de enredo, mas também à comunhão dos grandes temas. Com efeito, tanto os contos de *Sob o pôr do sol* quanto o romance *Drácula* se estruturam sobre as oposições “bem e mal”, “claro e escuro”, “verdade e mentira”, “razão e desrazão”. Além disso, também se caracterizam pela forte presença do universo infantil, do moralismo e da religiosidade. Ambos os livros se complementam formal e tematicamente, mostrando o que há de melhor no riquíssimo mundo narrativo de Bram Stoker. *Sob o pôr do sol*, em especial, não obstante ser uma das primeiras obras do autor, revela com ainda maior força a poeticidade de sua prosa, com trechos de grande lirismo e maestria na arte de contar histórias. A presente tradução, a primeira para o português, buscou ser fiel às nuances do original e à qualidade da linguagem de Stoker, vindo a público para mostrar ao leitor brasileiro que o talento de Bram Stoker não se resume a um livro só.

* * *

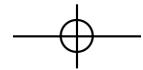
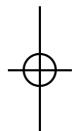
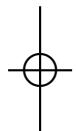
BREVE BIBLIOGRAFIA E SUGESTÕES DE LEITURA

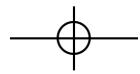
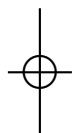
- ▷ BIERMAN, Joseph S.: “A Crucial Stage in the Writing of *Dracula*”; in HUGHES, William & SMITH, Andrew (orgs.): *Bram Stoker: History, Psychoanalysys and the Gothic*, MacMillan, Londres, 1988, pp 151–172.
- ▷ ROGERS, David: “Introduction”; in STOKER, Bram: *Dracula*, Wordsworth Editions, Londres, 2000, pp v-xix.

SOB O PÔR DO SOL

- ▷ SENF, Carol A.: *Science and Social Science in Bram Stoker's Fiction*, Greenwood Press, Londres, 2002.
- ▷ STOKER, Bram & MILLER, Elizabeth & STOKER, Dacre (eds.): *The lost Journal of Bram Stoker: The Dublin Years*, Biteback Publishing, Londres, 2013.
- ▷ VASCONCELOS, Sandra Guardini: *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*, Boitempo Editorial, São Paulo, 2002, pp 118–135.

Sob o pôr do sol





Dedicatória

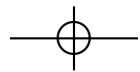
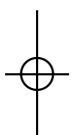
A

MEU FILHO

cuyo Anjo contempla o rosto

do

REI



Sob o pôr do sol

Longe, muito longe, há um belo País que nenhum olho humano jamais viu em vigília. Ele fica Sob o Pôr do Sol, onde o horizonte distante desenha os limites do dia, e onde as nuvens, esplêndidas em luz e cor, prometem a glória e a beleza que o cerca.

Algumas vezes, podemos vê-lo em sonhos.

De vez em quando se achegam Anjos, ternamente, abanando com suas grandes asas brancas os cenhos franzidos, e repousam as mãos de bálsamo sobre os olhos dormentes. Então, o espírito do adormecido levanta voo. Ele se alça do ofuscamento e das trevas da temporada noturna. Veleja para longe através das nuvens púrpuras. Apresa-se pela vasta amplidão de luz e ar. Voa pelo azul intenso da abóbada celeste e, estendendo-se pelo longínquo horizonte, repousa no belo Reino Sob o Pôr do Sol.

Esse País é como o nosso em vários sentidos. Tem homens e mulheres, reis e rainhas, ricos e pobres; tem casas, e árvores, e campos, e pássaros, e flores. Há ali dia e também noite, e calor e frio, e doença e saúde. Os corações dos homens e das mulheres, e de garotos e de garotas, batem como os daqui. Há as mesmas tristezas e as mesmas alegrias, e as mesmas esperanças e os mesmos medos.

Se uma criança daquele País estivesse ao lado de uma criança daqui, você não poderia apontar a diferença entre elas, exceto que somente as roupas são diferentes. Elas

SOB O PÔR DO SOL

falam a mesma língua que nós. Não sabem que são diferentes de nós, e não sabemos que somos diferentes delas. Quando vêm até nós em seus sonhos, não sabemos que são estranhas; e quando vamos ao País delas em nossos sonhos, parecemos estar em casa. Talvez isso ocorra porque os lares das pessoas boas estão em seus corações; e, em qualquer lugar em que possam estar, terão paz.

O País Sob o Pôr do Sol foi por longas eras um Reino fantástico e agradável. Nada havia que não fosse belo e doce e agradável. Foi somente quando chegou o pecado que as coisas começaram a perder sua perfeita beleza. Mas até mesmo agora é uma terra fantástica e agradável.

Porque lá o sol é forte, às margens de todas as estradas estão plantadas grandes árvores que espalham seus galhos grossos. Assim, os viajantes encontram abrigo quando passam. Os marcos à margem são fontes de água fresca e agradável, tão clara e cristalina que, quando o viajante chega a uma delas, senta no banco de pedra talhada a seu lado e dá um suspiro de alívio, pois sabe que haverá descanso.

Quando é pôr do sol aqui, lá é o meio do dia. As nuvens se ajuntam e com suas sombras livram o Reino do calorão. Daí, por um curto tempo, tudo adormece.

Essa hora agradável e pacífica é chamada de Hora do Descanso.

Quando ela chega, os pássaros param seu canto, e repousam sob as amplas calhas das casas ou nos galhos das árvores, onde eles se juntam aos troncos. Os peixes param de agitar-se e descansam sob as pedras, com suas barbatanas e caudas tão imóveis como se estivessem mortos. As ovelhas e o gado descansam sob as árvores. Os homens e as mulheres deitam-se em redes estendidas entre

SOB O PÔR DO SOL

as árvores ou nas varandas de suas casas. Então, quando o sol para de resplandecer intensamente e as nuvens se dissipam, todas as coisas vivas acordam.

As únicas coisas vivas que não dormem na Hora do Descanso são os cachorros. Eles ficam deitados, muito quietos, somente meio dormindo, com um olho aberto e uma orelha levantada, mantendo vigilância o tempo todo. Assim, se algum estranho chega durante o momento de Descanso, os cães se levantam e o observam calmamente, sem latir, para não perturbar ninguém. Eles sabem se o recém-chegado é inofensivo; e, quando é assim, deitam-se novamente, e o estranho também se deita, até que termine a Hora do Descanso.

Mas se os cães pensam que o estranho veio para causar malefícios, eles latem alto e rosnam. As vacas começam a mugir e as ovelhas a balir, e os pássaros a gorjeejar e a cantar suas notas mais altas, mas sem música; e até mesmo os peixes começam a se agitar de lá para cá e a espirrar água. Os homens acordam e saltam de suas redes, e agarram suas armas. Então, o intruso passa por maus momentos. Imediatamente é levado à Corte e julgado, e, se a sentença o considerar culpado, é encarcerado ou banido.

Depois os homens voltam para suas redes, e todas as coisas vivas novamente se retiram até que a Hora do Descanso termine.

À noite acontece o mesmo que na Hora do Descanso, caso um intruso venha para causar malefícios. À noite, somente os cães e os doentes e suas enfermeiras estão acordados.

Qualquer um só pode deixar o País Sob o Pôr do Sol seguindo numa única direção. Aqueles que vão para lá em sonhos, ou aqueles que vêm em sonhos para nosso mundo, vêm e vão sem saber como. Mas, se um habitante

SOB O PÔR DO SOL

tentar deixá-lo, só conseguirá de uma única maneira. Se tentar de outras maneiras, vagueará infinitamente, dando voltas sem perceber, até chegar ao único lugar por onde pode partir.

Esse lugar é chamado de Portal, e ali os Anjos mantêm guarda.

O palácio do Rei fica exatamente no meio do País, e as estradas estendem-se a partir dele para todos os lados. Quando o Rei se posta no topo da torre, que se ergue a uma grande altura no meio de seu palácio, consegue estender seu olhar pelas estradas, que são todas bem retas.

Elas parecem se tornar mais e mais estreitas à medida que seguem adiante, até que por fim se perdem totalmente na ampla distância.

Em volta do palácio do Rei estão reunidas casas de grandes nobres, cada uma de um tamanho proporcional ao posto de seu dono. Ao lado delas, vêm as casas dos menos nobres; e depois aquelas de todas as outras pessoas, tornando-se cada vez menores à medida que se vai mais adiante.

Toda casa, grande e pequena, ergue-se no meio de um jardim que tem uma fonte e um curso d'água, e grandes árvores, e canteiros de belas flores.

Mais ao longe, em direção ao Portal, o país torna-se cada vez mais selvagem. Para além dele, há densas florestas e grandes montanhas repletas de cavernas profundas, tão escuras quanto a noite. Ali, animais selvagens e todas as coisas crueis têm sua morada.

Então surgem pântanos e brejos e lamaçais profundos e instáveis, e densas selvas. Depois tudo se torna tão selvagem que a estrada some completamente.

Nenhum homem sabe o que há nos lugares selvagens mais além. Alguns dizem que os Gigantes que ainda exis-

SOB O PÔR DO SOL

tem vivem ali, e que todas as plantas venenosas crescem lá. Dizem que há um vento iníquo que carrega as sementes de todas as coisas más e as espalha sobre a terra. Há alguns que dizem que esse mesmo vento iníquo também espalha as Doenças e as Pragas que existem ali. Outros dizem que a Fome vive lá nos pântanos, e que se aproxima silente se os homens são maus – tão maus que os Espíritos que guardam essa terra choram muito amargamente quando não a veem passar.

Murmuram que a Morte tem seu reino nos Ermos além dos pântanos, e que vive num castelo tão terrível de se olhar que ninguém jamais o viu e viveu para contar como ela é. Também dizem que todas as coisas más que vivem nos pântanos são os desobedientes Filhos da Morte, que deixaram seus lares e não conseguem mais encontrar o caminho de volta.

Mas nenhum homem sabe onde fica o Castelo do Rei Morte. Todos os homens e mulheres, garotos e garotas, e mesmo as crianças pequenas devem viver de tal modo que, quando tiverem de entrar no Castelo e ver o Rei macabro, não tenham medo de contemplar seu rosto.

Por muito tempo, a Morte e seus Filhos permaneceram fora do Portal e tudo dentro dele era alegria.

Mas eis que veio um tempo em que tudo mudou. Os corações se esfriaram e endureceram de orgulho à medida que a prosperidade aumentava e os homens não prestaram mais atenção às lições que lhes tinham sido ensinadas. Então, quando lá dentro houve frieza e indiferença e desdém, os Anjos em guarda perceberam nos terrores lá de fora os meios de punição e a lição que poderia fazer bem.

As boas lições vieram – como muito frequentemente vêm as coisas boas – depois de dor e de provação, e elas

SOB O PÔR DO SOL

ensinaram muito. A história da sua vinda guarda uma lição para o bom entendedor.

No Portal, dois Anjos vigiavam e mantinham guarda constantemente. Esses anjos eram tão majestosos e tão vigilantes, e sempre tão firmes em sua guarda, que havia somente um nome para ambos. Cada um deles ou o par, quando interpelado, seria chamado pelo nome inteiro. Um deles conhecia tanto quanto o outro sobre qualquer coisa que pudesse ser conhecida. Isso não era tão estranho, pois ambos conheciam tudo. O nome deles era Fid-Def.

Fid-Def estavam de guarda no Portal. Ao lado deles havia uma Criança-Anjo, mais bela do que a luz do sol. A silhueta de sua bela forma era tão suave que sempre parecia estar desvanecendo no ar; parecia uma luz viva e sagrada.

Ela não ficava em pé como os outros Anjos, mas flutuava para cima e para baixo e por todo lado. Algumas vezes era somente uma pequena mancha, e, então, de repente, sem parecer passar por qualquer mudança, tornava-se maior do que os grandes Espíritos Guardiões, os mesmos desde sempre.

Fid-Def amavam a Criança-Anjo, e às vezes, quando porventura ela se levantava, eles abriam suas grandes asas brancas, sobre as quais ela subia. E, com suas próprias asas, belas e delicadas, arejava os rostos deles suavemente quando se viravam para falar.

Mas a Criança-Anjo nunca cruzava o limiar. Ela olhava para o ermo ao longe, mas nunca colocava nem mesmo a ponta de sua asa para além do Portal.

Ela sempre fazia perguntas para Fid-Def, e parecia querer saber o que havia lá fora, e como tudo lá diferia de tudo daqui.

SOB O PÔR DO SOL

As perguntas e as respostas dos Anjos não eram como as nossas perguntas e respostas, pois não havia necessidade de fala. No momento em que vinha o pensamento de querer saber alguma coisa, a pergunta era feita e a resposta era dada. Mas, mesmo assim, a pergunta não deixava de ser feita pela Criança-Anjo e respondida por Fid-Def; e, se conhecêssemos a não-língua que os Anjos estavam não-falando, teríamos ouvido Fid-Def falando com Fid-Def da seguinte maneira:

“Chiaro não é belo?”

“É muito belo. Ele será um novo poder no Reino.”

Aqui, Chiaro, que estava apoiado com um pé na pluma da asa de Fid-Def, disse:

“Digam, Fid-Def, o que são aqueles Seres além do Portal, de aparência horrível?”

Fid-Def responderam:

“São os Filhos do Rei Morte. O mais horrível de todos, envolto em trevas, é Skooro, um Espírito Mau.”

“Como eles parecem horríveis!”

“Muito horríveis, caro Chiaro. E esses Filhos da Morte querem cruzar o Portal e entrar no Reino.”

Chiaro, diante da terrível notícia, ergueu-se para o alto, e ficou tão grande que todo o País Sob o Pôr do Sol passou a brilhar. Logo depois, entretanto, foi diminuindo, diminuindo, até que virou somente uma mancha, como o facho colorido visto num quarto escuro quando o sol entra por uma fresta. Ele perguntou aos Anjos do Portal:

“Digam-me, Fid-Def, por que os Filhos da Morte querem entrar?”

“Porque, querida Criança, eles são malvados, e querem corromper os corações dos moradores do Reino.”

SOB O PÔR DO SOL

“Mas me digam, Fid-Def, eles conseguem entrar? Tenho certeza que, se o Pai-Supremo diz ‘Não!’, eles têm de ficar para sempre fora do Reino.”

Depois de uma pausa veio a resposta dos Anjos do Portal:

“O Pai-Supremo é mais sábio do que até mesmo os Anjos podem conceber. Ele expulsou os malvados com seus próprios truques, e fez o caçador cair em sua própria armadilha. Os Filhos da Morte, quando entram – como estão prestes a fazer – fazem muitas coisas boas no Reino ao qual querem fazer mal. Pois veja!, os corações das pessoas estão corrompidos. Eles esqueceram as lições que lhes foram ensinadas. Não sabem o quanto deveriam ser gratos por sua sorte, pois não conhecem a tristeza. Deve haver alguma dor ou pesar ou tristeza para que possam ver o erro de seus caminhos.”

Enquanto falavam, os Anjos choraram de dor pelos pecados do povo e pelo sofrimento que ele teria de suportar.

A Criança-Anjo respondeu assombrada:

“Então esse, que é o Ser mais horrível, também está para entrar no Reino... Ai! Ai!”

“Querida Criança”, disseram os Espíritos Guardiães enquanto a Criança-Anjo deslizou para seus peitos, “a você está incumbido um grande dever. Os Filhos da Morte estão prestes a entrar. A você foi confiada a vigilância sobre esse Ser horrível, Skooro. Onde quer que ele vá, lá você deverá estar também; assim, nada de mal poderá acontecer –, exceto somente aquilo que é pretendido ou permitido.”

A Criança-Anjo, maravilhada pela grandeza da confiança, decidiu que sua tarefa deveria ser bem-feita. Fid-Def continuaram:

SOB O PÔR DO SOL

“Você deve saber, querida Criança, que sem a escuridão não há medo algum do invisível; e nem mesmo a escuridão da noite consegue assustar caso haja luz dentro da alma. Ao bom e ao puro não há medo, seja das coisas más da terra, seja dos Poderes invisíveis. A você é confiada a guarda do puro e do verdadeiro. Skoro lançará sua sombra sobre eles; mas sua missão é penetrar em seus corações e por sua própria luz gloriosa tornar a sombra dos Filhos da Morte invisível e desconhecida.”

“Mas você se manterá afastado de quem faz o mal, isto é, dos perversos, e dos mal-agradecidos, e dos impiadosos, e dos impuros, e dos falsos você se manterá afastado; e assim, quando o procurarem para que lhes dê conforto – como sempre haverão de fazer –, eles não o verão. Eles irão ver somente a sombra que a sua luz distante fará parecer ainda mais escura, pois a sombra estará em suas próprias almas.”

“Mas, oh!, Criança, nosso Pai é bom para além do acreditável. Ele ordena que, caso uma pessoa seja má e se arrependa, você voará imediatamente até ela e a confortará, e a ajudará, e a animará, e compelirá a sombra para longe. Caso a pessoa apenas finja se arrepender, intencionando ser novamente má quando o perigo passar, ou caso ela aja somente por medo, então você esconderá sua claridade para que a sombra cresça sobre ela e escureça ainda mais. Agora, querido Chiaro, torne-se invisível. Aproxima-se a hora em que será permitido ao Filho da Morte entrar no Reino. Ele tentará entrar sorrateiramente, e nós vamos deixar, pois devemos trabalhar invisíveis e incógnitos para desempenharmos nossa função.”

Então a Criança-Anjo desvaneceu-se lentamente, a fim de que nenhum olho – nem mesmo os de Fid-Def –

SOB O PÔR DO SOL

pudessevê-lo; e os Espíritos Guardiões se postaram como sempre ao lado do Portal.

A Hora do Descanso chegou, e tudo estava quieto no Reino.

Quando os Filhos da Morte, bem ao longe nos pântanos, viram que nada estava em movimento, exceto os Anjos que estavam como sempre de guarda, resolveram tentar mais uma vez entrar no Reino.

Assim, dividiram-se em muitas partes. Cada parte assumiu uma forma diferente, mas todas juntas se movessem em direção ao Portal. Dessa maneira, os Filhos da Morte chegaram bem perto do limiar do Reino.

Eles vieram sobre a asa de um pássaro que passava; numa nuvem que deslizava lentamente pelo céu; nas cobras que rastejavam sobre a terra; nos vermes, e ratos, e toupeiras que se arrastavam sob ela; nos peixes que nadavam e nos insetos que voavam. Vieram por terra e água e ar.

Então, sem obstáculos ou impedimentos, e de muitas formas, os Filhos da Morte entraram no país Sob o Pôr do Sol; e a partir daquela hora tudo naquele belo Reino mudou.

Os Filhos da Morte não se mostraram imediatamente. Um a um, os espíritos mais arrojados entre eles, espreitando o Reino com passadas cruéis, preenchiam todos os corações com terror à medida que avançaram.

Entretanto, cada um e todos eles deixaram uma lição para o bem nos corações dos moradores do Reino.

O Príncipe da Rosa

Há muito, muito tempo – há tanto tempo que, se alguém tenta pensar tão longe no passado, é ainda mais longe –, o Rei Mago reinava no País Sob o Pôr do Sol. Era um rei velho, sua barba branca cresceria tanto que quase tocava o chão. E todo seu reinado transcorrera no esforço de fazer seu povo feliz.

Ele tinha um único filho, de quem gostava muito. Esse filho, o Príncipe Zaphir, era bastante merecedor do afeto de seu pai, pois era tão bom quanto se pode ser. Ainda era apenas um garoto, e nunca tinha visto o belo e doce semblante de sua mãe, que morrera quando era apenas um bebê. Amiúde ficava muito triste por não ter mãe quando pensava que os outros garotos tinham mães carinhosas em cujos joelhos aprendiam a rezar, que vinham lhes dar beijos à noite em suas camas. Ele achava estranho que muitas das pessoas pobres nos domínios de seu pai tivessem mães, enquanto ele, o príncipe, não tinha. Quando pensava assim, tornava-se muito humilde; pois sabia que nenhum poder, ou riqueza, ou juventude, ou beleza salvaria qualquer pessoa do destino de todos os mortais, e que a única coisa bela no mundo, cuja beleza dura para sempre, é uma alma justa e pura. Ele sempre lembrava, entretanto, que, embora não tivesse mãe, tinha um pai que o amava muito e, assim, consolava-se e ficava contente.



O PRÍNCIPE DA ROSA

Costumava devanear muito sobre diversas coisas; e frequentemente, até mesmo durante a luminosa Hora do Descanso, quando todas as pessoas dormiam, ia para o bosque perto do palácio e pensava e pensava sobre tudo o que era belo e verdadeiro, enquanto seu fiel cão Gomus se agachava a seus pés e às vezes balançava a cauda, como que para dizer:

“Aqui estou eu, príncipe. Também não estou dormindo.”

O Príncipe Zaphir era tão bom e amável que nunca machucou qualquer coisa viva. Se visse à sua frente um verme rastejando na estrada, passava cuidadosamente acima dele a fim de não o machucar. Se visse uma mosca caída na água, ele a levantava com cuidado e a soltava, com as asas livres, no ar claro e glorioso: tão bom era que todos os animais que uma vez o tinham visto o reconheciais, e, quando se sentava em seu lugar favorito no bosque, ali surgia um zunzum alegre vindo de todos os seres vivos. Aqueles insetos brilhantes, cujas cores mudam de hora em hora, mostravam suas cores mais vivas e se expunham ao cintilar da luz do sol que penetrava oblíqua entre os galhos das árvores. Os insetos ruidosos se cobriam com seus abafadores para não perturbá-lo; e os passarinhos descansando nas árvores abriam seus olhos redondos e brilhantes, e saíam, e piscavam os olhos à luz, e assobiavam canções jubilosas de boas-vindas com todas as suas notas mais doces.

Acontece assim sempre com pessoas afáveis e amorosas. Os seres vivos que têm vozes tão doces quanto as de um homem ou de uma mulher e que falam idiomas próprios, apesar de não os podermos entender, falam a tais pessoas com notas alegres e lhes desejam boas-vindas a seu modo peculiar e belo.

SOB O PÔR DO SOL

O Rei Mago tinha orgulho de seu garoto corajoso, bom e belo, e gostava de vê-lo muito bem vestido. E todas as pessoas adoravam observar seu rosto límpido e sua vestimenta vistosa. O Rei mandou os grandes mercadores procurarem perto e longe até que conseguissem a maior e mais fina pena que já fora vista. Ele colocou essa pena na frente de um belo chapéu, da cor de um rubi, e a fixou com um broche feito de um grande diamante. Deu esse chapéu a Zaphir em seu aniversário.

Quando o Príncipe Zaphir andava pelas ruas, as pessoas viam de longe a grande pluma branca acenando. Todos ficavam alegres ao vê-la e corriam às janelas e às portas, inclinando-se em reverência, sorrindo e agitando as mãos enquanto seu belo príncipe passava. Zaphir sempre se inclinava e sorria de volta; amava seu povo e se retribuía com o amor que tinham por ele.

Na Corte do Rei Mago, Zaphir tinha uma companheira, a qual amava muito. Era a Princesa Bluebell, filha de outro rei que fora injustamente privado de seu domínio por um inimigo cruel e traidor, e que havia procurado o Rei Mago pedindo ajuda, e que veio a morrer em sua Corte depois de viver ali por muitos, muitos anos. Mas o Rei Mago acolheu sua filhinha órfã e criou-a como sua própria filha.

Uma grande vingança havia recaído sobre o usurpador maléfico. Os Gigantes haviam atacado seus domínios e o assassinaram e toda a sua família, e mataram todas as pessoas do reino, e destruíram até mesmo todos os animais, exceto os selvagens, que eram como os próprios Gigantes. Então as casas começaram a vir abaixo devido à velhice e à deterioração, e os belos jardins tornaram-se selvagens e abandonados. E assim, quando depois de muitos longos anos os Gigantes se cansaram e voltaram

O PRÍNCIPE DA ROSA

para sua remota terra natal, o país que a Princesa Bluebell possuía era de uma desolação tão vasta que ninguém que lá entrasse adivinharia que ali já havia morado gente.

A Princesa Bluebell era muito jovem e muito, muito bela. Ela, como o Príncipe Zaphir, nunca conhecera o amor materno, pois, quando nova, sua mãe também morrera. Ela amava muito o Rei Mago, mas amava o Príncipe Zaphir mais do que todo o resto do mundo. Eles sempre haviam sido companheiros, e não havia um pensamento sequer no coração dele que ela não conhecesse quase antes de ele o pensar. O Príncipe Zaphir amava-a também, mais ternamente do que podem dizer as palavras, e por ela faria qualquer coisa, sem importar o tamanho do perigo. Tinha esperança de que, quando se tornassem homem e mulher, ela se casaria com ele, e ambos ajudariam o Rei Mago a reinar em seu domínio justa e sabiamente, e não haveria dor ou pobreza por todo o país caso pudessem evitar.

O Rei Mago havia mandado fazer dois pequenos tronos; e quando se sentava cerimoniosamente em seu grande trono, as duas crianças se sentavam uma de cada lado e aprendiam como ser Rei e Rainha.

A Princesa Bluebell usava um robe de arminho como o de uma Rainha, e um pequeno cetro e uma pequena coroa, e o Príncipe Zaphir tinha uma espada, tão brilhante quanto um raio de luz, pendurada numa bainha dourada.

Os cortesãos costumavam se reunir atrás do trono do Rei. E muitos deles eram notáveis e bons, e outros eram somente vaidade e egoísmo.

Havia Phlosbos, o Primeiro Ministro, um homem muito, muito velho com uma barba longa parecida com seda branca que carregava um bastão branco com um anel de ouro incrustado nele.

SOB O PÔR DO SOL

Havia Janisar, o Capitão da Guarda, com bigodes selvagens e uma armadura pesada como vestimenta.

E depois havia Tufto, um cortesão antigo, um velho tolo que não fazia nada senão vaguear em torno dos grandes nobres e prestar-lhes deferência; e todos, de alto a baixo, desprezavam-no muito. Era gordo e não tinha cabelos ou pelos no rosto, nem mesmo as sobrancelhas; era – oh!, muito engraçado com sua grande cabeça calva, bem branca e macia.

Havia Sartorius, um cortesão jovem e tonto, que pensava que a roupa era a coisa mais importante do mundo, e que por isso se vestia com as melhores roupas que conseguia comprar. Mas as pessoas apenas riam e até mesmo gargalhavam dele, pois não há honra que venha de roupas bonitas, mas somente do que está no próprio homem que as veste. Por toda parte, Sartorius sempre tentava forçar passagem para estar na frente dos outros e exibir suas belas roupas, e pensava que, como não tentavam repeli-lo, os outros cortesãos reconheciam seu direito de ser o primeiro. Não era bem assim, no entanto; eles apenas o desprezavam e não fariam o que ele fazia.

Havia também Skarkrou, que era exatamente o oposto de Sartorius, e que pensava – ou fingia pensar – que a falta de asseio era uma coisa boa. E era tão ou mais orgulhoso de seus trapos do que Sartorius o era de suas belas roupas. Também era desprezado, pois era vaidoso, e sua vaidade tornava-o ridículo.

Então havia Gabbleander, que nada mais fazia além de falar desde a manhã até a noite, e que falaria da noite até a manhã se conseguisse alguém para ouvi-lo. Também riam dele, pois as pessoas não conseguem falar sempre com juízo se falam demais. As coisas tolas são lem-

O PRÍNCIPE DA ROSA

bradas, mas as sábias são esquecidas. E assim, os tagarelas vêm a ser considerados tolos.

Mas ninguém deve pensar que toda a Corte do bom Rei Mago era como essas pessoas. Não! Havia muitas, muitas pessoas boas, e grandiosas, e nobres, e corajosas. Mas a vida é assim em qualquer país, até mesmo no País Sob o Pôr do Sol: há tolos tanto quanto sábios, covardes tanto quanto corajosos e homens maus tanto quanto homens bons.

Crianças que desejam se tornar homens importantes e bons ou mulheres boas e nobres devem tentar conhecer bem todas as pessoas que encontram. Assim, perceberão que não há ninguém que não tenha uma parcela de bondade; e quando virem grandes tolices, ou um pouco de malvadeza, ou um pouco de covardia, ou algum erro ou fraqueza em outra pessoa, devem examinar a si mesmas cuidadosamente. Então verão que, talvez, elas próprias também tenham alguns defeitos – ainda que eles não se revelem da mesma forma – e que devem tentar vencê-los. Assim, elas se tornarão melhores à medida que crescem; e os outros as examinarão, e ao descobrirem que elas não têm defeitos, irão amá-las e honrá-las.

Bem, um dia o Rei Mago estava sentado em seu trono com seu manto e sua coroa, segurando seu cetro na mão.

À sua direita estava sentada a Princesa Bluebell com seu manto, sua coroa e seu cetro, tendo ao lado seu cãozinho Smg.

Esse cão era de longe o favorito. Antes, fora chamado de Sumog porque o cão de Zaphir se chamava Gomus, e este era seu nome escrito ao contrário. Mas então foi nomeado Smg porque esse era um nome que não se poderia gritar, mas somente sussurrar. Bluebell não tinha neces-

SOB O PÔR DO SOL

sidade de mais do que isso, pois Smg nunca estava longe, e ficava sempre perto de sua dona e a protegia.

À esquerda do Rei estava sentado o Príncipe Zaphir em seu pequeno trono com sua espada brilhante e sua imponente pena.

Mago estava fazendo leis para o bem de seu povo. Em volta dele estavam reunidos todos os cortesãos e muitas pessoas estavam no salão, e outras muitas lá fora na rua.

De repente, ouviu-se um ruído alto – estalos de chicote e sopros de trombeta –; e o ruído foi se aproximando cada vez mais, e as pessoas na rua começaram a murmurar. Surgiram gritos altos, o Rei parou para ouvir, e as pessoas viraram a cabeça para ver quem vinha. A multidão se abriu, e um mensageiro de botas e esporas, e coberto de poeira, correu para o salão e ajoelhou-se ante ao Rei sobre um dos joelhos, estendendo um papel que o Rei Mago pegou e leu avidamente. O povo esperou em silêncio para ouvir as notícias.

O Rei ficou profundamente tocado, mas como sabia que seu povo estava ansioso, ficando de pé, disse a todos:

“Meu povo, um grave perigo assalta nosso Reino. Soubemos, por este despacho da província de Sub-Tegmine, que um terrível Gigante surgiu dos pântanos para lá da Terra-de-Ninguém e está devastando o país. Mas não tema, meu povo, pois hoje muitos soldados se apresentarão com suas armas, e ao pôr do sol de amanhã o Gigante terá sucumbido, acreditamos.”

As pessoas curvaram suas cabeças com murmúrios de agradecimento, e foram todos quietos para suas casas.

Naquela noite, um corpo de soldados selecionados saiu com corações valentes para lutar contra o Gigante, e as pessoas os saudaram pelo caminho.

O PRÍNCIPE DA ROSA

Por todo o dia seguinte e a noite seguinte, as pessoas, bem como o Rei, ficaram muito ansiosas; e na segunda manhã esperaram por notícias que dissessem que o Gigante havia sido derrotado.

Mas nenhuma notícia chegou até o anoitecer; e então um homem cansado, coberto com poeira e sangue, e ferido de morte, entrou na cidade arrastando-se.

As pessoas abriram caminho, e ele foi para diante do trono, curvou-se e disse:

“Ai! Rei, tenho de lhe dizer que seus soldados foram mortos – todos exceto eu. O Gigante triunfa e avança em direção a cidade.”

Tendo dito isso, a dor de seus ferimentos aumentou tanto que gritou diversas vezes e caiu; e quando o ergueram, estava morto.

Diante da triste notícia que trouxe, surgiu um lamento baixo vindo do povo. As viúvas dos soldados mortos soltaram um grito alto e breve, e se dirigiram ao trono do Rei, prostrando-se diante dele, levantando as mãos para cima e dizendo:

“Oh, Rei! Oh, Rei!”, e não puderam dizer mais nada por causa do choro.

Então o coração do Rei ficou muito, muito magoado, e ele tentou consolá-las, mas seu melhor consolo estava em suas lágrimas – pois as lágrimas de amigos ajudam a aliviar os problemas. Falou ao povo, dizendo:

“Ai! Eram muito poucos os nossos soldados. Hoje à noite enviaremos um exército, e talvez o Gigante sucumba.”

Naquela noite, um exército aguerrido, com muitas máquinas de guerra, com bandeiras tremulando e bandas tocando, partiu contra o Gigante.

SOB O PÔR DO SOL

No comando do exército, Janisar, o capitão, cavalgava ao brilho do pôr do sol com sua armadura de aço incrustada de ouro reluzente. Os adornos escarlates e alvos de seu grande cavalo de guerra negro mostravam-se esplêndidos. Com ele, a alguma distância pelo caminho, cavalgava o Príncipe Zaphir em seu palafrém branco.

O povo todo se reuniu para desejar ao exército sucesso em sua partida; e muitas pessoas tolas que acreditavam na sorte atiraram sapatos velhos depois da passagem deles. Um desses sapatos acertou Sartorius, que estava como de costume forçando a dianteira para se exibir, e deixou seu olho roxo, e a sujeira preta do sapato sujou sua roupa nova, estragando-a. Outro sapato – pesado, com saltos de ferro – acertou Tufto enquanto ele conversava com Janisar bem no topo de sua cabeça calva, e cortou-a, e então todos riram.

Imagine como é desprezado um homem de quem as pessoas riem quando se machuca. O velho Tufto caiu e ficou com muita raiva, e então as pessoas riram ainda mais; pois nada é mais engraçado do que uma pessoa que está com tanta raiva que perde todo o autocontrole.

Todas as pessoas aclamavam à medida que o exército passava. Mesmo as pobres viúvas dos soldados mortos aclamavam. E os homens que partiam olhavam-nas e decidiam que venceriam ou morreriam como bravos soldados em serviço.

A Princesa Bluebell subiu com o Rei Mago para o topo da torre do palácio, e juntos assistiram aos soldados partindo em marcha. O rei logo se retirou, mas Bluebell continuou lá, observando os capacetes cintilando e reluzindo ao poente, até que o sol mergulhou no horizonte.

Bem naquele momento, o Príncipe Zaphir, que havia retornado, juntou-se a ela. Então, ao crepúsculo, no topo

O PRÍNCIPE DA ROSA

da torre, com muitos milhares de corações batendo ávidos e ansiosos na cidade abaixo deles, e com o belo céu acima, as duas crianças se ajoelharam e rezaram pelo sucesso do exército na manhã seguinte.

Naquela noite, ninguém dormiu na cidade.

No dia seguinte, as pessoas estavam cheias de ansiedade. E à medida que o dia gradualmente avançava e as notícias não vinham, ficaram ainda mais ansiosas.

Ao anoitecer, ouviram ao longe o som de um grande tumulto. Sabiam que a batalha continuava; e assim esperaram e esperaram por notícias.

Absolutamente ninguém foi se deitar naquela noite; mas, por toda a cidade, fogueiras de vigília foram acesas e todos ficaram acordados esperando notícias.

Mas nenhuma notícia veio.

Então o medo se tornou tão grande que os rostos dos homens e das mulheres ficaram tão brancos e seus corações tão frios quanto a neve. Por um tempo muito longo ficaram em silêncio, pois pessoa alguma ousava falar.

Finalmente, uma das viúvas dos soldados mortos levantou-se e disse:

“Vou me levantar e ir ao campo de batalha para ver o que está acontecendo lá, e trarei notícias para aquietar vossos pobres e aflitos corações.”

Então muitos homens ergueram-se e disseram:

“Não! Não deve ser assim. Nós iremos. Seria uma vergonha para nossa Cidade se uma mulher fosse a um lugar onde homens não conseguiram ir. Nós iremos.”

Mas ela lhes respondeu com um sorriso tristonho:

“Ah! Não tenho medo da morte, já que meu corajoso marido foi morto. Não desejo mais viver. Vocês devem defender a cidade, eu irei.”

SOB O PÔR DO SOL

Imediatamente, ela saiu da cidade na manhã cinzenta e fria em direção ao campo de batalha. À medida que se afastava e desaparecia na distância, dava ao povo ansioso a impressão de um fantasma da Esperança evanescendo diante deles.

O sol nasceu e brilhou nos céus até que a hora do descanso chegou; mas os homens não se importaram com a hora, sempre vigiando e esperando.

Nesse instante, viram de longe a silhueta de uma mulher correndo. Dirigiram-se até ela e descobriram que era a viúva. Ela colocou-se no meio deles e gritou:

“Ai! Ai! Ah! O nosso exército está desbaratado. Nossos mais fortes estão sob o domínio do orgulho de sua força. O Gigante triunfa e temo que tudo esteja perdido.”

Do povo se ergueu um grande lamento, e um silêncio recaiu sobre todos, tão grande era o medo.

Então o Rei reuniu sua Corte inteira e seu povo, e aconselhou-se quanto ao melhor a se fazer. Muitos pareciam pensar que um novo exército deveria partir, um exército formado por todos aqueles que estavam dispostos a morrer, se necessário, pelo bem do País. Mas havia muita perplexidade.

Enquanto discutiam, o Príncipe Zaphir permaneceu quieto, sentado em seu trono. E seus olhos mais de uma vez se encheram de lágrimas diante do pensamento do sofrimento de seu povo amado. Então, levantou-se e se pôs diante do trono.

Houve silêncio até que ele começasse a falar.

Quando o Príncipe se pôs, de chapéu nas mãos, diante do Rei, havia no rosto dele um olhar de tamanha determinação que aqueles que o perceberam não puderam deixar de renovar a esperança. O Príncipe falou:

O PRÍNCIPE DA ROSA

“Oh, Rei, Pai, antes que decida algo, escute-me. É certo que, se há perigo no Reino, o primeiro que deve enfrentá-lo é o Príncipe, em quem o povo confia. Se há dor a ser sentida, quem deve senti-la antes do povo? Se a morte vem a qualquer um, certamente deveria atingir primeiro o seu cadáver. Rei, Pai, espere somente um dia. Deixe-me partir amanhã para enfrentar o Gigante. Esta viúva lhe contou que ele está dormindo agora, após o combate. Amanhã eu o encontrarei em batalha. Se eu vier a sucumbir, então será hora de arriscar a vida de seu povo; mas se quem sucumbir for o Gigante, então tudo estará bem.”

O Rei Mago sabia que o Príncipe havia falado bem, e apesar de afligi-lo ver seu amado filho indo ao encontro de tal perigo, não tentou impedir-lo, e disse:



O PRÍNCIPE DA ROSA

“Oh, filho, filho digno de ser rei, falaste bem! Que seja como queres.”

Então o povo deixou o Salão, e o Rei Mago e a Princesa Bluebell beijaram Zaphir. Bluebell lhe disse:

“Zaphir, você fez o certo”, e olhou para ele, orgulhosa.

Imediatamente, o príncipe foi deitar-se, para que pudesse dormir e assim estar forte para o dia seguinte.

Por toda aquela noite, os ferreiros e os armeiros e os ourives trabalharam duro e rápido. Até o raiar do dia, as fornalhas brilharam e as bigornas soaram; e todas as mãos habilidosas nessas artes trabalharam com esforço.

Pela manhã, levaram ao Salão, e colocaram diante do trono como um presente ao Príncipe Zaphir uma armadura como antes nunca se vira.

Era trabalhada em aço e ouro, e feita toda com lameiras. Cada lamela era como uma folha diferente, e era toda polida e brilhante como o sol. Entre as folhas havia joias, e muitas outras mais estavam presas nelas como gotas de orvalho. Assim, a armadura cintilava à luz até ofuscar os olhos de quem a olhasse – pois os habilidosos armeiros acreditavam que, quando o Príncipe lutasse, seu inimigo poderia ser parcialmente cegado com o brilho e, desse modo, errar seus golpes.

O capacete era como uma flor; a insígnia do Príncipe fora fundida em sua superfície, e a pena e o grande diamante de seu chapéu foram fixados na frente.

Depois de se paramentar todo, o príncipe parecia tão nobre e corajoso que o povo aclamou aos gritos que ele venceria; e renovou grandes esperanças.

Então seu pai, o Rei, abençoou-o, e a Princesa Bluebell beijou-o, verteu algumas lágrimas e deu-lhe uma graciosa rosa, que ele fixou em seu capacete.

SOB O PÔR DO SOL

Entre brados do povo, o Príncipe Zaphir partiu para lutar contra o Gigante.

Seu cão, Gomus, queria ir com ele, mas não podia ser levado. Então Gomus se aquietou e uivou, pois sabia que seu querido amo estava em perigo e desejou estar com ele.

Depois que o Príncipe partiu, a Princesa Bluebell subiu ao topo da torre e observou-o até que ele estivesse tão longe a ponto de não mais poder ver o cintilar de sua bela armadura à luz do sol. Inicialmente, enquanto se despedia de Zaphir – e sabia que poderia ser uma despedida para sempre –, não derramou nenhuma lágrima para não causar dor a seu amado Príncipe, pois sabia que ele estava rumando para a batalha e precisaria de toda sua coragem e de toda sua firmeza. Assim, a última imagem que Zaphir viu no rosto de sua Bluebell foi um sorriso amável, esperançoso e confiante. Por isso, partiu para a batalha fortalecido pelo pensamento de que o coração dela o acompanhava, e de que, embora o corpo dela estivesse longe, seu espírito estava ao seu lado.

Depois de ele já ter se afastado realmente para bem longe da vista, tendo ela ficado sozinha no topo da torre, Bluebell derramou muitas lágrimas. E o grande medo em seu coração de que Zaphir pudesse ser morto deixou-a fatalmente triste. Pensou que poderia acontecer de ele ser morto pelo maléfico Gigante, que já havia destruído dois exércitos, e que, então, nunca mais iriavê-lo – nunca mais veria o amor em seus olhos queridos e verdadeiros –, nunca mais ouviria os tons de sua voz tenra e doce – , nunca mais sentiria o bater de seu coração grandioso, generoso.

E então chorou, oh!, muito amargamente. Mas, enquanto chorava, ocorreu-lhe o pensamento de que a vida

O PRÍNCIPE DA ROSA

não está em poder dos homens, ou mesmo dos gigantes; e, assim, enxugou suas lágrimas, ajoelhou-se e rezou com o coração humilde, consolando-se ao se levantar, assim como as pessoas sempre ficam quando rezam com sinceridade.

Depois desceu ao grande salão, mas o Rei Mago não estava lá. Ela o procurava para consolá-lo, pois sabia que o coração dele devia estar sofrendo por seu filho em perigo.

Encontrou-o em seus aposentos, e ele, também, estava rezando. Ajoelhou-se ao seu lado, e eles – o velho Rei e a criança órfã – colocaram os braços em torno um do outro e rezaram juntos. E assim ambos se consolaram.



O PRÍNCIPE DA ROSA

Juntos, esperaram, e esperaram pacientemente, pelo retorno de seu amado. Toda a cidade esperou também; e nem de dia, nem de noite houve sono no País Sob o Pôr do Sol, pois todos estavam aguardando o retorno do Príncipe.

Quando Zaphir deixou a cidade, rumou sempre adiante em direção ao Gigante, até o sol brilhar alto nos céus, tão brilhante que sua armadura dourada reluzia como fogo. E então andou sob a proteção das árvores, e não parou nem mesmo na Hora do Descanso, mas continuou sempre em frente.

Ao anoitecer, ouviu e viu coisas estranhas.

Ao longe, o chão parecia tremer, e ecoava um estrondo surdo de rochas sendo destruídas e de florestas sendo derrubadas. Esses eram os sons dos passos do Gigante vindo em direção à cidade. Mas o Príncipe Zaphir, apesar de os sons serem terríveis, não teve medo e avançou bravamente. Então, começou a encontrar muitas coisas vivas, que passavam por ele a toda velocidade – pois eram as mais rápidas de suas espécies e, por isso, haviam fugido do Gigante antes dos demais.

Elas vinham, em centenas e milhares, sua quantidade aumentando mais e mais à medida que o tempo passava, e à medida que o Príncipe e o Gigante se aproximavam.

Lá estavam todos os animais do campo, e todas as aves do ar, e todos os insetos que voam e rastejam. Leões e tigres, e cavalos e ovelhas, e ratos e gatos e camundongos, e galos e galinhas, e raposas e gansos e perus, todos estavam misturados, grandes e pequenos, e todos estavam tão atemorizados pelo Gigante que se esqueceram de ter medo uns dos outros. Assim, fugiam juntos, gatos e ratos, lobos e carneiros, raposas e gansos; os fracos não tinham medo, nem os mais fortes queriam fazer mal algum.

SOB O PÔR DO SOL

Entretanto, à medida que vinham, todas as coisas vivas pareciam saber que o Príncipe Zaphir era mais corajoso do que elas, e abriam caminho para ela passar. As mais fracas, e as mais atemorizadas, não continuavam em fuga, e tentavam chegar o mais perto possível do Príncipe; e muitas preferiam segui-lo, retornando em direção ao Gigante, a não ficarem perto dele.

Mais adiante, depois de um tempo, encontrou todos os animais velhos que não conseguiam fugir tão rápido quanto os demais, e todos os pobres seres vivos feridos, e todos aqueles que eram lentos. Esses, também, não tentaram ir mais longe, pois sabiam que estariam mais seguros perto de um homem corajoso do que em fuga desamparada.

Então o Príncipe Zaphir viu algo, ainda muito longe, que parecia uma portentosa montanha.

Estava se movendo em sua direção, e seu coração bateu alto, parte com o pensamento na batalha vindoura, parte com esperança.

O Gigante aproximava-se cada vez mais. Seus passos esmagavam as rochas, e com sua poderosa clava varria as florestas de seu caminho.

As criaturas vivas atrás do Príncipe Zaphir tremeram de medo e esconderam suas caras na poeira. Alguns animais, como algumas pessoas tolas, pensam que se não veem algo que não desejam ver, aquilo deixa então de existir.

Muito tolo da parte deles.

Então, com o Gigante já próximo, o Príncipe Zaphir sentiu que era chegada a hora da batalha.



SOB O PÔR DO SOL

Quando ficou cara a cara com o inimigo mais poderoso do que qualquer coisa que já tinha visto, Zaphir sentiu-se como nunca se sentira antes. Não é que estivesse com medo do Gigante, pois se sentia com tanta coragem que, pelo bem de seu povo, poderia vir a morrer alegremente da forma mais dolorosa. É que havia se dado conta de que coisa pequenina ele era naquele mundo tão vasto.

Viu, mais claramente do que jamais havia visto, que era apenas um ponto – um mero átomo – em meio ao enorme mundo vivo; e, num instante, percebeu que, se a vitória lhe coubesse, não seria porque seu braço era forte ou seu coração valente, mas porque foi desejada por Aquele que governa o universo.

Então, humildemente, o Príncipe Zaphir rezou pedindo forças. Despiu sua esplêndida armadura, que brilhava como um sol na terra, tirou o esplêndido capacete e deitou ao lado a rutilante espada; e tudo ficou a seu lado como um amontoado de coisas sem vida.

Era uma bela visão a daquele jovem garoto ajoelhado ao lado da armadura descartada. O amontoado brilhante era belíssimo, cintilando no claro pôr do sol com milhões de lampejos coloridos, chegando até mesmo a parecer uma coisa viva. No entanto, parecia triste, miserável e desprezível ao lado do rapaz, que ali se ajoelhou e rezou humildemente, com seus olhos profundamente sérios, acesos pela verdade e pela confiança que jaziam em seu coração limpo e em sua alma pura.

A armadura reluzente parecia o trabalho das mãos do homem – como o era de fato, o trabalho das mãos de homens bons e verdadeiros. Mas o belo garoto, ajoelhado em confiança e com fé, era o trabalho das mãos de Deus.

O PRÍNCIPE DA ROSA

Enquanto rezava, o Príncipe Zaphir reviu toda sua vida passada, desde o primeiro dia de que conseguia se lembrar até aquele exato momento, face a face com o Gigante. Não houve nenhum pensamento indigno que tivesse tido, e nenhuma palavra rude que tivesse dito, e nem um olhar colérico que tivesse provocado dor em outra pessoa que não tenha voltado à sua mente. Muito o afligiu haver tantos, pois se amontoavam tão rápida e abundantemente que ficou espantado justamente com a quantidade.

É sempre assim, as coisas erradas que fazemos – ainda que possam parecer pequenas no momento, e ainda que as ignoremos por causa da dureza de nossos corações – retornam a nós com amargura quando o perigo nos leva a pensar no pouco que fizemos para merecer ajuda e no muito que fizemos para merecer punição.

O coração do Príncipe Zaphir foi purificado pelo arrependimento de todas as coisas erradas feitas no passado, e pela sublime resolução de ser bom no futuro. E quando sua humilde reza terminou, ele levantou-se e sentiu em seus braços uma força que não conhecia. Sabia que não era a sua própria força, mas que ele era o humilde instrumento da salvação de seu amado povo. E, em seu coração, ficou agradecido.

O Gigante logo viu o brilho da áurea armadura, e percebeu que mais um inimigo se aproximava.

Deu um rugido estrondoso de raiva e fúria, que soou como o eco de um trovão. Pelas colinas distantes o som ecoou, ribombou através dos vales ao longe e dissipou-se em resmungos e rosados baixos, como os de animais selvagens em cavernas e rochedos montanhosos.

Era sempre com esse estrondo que o Gigante começava suas lutas, a fim de atemorizar seus inimigos. Mas o

SOB O PÔR DO SOL

coração valente do Príncipe não tremeu de medo. Ele ficou mais valente do que nunca quando ouviu o barulho; pois sabia que era preciso ter ainda mais coragem para que seu povo, e até mesmo o Rei, seu pai, e Bluebell, não caíssem sob o poder do Gigante.

Enquanto entre as pedras e as florestas as passadas do Gigante se embatiam, e enquanto subia em volta de seus pés o pó da desolação que ela causavam, o Príncipe Zaphir juntou do riacho alguns seixos arredondados.

Ele encaixou um deles na funda que carregava.

Assim que levantou seu braço para rodopiar a funda em volta de sua cabeça, o Gigante o viu, riu e apontou desdenhoso em sua direção com suas grandes mãos, que eram mais brutas do que as garras de tigres. A risada que o Gigante trovejou era tão terrível – tão rude e rai-vosa e medonha que as coisas vivas que haviam levantado os tímidos olhos para observar a luta enterraram novamente as cabeças na terra, e tremeram de medo.

Mas justo quando o Gigante riu para escarnecer de seu inimigo, sua perdição foi proferida.

A funda girou em volta da cabeça do Príncipe Zaphir, e o seixo sibilante voou. Acertou bem na têmpora do Gigante, e foi com a risada de escárnio em seus lábios, e com sua mão estendida apontando com menosprezo, que ele caiu de bruços.

Enquanto caía, emitiu um único grito, mas um grito tão alto que percorreu as colinas e os vales como o estrondo de um trovão. Em meio ao som, as coisas vivas novamente se acovardaram e fraquejaram de medo.

Ao longe, as pessoas da cidade ouviram o poderoso som, mas não sabiam o que significava.

O PRÍNCIPE DA ROSA

Quando o grande corpo do Gigante caiu de bruços, a terra tremeu por muitas milhas ao seu redor devido ao choque. E quando sua grande clava caiu de sua mão, derrubou muitas árvores altas da floresta.

Então, o Príncipe Zaphir caiu de joelhos e rezou com gratidão fervorosa por sua vitória.

Rapidamente se levantou e, porque sabia da amarga ansiedade do Rei e do povo, nem parou para recolher sua armadura, mas dirigiu-se rápido para a cidade a fim de levar as boas-novas.

A noite havia caído agora e o caminho estava escuro; mas o Príncipe Zaphir tinha confiança e seguiu adiante pela escuridão, com coração valente e esperançoso.

Logo, as coisas vivas que eram nobres circundaram-no com gratidão, e todos que puderam o seguiram de perto. Havia muitos animais nobres – leões e tigres e ursos, bem como animais domésticos. E seus grandes olhos fogosos pareciam lampiões e ajudaram-no em seu caminho.

Entretanto, à medida que se aproximaram da Cidade, os animais selvagens começaram a se retrair, pois, apesar de confiarem em Zaphir, temiam os outros homens. Rosnaram um pequeno rosnado de pesar e pararam, e o Príncipe Zaphir continuou sozinho.

Por toda a noite a cidade permanecera acordada. Na corte, o Rei Mago e a Princesa Bluebell esperavam e vigiavam juntos, as mãos dadas. O povo nas ruas se sentou em volta de suas fogueiras de vigília, e as pessoas só ouviam falar em sussurros.

Assim, a longa noite passou.

Por fim, o céu do oriente começou a clarear; e então uma risca de fogo rubro disparou pelo horizonte e o sol nasceu em sua glória. E assim fez-se dia. O povo, quando

SOB O PÔR DO SOL

viu a luz e ouviu o cantar revigorado dos pássaros, teve esperança. E aguardou ansiosamente pela vinda do Príncipe.

Nem o Rei Mago, nem a Princesa Bluebell ousaram subir para o alto da torre; e esperaram pacientemente no salão. Seus rostos estavam pálidos como a morte.

As sentinelas da cidade e aqueles que se juntaram a elas observavam a longa estrada, esperando ver em algum momento a armadura áurea do Príncipe Zaphir reluzindo à luz esfuziante da manhã e sua grande pluma branca, que conheciam muito bem, acenando à brisa. Sabiam que poderiamvê-la de longe e, por isso, de vez em quando davam só uma olhada para o horizonte.

De repente, houve brados de todas as pessoas – e depois uma quietude repentina.

Todos se levantaram, e esperaram por notícias.

Pois, oh!, que alegria!, lá, entre eles – despojado de sua armadura brilhante e de sua pluma que acenava, mas cheio de viço – estava seu amado Príncipe.

Havia vitória em seu olhar.

Ele sorriu para o povo, levantando as mãos como que abençoando, e apontou para o palácio do Rei, como para dizer:

“Nosso Rei! Ele tem o direito de ouvir as mais novas notícias.”

Passou e foi entrando no salão, todas as pessoas a segui-lo.

Quando o Rei Mago e a Princesa Bluebell ouviram o brado e sentiram a quietude que se seguiu, seus corações começaram a bater forte e aguardaram muito apreensivos.

O PRÍNCIPE DA ROSA

A Princesa Bluebell sentiu um calafrio e chorou um pouco, aproximou-se do Rei e apoiou seu rosto em seu peito.

Enquanto apoiava e escondia seu rosto junto ao Rei, sentiu-o sobressaltar. Ela rapidamente levantou os olhos, e ali – oh!, alegria das alegrias! – estava seu amado Zaphir entrando no saguão, com todo o povo a segui-lo. O Rei desceu de seu trono e tomou-o nos braços, beijando-o; Bluebell também colocou seus braços em torno dele e o beijou na boca.

O Príncipe Zaphir pôs-se a falar e disse:

“Oh!, Rei, meu Pai, e oh!, Povo! – Deus foi bom para conosco e Seu braço deu-nos a vitória. Veja! O Gigante sucumbiu no orgulho de sua força!”

Então, do meio do povo surgiu um tremor brando que o teto tremeu e o barulho percorreu toda a Cidade nas asas do vento. A multidão contente bradou mais e mais, até que o som transbordou em ondas por todo o Domínio, e em Sob o Pôr do Sol, naquela hora, nada houve senão alegria. O Rei chamou Zaphir de seu Filho Valente, e a Princesa Bluebell beijou-o novamente, chamando-o de seu Herói.

Naquele mesmo momento, lá longe na floresta, o Gigante jazia sucumbido pelo orgulho de sua força – a coisa mais vil de todo o mundo –, e sobre seu cadáver corriam raposas e arminhos. As cobras rastejavam em torno de seu corpo; e ali, também, arrastavam-se todos os piores seres vivos que haviam fugido dele quando ele estava vivo.

Vindos de longe, os abutres se reuniram ao redor de sua presa.

SOB O PÔR DO SOL

Perto do Gigante abatido, brilhando na luz, jazia a armadura áurea. A grande pluma branca erguia-se do capacete e continuava a acenar na brisa.

Quando o povo saiu para ver o Gigante morto, descobriu que ervas daninhas já haviam crescido onde seu sangue tinha escorrido, mas também que em volta da armadura que o Príncipe despiu havia crescido um anel de graciosas flores. A mais bela de todas era uma roseira em flor, pois a rosa que a Princesa Bluebell tinha lhe dado havia criado raízes e florescido novamente, formando uma coroa de rosas vivas em volta do capacete e inclinando-se para a haste da pluma.

Então o povo levou de volta, respeitosamente, a armadura dourada; o Príncipe Zaphir, porém, disse que não fora tal armadura, mas sim um coração verdadeiro, a melhor proteção, e que não ousaria vesti-la novamente.

Então a penduraram na Catedral entre as grandes bandeiras antigas e os capacetes dos cavaleiros de outrora, como um memorial da vitória sobre o Gigante.

O Príncipe Zaphir tirou do capacete a pena que o Rei, seu pai, havia antes lhe dado e usou-a novamente em seu chapéu. A rosa que florescera foi plantada no centro do jardim do palácio, e cresceu tanto que muitas pessoas podiam se sentar debaixo dela, abrigando-se do sol devido à abundância de suas flores.



SOB O PÔR DO SOL

Quando o aniversário do Príncipe Zaphir chegou, o povo já havia feito, em segredo, grandes preparos.

Quando se levantou de manhã para ir à Catedral, todo o povo havia se reunido e formado uma fila de cada lado do caminho. Toda pessoa, velha e nova, segurava uma rosa. Aqueles que tinham muitas rosas trouxeram uma para quem não tinha; e cada pessoa tinha somente uma rosa para que todos pudessem ser iguais aos olhos do Príncipe que amavam. Haviam retirado todos os espinhos dos caules para que os pés do Príncipe não fossem machucados. À medida que ele passava, o povo jogava suas rosas no caminho, até que toda a longa rua tornou-se um tapete de flores.

Depois que o Príncipe passava, as pessoas se inclinavam e recolhiam as rosas que seus pés haviam tocado, tendo-as em grande estima.

Durante toda a vida, a cada aniversário do Príncipe, o povo repetia a cerimônia. Quando Zaphir e Bluebell se casaram, cobriram o caminho deles com rosas da mesma forma, pois o povo os amava muito.

Por muito tempo e felizes viveram O Príncipe da Rosa – pois assim o chamaram – e sua bela esposa, a Princesa Bluebell.

Quando, chegando ao termo de seus dias, o Rei Mago faleceu – pois todos os homens falecem –, eles reinaram como Rei e Rainha. Reinaram com justiça e altruísmo, sempre renunciando aos próprios interesses e lutando para deixar as pessoas boas e felizes.

Eles foram abençoados pela paz.

O Gigante Invisível

O tempo segue em frente no País Sob o Pôr do Sol tanto quanto aqui.

Muitos anos se passaram, e acarretaram muitas mudanças. E, agora, encontramo-nos numa época em que as pessoas que viveram no tempo do bom Rei Mago dificilmente reconheceriam seu próprio Reino se o vissem novamente.

Tristemente, ele havia mesmo mudado. Não havia mais o mesmo amor ou a mesma reverência em relação ao rei – não havia mais a paz perfeita. As pessoas haviam se tornado mais egoístas e mais gananciosas, e tentavam tomar tudo o que podiam para si mesmas. Alguns poucos eram muito ricos, e havia muitos pobres. A maioria dos belos jardins havia sido devastada. Casas haviam sido erguidas bem em volta do palácio, e em algumas delas viviam muitas pessoas que só podiam pagar por parte dela.

Tristemente, todo o belo país estava mudado. O povo tinha quase se esquecido do Príncipe Zaphir, que morrera há muitos, muitos anos; e rosas não mais foram espalhadas pelos caminhos. Aqueles que viviam agora no País Sob o Pôr do Sol rião da ideia de outros Gigantes, e não os temiam porque não os tinham visto. Alguns deles diziam:

“Ora! O que há para temer? Mesmo que em algum momento tenham existido gigantes, eles já não existem mais.”

SOB O PÔR DO SOL

E assim as pessoas cantavam e dançavam e banqueteavam como antes, e pensavam somente em si mesmas. Os Espíritos que guardavam o Reino estavam muito, muito tristes. Suas asas, grandes ao ponto de lançar sombras, definhavam enquanto eles permaneciam em seus postos nos Portais do Reino. Os Espíritos escondiam os rostos e tinham os olhos turvos pelo choro constante, de modo que não notavam se alguma coisa má passava por eles. Tentaram fazer com que o povo pensasse nos próprios atos maléficos, mas não podiam deixar seus postos, e as pessoas, ao ouvir seus lamentos nessa época de trevas, diziam:

“Ouça o suspirar da brisa; que doce!”

Conosco também é sempre assim: quando ouvimos o vento suspirando e gemendo e choramingando em volta de nossas casas em noites solitárias, não pensamos que nossos Anjos podem estar se lamentando por nossas maldades, mas somente que uma tempestade está por vir. Os Anjos choravam o tempo todo, e sentiam a tristeza da mudez – pois, apesar de poder falar, aqueles a quem faliassem não os escutariam.

Enquanto o povo ria diante da ideia de Gigantes, havia um velho que balançava a cabeça e lhes replicava, quando os ouvia, dizendo:

“A Morte tem muitos filhos, e ainda há Gigantes nos pântanos. Vocês podem não vê-los, talvez –, mas eles estão lá, e o único reduto de segurança está numa terra de corações pacientes e leais.”

O nome desse bom velho era Knoal, e ele vivia numa casa construída com grandes blocos de pedra, no meio de um local selvagem, longe da cidade.

Na cidade havia muitas casas velhas e grandes, com vários andares; e nessas casas viviam muitas pessoas po-

O GIGANTE INVISÍVEL

bres. Quanto mais alto você subia as grandes escadas íngremes, mais pobre era a gente que ali vivia, de forma que nos sótãos havia pessoas tão pobres que, quando a manhã vinha, não sabiam se teriam algo para comer durante o dia todo. Isso era muito, muito triste, e crianças boas chorariam se vissem a sua dor.

Num desses sótãos vivia solitária uma mocinha chamada Zaya. Ela era uma órfã, pois seu pai havia falecido há muitos anos e sua pobre mãe, que havia trabalhado exaustivamente por muito tempo para sua querida filhinha – a única criança que tivera –, também havia morrido não fazia muito.

A pobrezinha Zaya chorou tão amargamente quando viu sua querida mãe morta, e ficou tão triste e desconsolada por tanto tempo, que se esqueceu de que não tinha meios para viver. Entretanto, as pessoas pobres que viviam na casa lhe davam parte de sua própria comida para que ela não morresse de fome.

Então, depois de um tempo, ela tentou trabalhar por si mesma e ganhar o próprio sustento. Sua mãe havia lhe ensinado a fazer flores de papel; então fez um monte de flores e, quando juntou uma cesta cheia delas, saiu para as ruas e as vendeu. Ela fazia flores de vários tipos, rosas e lírios, violetas, fura-neves, primulas, resedas e muitas outras flores belas que só crescem no País Sob o Pôr do Sol. Algumas dessas flores ela conseguia fazer sem qualquer modelo, mas outras não; assim, quando queria um modelo, tomava seu maço de folhas, tesouras, cola, pinças e todas as coisas que usava e ia para o jardim que pertencia a uma boa senhora onde cresciam muitas flores belas. Ali se sentava e se punha a trabalhar, observando as flores que queria.

SOB O PÔR DO SOL

Algumas vezes ficava muito triste, e suas lágrimas caíam espessas e rápidas quando pensava em sua querida e falecida mãe. Muitas vezes, parecia sentir que sua mãe a estava observando e vendo o terno sorriso dela refletido na água à luz do sol; então seu coração se alegrava, e ela cantava tão docemente que os pássaros a rodeavam e interrompiam seus próprios cantos para escutá-la.

Ela e os pássaros se tornaram grandes amigos, e às vezes, depois de haver cantado uma música, eles todos, sentando-se ao redor dela, entoavam notas que pareciam dizer com bastante clareza:

“Cante para nós de novo. Cante para nós de novo.”

Então ela cantava de novo. Em seguida, pedia que eles cantassem, e eles cantavam até que houvesse uma espécie de concerto. Após certo tempo, os pássaros a conheciam tão bem que entravam em seu quarto e chegavam a fazer ali mesmo seus ninhos e a segui-la para onde quer que fosse. As pessoas costumavam dizer:

“Olhe a menina dos pássaros. Ela mesma deve ser meio pássaro, pois veja como os pássaros a conhecem e a amam.” Porque tantas pessoas vinham a dizer coisas como essa, alguns indivíduos tolos realmente acreditavam que ela era meio pássaro e balançavam a cabeça quando pessoas mais sábias riam delas, dizendo:

“Ela deve ser mesmo! Ouçam-na cantando: sua voz é ainda mais doce do que a dos pássaros.”

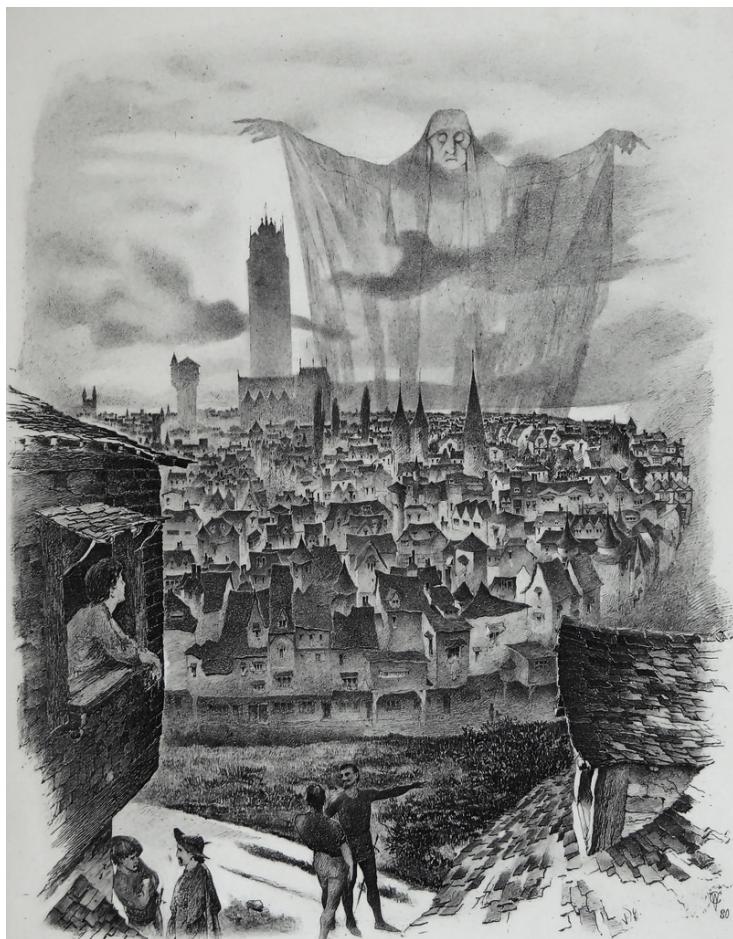
Então lhe foi dado um apelido; e garotos levados a seguiam pelas ruas chamando-a por ele. E o apelido era “Passarona”. Mas Zaya não se importava com a alcunha; e, embora os garotos levados toda hora a chamassem assim, pretendendo lhe causar sofrimento, isso não a desagradava; ao contrário, pois se rejubilava tanto com o

O GIGANTE INVISÍVEL

amor e a confiança de seus queridinhos de voz doce que gostava de ser confundida com eles.

De fato, seria bom para os garotinhos e as garotinhas levados se fossem tão bons e inofensivos quanto os passarinhos que trabalham o dia todo para seus filhotinhos indefesos, construindo ninhos e trazendo comida, e sentando-se pacientemente a chocar seus pequenos ovinhos manchados.

Certa noite, Zaya estava sentada sozinha em seu sótão, muito triste e desolada. Era uma noite de verão muito agradável, e ela estava sentada na janela, pousando os olhos na cidade. Podia ver muitas ruas que iam em direção à grande catedral, cujo pináculo se erguia ao céu muito mais alto que a grande torre do palácio do rei. Quase não havia sopro de vento, e a fumaça subia reta das chaminés, tornando-se cada vez mais rala até desaparecer completamente.



O GIGANTE INVISÍVEL

Zaya estava muito triste. Pela primeira vez em muitos dias, seus pássaros estavam todos longe dela, e ela não sabia aonde eles tinham ido. Era como se a houvessem abandonado; e se sentia tão sozinha, a pobrezinha, que derramou lágrimas amargas. Estava pensando na história que há muito tempo sua falecida mãe havia lhe contado, a história de como o Príncipe Zaphir havia matado o Gigante, e imaginou como era o príncipe, e pensou como as pessoas devem ter sido alegres no tempo em que Zaphir e Bluebell eram rei e rainha. Então se perguntou se havia crianças famintas naqueles tempos bons, e se, de fato, como as pessoas diziam, não mais havia Gigantes. Então pensou e pensou enquanto continuou a trabalhar em frente à janela aberta.

De repente, desviou o olhar de seu trabalho e fitou o outro lado da cidade. Lá viu uma coisa terrível – algo tão terrível que emitiu um gritinho de medo e espanto, e debruçou-se na janela, fazendo sombra aos olhos com sua mão para ver mais claramente.

No céu, além da cidade, viu uma Forma imensa e sombria, com os braços erguidos. Estava envolta num grande manto de névoas, desvanecendo-se no ar, de modo que a menina só conseguia ver o rosto e as mãos macabras, espetrais.

A Forma era tão portentosa que a cidade abaixo dela parecia um brinquedo de criança. Estava ainda longe da cidade.

O coração da garotinha pareceu ficar paralisado de medo quando pensou: “Os Gigantes, então, não estão mortos. Esse é mais um deles”.

Desceu correndo as altas escadas e saiu para a rua. Ali viu algumas pessoas e gritou para elas:

SOB O PÔR DO SOL

“Olhem! Olhem! O Gigante, o Gigante!”, e apontou em direção à Forma que ela ainda via se movendo lentamente na direção da cidade.

As pessoas olharam para cima, mas não podiam ver coisa alguma; então riram e disseram:

“Essa criança está louca.”

Então a pobrezinha da Zaya ficou mais assustada do que nunca, e correu pela rua, ainda gritando:

“Olhem! Olhem! O Gigante, o Gigante!” Mas ninguém lhe prestou atenção e todos disseram: “Essa criança está louca”, e continuaram com seus afazeres.

Então, os garotos levados se aproximaram dela e beraram:

“A Passarona perdeu seus colegas. Agora está vendo um pássaro maior do que ela no céu e o quer para si.” E ficaram a fazer trovas sobre ela, cantando-as enquanto dançavam em círculo.

Zaya fugiu deles; correu apressada pelo meio da cidade, e adentrou os campos mais além, pois ainda via a grande Forma diante de si, no ar.

À medida que avançava, e aproximava-se mais e mais do Gigante, ele se tornava um pouco mais escuro. Ela só conseguia enxergar as nuvens, mas ainda era visível a forma turva de um Gigante pairando no ar.

Uma névoa fria rodeou-a quando o Gigante pareceu vir em sua direção. Então, pensou em todas as pessoas pobres na cidade, e teve esperança de que o Gigante as pouasse; ajoelhando-se diante dele, ergueu suas mãos em súplica e gritou:

“Oh, grande Gigante! Poupe-as, poupe-as!”

Mas o Gigante seguia em frente como se não a tivesse escutado. Ela gritou ainda mais alto:

O GIGANTE INVISÍVEL

“Oh, grande Gigante! Poupe-as, poupe-as!” E curvou a cabeça e chorou; e o Gigante, apesar de bem lentamente, continuava a avançar para a cidade.

Não longe, havia um velho parado em pé, à porta de uma pequena casa construída com grandes pedras, mas a menina não o viu. No rosto dele havia um olhar de medo e espanto, e, ao ver a criança se ajoelhar e erguer as mãos, aproximou-se e escutou sua voz. Quando a ouviu dizer “Oh, grande Gigante”, murmurou para si mesmo:

“Então é mesmo como eu temia. Há mais Gigantes, e realmente esse é outro deles.” Olhou para cima, mas nada viu, e murmurou novamente:

“Eu não vejo, mas essa criança consegue ver; e, no entanto, eu temia, pois algo me dizia que havia perigo. Realmente, o conhecimento é mais cego do que a inocência.”

A menina, ainda sem notar qualquer ser humano por perto, gritou novamente, soltou um grande grito de aflição:

“Oh!, não, não, grande Gigante, não faça mal às pessoas. Se alguém deve sofrer, que seja eu. Leve-me. Estou disposta a morrer, mas poupe-as. Poupe-as, grande Gigante; e faça comigo o que bem entender.” Mas o Gigante não prestou atenção.

E Knoal – pois era ele o velho – sentiu seus olhos se encherem de lágrimas, e disse a si mesmo:

“Oh, que nobre criança! Como é corajosa, está disposta a se sacrificar!” E, aproximando-se, colocou a mão na cabeça da menina.

Zaya, cuja cabeça estava novamente arqueada, assustou-se e olhou em torno quando sentiu o toque. Entretanto, quando viu que era Knoal, consolou-se, pois sabia como ele era sábio e bom, e sentiu que, se alguma pessoa poderia ajudá-la, essa pessoa seria ele. Acheou-

SOB O PÔR DO SOL

-se a ele e escondeu o rosto em seu peito; ele fez carinho nos cabelos dela e a consolou. Mas, ainda assim, não conseguia enxergar nada.

A névoa fria passou, e quando Zaya levantou os olhos, viu que o Gigante já havia passado por ali e estava se movendo em direção a cidade.

“Venha comigo, minha filha”, disse o velho. E os dois se levantaram e entraram na casa construída com grandes pedras.

Quando Zaya entrou, ela espantou-se, pois, pasmem!, o interior era como uma tumba. O velho percebeu seu arrepio, pois ainda a mantinha perto de si, e disse:

“Não chore, pequenina, e não tema. Este lugar me lembra, e a todos que nele entram, que à tumba todos retornaremos no fim. Não tema, pois este se tornou um lar alegre para mim.”

Então a menina ficou aliviada, e começou a examinar mais atentamente seu entorno. Viu todo tipo de instrumentos curiosos, e muitas ervas estranhas e comuns, e plantas medicinais penduradas para secar em cachos nas paredes. O velho observou-a em silêncio até que o medo dela passasse, e depois disse:

“Minha filha, você viu a aparência do Gigante quando ele passou?”

Ela respondeu: “Sim”.

“Pode descrever a face e o feitio dele para mim?”, perguntou novamente.

Então ela começou a lhe contar tudo o que havia visto. Como o Gigante era tão grande que todo o céu parecia preenchido. Como os grandes braços estavam abertos, ocultos sob o manto, a ponto de, muito longe, a mortalha

O GIGANTE INVISÍVEL

se perder no ar. Como o rosto era o de um homem forte, impiedoso, porém sem maldade; e como os olhos eram cegos.

O velho arrepiou-se enquanto ouvia, pois percebeu que era um Gigante muito terrível; e seu coração chorou pela malfadada cidade, onde tantos haveriam de perecer em meio aos próprios pecados.

Eles decidiram partir e alertar novamente a malfadada população. Sem atraso, o velho e a menina correram para a cidade.

Quando deixaram a casinha, Zaya viu o Gigante à frente deles, ainda se movendo em direção a cidade. Apresaram-se; e quando passaram por meio da névoa fria, Zaya olhou para trás e viu que eles haviam ultrapassado o Gigante.

Rapidamente, chegaram à cidade.

Era uma visão estranha aquele velho e aquela menina correndo para avisar as pessoas da terrível Praga que estava por cair sobre elas. A longa barba branca do velho e os cachos dourados da criança eram puxados para trás pelo vento, de tão rápido que corriam. Os rostos de ambos estavam pálidos como a morte. Atrás deles, visto apenas pelos olhos da mocinha de coração puro quando olhava para trás, o espectral Gigante continuava a avançar lentamente, toldando uma sombra escura no ar do fim da tarde.

Mas as pessoas na cidade não viam o Gigante de modo algum. E mesmo quando o velho e a menina as alertavam, elas ainda assim não prestavam atenção, mas zombavam e escarnejavam deles, dizendo:

“Ora! Agora não há mais Gigantes”, e continuavam com seus afazeres, rindo e zombando.

SOB O PÔR DO SOL

Então, o velho se colocou num lugar elevado entre eles, no degrau mais baixo da grande fonte, com a menina ao seu lado, e falou assim:

“Oh!, povo, moradores deste Reino, sejam alertados a tempo. Esta criança, de coração puro, em torno de cuja inocência até mesmo os passarinhos, que temem os homens, e as mulheres reúnem-se em paz, viu esta noite no céu a forma de um Gigante que avança continuamente, ameaçador, em direção à nossa cidade. Acreditem, oh!, acreditem; e fiquem alertas enquanto podem. A mim mesmo, como a vocês, o céu está limpo; e, no entanto, vejam que eu acredito. Pois, escutem-me: ignorando completamente que um novo Gigante havia invadido nossa terra, sentei pensativo em minha morada. E, sem causa ou motivo, veio ao meu coração um medo repentino pela segurança de nossa cidade. Eu me levantei, olhei ao norte e ao sul e ao leste e ao oeste, e para o alto e para baixo, mas nunca pude enxergar algum sinal de perigo. Então eu disse a mim mesmo: ‘Meus olhos estão turvos devido a uma centena de anos observando e esperando, e assim não consigo enxergar.’ E, no entanto, oh!, povo, moradores deste reino, apesar de esse século ter embaçado meus olhos externos, ele aguçou meus olhos internos – os olhos de minha alma. Novamente eu saí da minha casa e, veja!, esta menina estava ajoelhada, implorando a um Gigante, invisível para mim, que pouasse a cidade; mas ele não a escutou, ou, se escutou, não respondeu, e ela se prostrou no chão. Então viemos para cá para alertá-los. Dali, diz a menina, ele avança para a cidade. Oh, sejam alertados! Alertados a tempo.”

Ainda assim, as pessoas não prestaram atenção, mas zombaram e riram ainda mais, dizendo:

O GIGANTE INVISÍVEL

“Ora!, a menina e o velho estão loucos”; e foram para suas casas – para dançar e festejar como antes.

Então os garotos levados vieram e zombaram deles, e disseram que Zaya perdera seus pássaros e ficara louca; e fizeram músicas e cantaram-nas enquanto dançavam em círculo.

Zaya estava tão dolorosamente angustiada pelo pobre povo que não prestou atenção aos garotos cruéis. Vendo que ela não prestava atenção, alguns se tornaram ainda mais rudes e malvados. Afastaram-se um pouco e arremessaram coisas contra a menina e o velho, zombando ainda mais dos dois.

Então, triste no coração, o velho se levantou, e tomou a menina pela mão, e a levou para bem dentro da floresta, abrigando-a consigo na casa feita de grandes pedras. Naquela noite Zaya dormiu com o doce cheiro de ervas secas em torno de si, e o velho segurou sua mão para que não tivesse medo.

De manhã, Zaya se levantou cedo e acordou o velho, que havia dormido em sua cadeira.

Ela foi até a porta e olhou para fora; então uma vibração de alegria sobreveio a seu coração. Pois, do lado de fora, como se esperando para vê-la, estavam todos os seus passarinhos e muitos, muitos mais. Quando os pássaros viram a menina, entoaram alto alguns sons alegres, e voaram loucamente ao redor de tanta alegria – alguns deles sacudindo as asas e tão engraçados que ela não conseguiu segurar algumas risadas.

Depois que Knoal e Zaya tomaram seu café da manhã simples e repartiram-no com seus amiguinhos de penas, partiram com corações pesarosos para visitar a cidade e tentar mais uma vez alertar o povo. Os pássaros voavam

SOB O PÔR DO SOL

em torno deles enquanto andavam, e, para incentivá-los, cantavam o mais alegre que podiam, embora seus corações zinhos estivessem abatidos.

Enquanto andavam, viam diante si o grande Gigante sombrio. E agora ele havia avançado até as fronteiras da cidade.

Mais uma vez alertaram as pessoas, e grandes aglomerados de gente os cercaram, mas só para zombar deles mais do que nunca. E garotos levados jogaram gravetos e pedras nos passarinhos, matando alguns deles. A pobre Zaya chorou amargamente, e o coração de Knoal ficou muito triste. Depois de certo tempo, quando os passarinhos já tinham se afastado da fonte em que estavam, Zaya olhou para cima e teve um sobressalto com uma alegre surpresa, pois não via mais o Gigante. Exclamou de alegria e as pessoas riram, dizendo:

“Criança esperta! Ela vê que não vamos acreditar nela e agora finge que o Gigante foi embora.”

Cercaram-na, zombeteiros, e alguns deles disseram:

“Vamos colocá-la na fonte e afundá-la, como uma lição a mentirosos que nos assustam.” Eles então se aproximaram dela com ameaças. Ela se agarrou a Knoal, que mostrava um semblante terrivelmente grave desde que ela dissera que não via mais o Gigante. Ele estava como que em sonho, pensativo. Mas, ao toque dela, pareceu acordar; e falou severamente às pessoas, censurando-as. Mas elas também gritaram com ele, e disseram que, como havia ajudado Zaya em sua mentira, ele também seria afundado; e se aproximaram para deitar as mãos em ambos.

A mão de um homem, que era um dos líderes do bando, já estava estendida, quando emitiu um pequeno grito e apalpou a lateral do próprio corpo; e, enquanto os

O GIGANTE INVISÍVEL

outros se viravam para olhá-lo, assustados, gritou, sentindo uma grande dor e urrando horrivelmente. Bem na hora que as pessoas o olharam, seu rosto começou a enegrecer e enegrecer, e ele caiu diante delas, contorcendo-se de dor por alguns momentos, e então morreu.

Todas as pessoas gritaram de terror, e fugiram aos berros:

“O Gigante! O Gigante! Ele está mesmo entre nós!”

Temeram ainda mais por não poderemvê-lo.

Mas antes de conseguirem sair da praça central, no meio da qual estava a fonte, muitos caíram mortos, e os cadáveres ficaram no chão.

Ali no centro, o velho e a menina ajoelharam, rezando; e os pássaros pousaram em volta da fonte, mudos e quietos, e nenhum som se escutava, exceto os gritos das pessoas ao longe. Então, suas lamentações soaram cada vez mais altas, pois o Gigante – a Praga – estava entre e em torno deles, e não havia escapatória, pois agora era tarde demais para fugir.

Ah! No País Sob o Pôr do Sol houve muito choro naquele dia. E quando a noite chegou, pouco se dormiu, pois havia medo em uns corações e dor em outros. Ninguém estava quieto, exceto os mortos, que jaziam rígidos espalhados pela cidade, tão inertes e sem vida que nem mesmo a fria luz da lua e as sombras das nuvens passando sobre eles podiam fazer com que parecessem vivos.

E por muitos dias houve dor e pesar e morte no País Sob o Pôr do Sol.

Knoal e Zaya fizeram tudo o que puderam para ajudar o pobre povo, mas era realmente difícil ajudá-los, pois o Gigante invisível estava entre eles, vagando de lá e para cá pela cidade, de modo que ninguém podia dizer sobre quem ele deitaria sua mão gelada da próxima vez.

SOB O PÔR DO SOL

Algumas pessoas fugiram da cidade; mas não adiantava, pois, como quer que partissem dali e por mais rápido que fugissem, permaneciam ao alcance do Gigante invisível. De vez em quando, com seu sopro e seu toque, ele fazia de seus tépidos corações um gelo, e eles caíam mortos.

Alguns, como aqueles ficaram na cidade, eram poupadinhos, mas uma parte deles perecia de fome; já os demais rastejavam tristemente de volta para a cidade, e viviam ou morriam entre seus amigos. E tudo isso era, oh!, tão triste, pois nada havia senão pesar e medo e choro de manhã à noite.

Agora, veja como os passarinhos amigos de Zaya ajudaram-na em seu momento de necessidade.

Eles aparentemente viram a vinda do Gigante quando ninguém – nem mesmo a menina – pôde ver qualquer coisa, e conseguiram contar para ela quando havia perigo, como se pudessem falar.

No começo, Knoal e ela iam para a casa feita de grandes pedras todas as noites para dormir, e voltavam a cidade de manhã, ficando junto com o pobre povo doente, consolando-o e alimentando-o, dando-lhe os remédios que Knoal, com sua grande sabedoria, sabia que lhes fariam bem. Assim, salvaram muitas vidas humanas preciosas, e aqueles que foram salvos ficaram muito agradecidos e, desde então e para sempre, viveram de maneira mais pura e altruísta.

Depois de alguns dias, entretanto, descobriram que o pobre povo doente precisava de ajuda mais de noite do que de dia, e então os dois vieram para a cidade e nela passaram a morar juntos, ajudando o povo abatido dia e noite.

O GIGANTE INVISÍVEL

De manhã bem cedo, Zaya saía para respirar o ar da manhã; e ali, recém-acordada do sono, estavam seus amigos emplumados esperando por ela. Entoavam canções de alegria, achegavam-se e empoleiravam-se em seus ombros e em sua cabeça, beijando-a. Então, se ela fosse em direção a qualquer lugar onde, durante a noite, a Praga houvesse deitado sua mão mortífera, eles sempre se agitavam em frente a ela, tentavam impedi-la e gritavam em sua própria língua:

“Volte! Volte!”

Eles ciscavam de seu pão e bebiam de sua xícara antes que ela os tocasse; e quando havia perigo – pois a mão fria do Gigante estava por toda parte –, sempre bravavam:

“Não, não!”, e ela não tocaria a comida, ou não deixaria qualquer um tocá-la. Frequentemente ocorria que, no exato momento em que ciscava o pão ou bebia da xícara, um pobre passarinho caía, sacudia suas asas e morria. Mas todos aqueles que morriam, morriam com um trilo de alegria, olhando para sua pequena mestra, por quem haviam alegremente falecido. Sempre que passarinhos achavam que o pão e a xícara estavam puros e livres do perigo, olhavam para Zaya vivamente, e batiam suas asas e tentavam piar, parecendo tão espertos que a pobre e triste menininha sorria toda vez.

Havia um pássaro velho que sempre se demorava mais, e frequentemente dava muito mais ciscadas no pão quando este era bom, de modo que conseguia uma refeição substanciosa. E algumas vezes continuava a se alimentar até que Zaya balançava o dedo e lhe dizia:

“Guloso!”, e ele saltitava para longe como se não tivesse feito nada.

SOB O PÔR DO SOL

Havia outro passarinho querido – um tordo, com peito tão vermelho quanto o pôr do sol – que amava Zaya mais do que se pode imaginar. Quando experimentava a comida e descobria que era seguro comê-la, tirava um pequeno pedacinho com o bico, voava e colocava na boca dela.

Cada passarinho que bebia da xícara de Zaya e gostava levantava sua cabeça para agradecer; e desde então os passarinhos fazem a mesma coisa, e nunca se esquecem de agradecer – como o fazem algumas crianças ingratas.

Assim viviam Knoal e Zaya, ainda que muitos à sua volta morressem, e o Gigante ainda permanecia na cidade. Morriam tantas pessoas que surpreendia o fato de que ainda sobrasse muita gente, pois foi só quando a cidade começou a ficar rarefeita que o povo pensou no imenso número de pessoas que havia vivido nela.

A pobre e pequenina Zaya ficara tão pálida e magra que parecia uma sombra, e a figura de Knoal ficara mais curvada com os sofrimentos de algumas poucas semanas do que estivera em todo seu centenário. Mas, apesar de estarem fatigados e desgastados, os dois continuavam sua boa obra de ajuda aos doentes.

Muitos dos passarinhos estavam mortos.

Uma manhã, o velho ficou muito fraco – tão fraco que mal podia ficar em pé. Zaya temeu por ele e disse:

“Você está doente, pai?”, pois agora ela sempre o chamava de pai.

Ele lhe respondeu com uma voz, ai!, rouca e baixa, mas muito, muito carinhosa:

“Minha criança, temo que o fim esteja se aproximando: leve-me para casa, para que eu possa morrer lá.”

O GIGANTE INVISÍVEL

Às suas palavras, Zaya emitiu um pequeno grito e caiu de joelhos ao lado dele, enterrando sua cabeça em seu peito, e chorou amargamente enquanto o abraçava forte. Mas tinha pouco tempo para chorar, pois o velho lutava para ficar em pé. Ao ver que ele desejava ajuda, ela limpou as lágrimas e o ajudou.

O velho pegou seu cajado e, com Zaya ajudando a lhe dar apoio, chegou até a fonte no meio da praça do mercado. E ali, no degrau mais baixo, sucumbiu, como que exausto. Zaya sentiu-o ficar frio como gelo, e percebeu que a mão gelada do Gigante havia se deitado sobre ele.

Então, sem saber o motivo, olhou para onde havia visto pela última vez o Gigante, quando Knoal e ela estiveram ao lado da fonte. E eis que, quando olhou para lá, segurando a mão de Knoal, viu entre as nuvens, de forma cada vez mais nítida, a forma sombria do terrível Gigante, o qual estivera invisível por tanto tempo.

Seu rosto estava severo como sempre, e seus olhos ainda estavam cegos.

Zaya gritou ao Gigante, ainda segurando bem forte as mãos de Knoal:

“Ele não, ele não! Ó, poderoso Gigante! Ele não! Ele não!”, e arqueou a cabeça e chorou.

Tamanha era a angústia em seu coração que dos olhos cegos do Gigante sombrio brotaram lágrimas, que caíram como orvalho na testa do velho. Knoal falou a Zaya:

“Não se aflija, minha menina. Estou contente por você enxergar novamente o Gigante, pois tenho esperança de que ele irá deixar nossa cidade sem infelicidades. Sou a última vítima, e morro contente.”

Então Zaya ajoelhou-se em direção ao Gigante, e disse:

SOB O PÔR DO SOL

“Poupe-o! Oh! Poupe-o e me leve! Sim, poupe-o!
Poupe-o!”

O velho soergueu-se com os cotovelos, ainda deitado, e disse a ela:

“Não se aflija, pequenina, e não lamente. De verdade, sei que você alegremente daria sua vida pela minha. Mas nós devemos dar pelo bem dos outros aquilo que para nós é mais caro do que nossas próprias vidas. A bênção, minha pequenina, e seja boa. Adeus! Adeus!”

Quando pronunciou a última palavra, ficou frio como a morte, e seu espírito partiu.

Zaya ajoelhou-se e rezou; e quando olhou para cima, viu o Gigante sombrio se afastando.

O Gigante virou-se quando passou por ela, e Zaya viu que seus olhos cegos estavam apontados em sua direção, como se ele tentasse enxergá-la. Ele levantou os grandes braços umbrosos, dobrou-se em silêncio em sua mortalha de névoa, como que a abençoando; e ela pensou que o vento que passou por ela uivando carregava o eco das palavras:

“Inocência e devoção salvam o reino.”

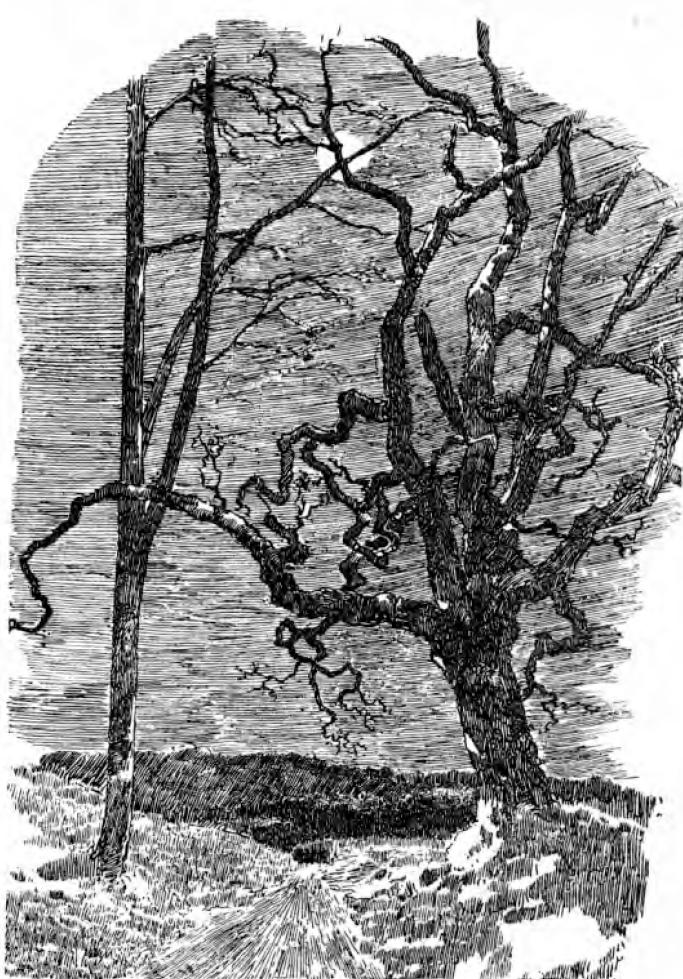
Imediatamente viu ao longe o grande Gigante-Praga se afastando para as fronteiras do Reino, passando entre os Espíritos Guardiões e pelo Portal em direção aos desertos mais além... para sempre.

O Construtor de Sombras

O solitário Construtor de Sombras sempre fica observando tudo em sua morada solitária.

As paredes são de nuvem, e, em volta e através delas, sempre mudando de figura enquanto vão, passam as sombras escuras de todas as coisas que já foram.

Esse círculo infinito, sombrio, rodopiante e movente é chamado de *A Procissão do Passado Morto*. Nela, tudo é tal como já foi no grande mundo. Não há mudanças em parte alguma; pois cada momento, à medida que passa, manda sua sombra para as fileiras dessa turva Procissão. Aqui há pessoas que se movem e acontecimentos – preocupações – pensamentos – tolices – crimes – alegrias – tristezas – lugares – cenas – esperanças e medos, e tudo isso perfaz a soma da vida com todas as suas luzes e sombras. Cada imagem na natureza em que a sombra mora – e isso são todas as coisas – aqui tem seu fantasma obscuro.



O CONSTRUTOR DE SOMBRAS

Aqui, todas as imagens mais belas e mais tristes de se ver – a escuridão que permeia um milharal ensolarado quando com a brisa aparece o balanço escuro das espigas cheias se dobrando e se endireitando; a onda na superfície vítreia de um mar de verão; a vastidão escura que jaz além e fora da ampla trilha da luz da lua na água; a renda de brilho e de sombra que cintila sobre a estrada à medida que se passa por ela no outono quando a luz da lua cai através dos galhos nus das árvores pendidas à margem; a sombra fresca e tranquila sob as grossas árvores no verão quando o sol está flamejando acima do preparador de feno trabalhando; as nuvens negras que esvoacam atravessando a lua, escondendo sua luz, que depois reaparece vazia e fria; o fusco do violeta e do preto que se alça no horizonte quando no verão a chuva se aproxima; os recessos escuros e as cavernas sombrias de onde as cachoieras chiando se arrojam ao lago abaixo –, todas essas imagens sombrias, e mais mil outras que chegam dia e noite, circulam na Procissão entre as coisas que já foram.

Aqui, também, cada ato que qualquer humano realize, cada pensamento – bom ou mal – cada desejo, cada esperança – tudo o que é secreto – está retratado, e se torna um registro duradouro que não pode ser destruído; pois, a qualquer momento, o Construtor de Sombras pode incitar, com sua mão espectral, qualquer um – dormindo ou acordado – a contemplar o que é retratado do Passado Morto, na distância obscura e misteriosa que abarca sua morada solitária.

Nessa Procissão do Passado Morto sempre em movimento há somente um lugar no qual os fantasmas que circulam não estão presentes, e no qual as paredes de nuvem estão dissipadas. Há aqui uma grande escuridão, densa e

SOB O PÔR DO SOL

profunda, e cheia de trevas, e além da qual jaz lá fora o grande mundo real.

Essa escuridão é chamada de O Portal do Horror.

A distância, a Procissão toma o seu curso a partir do portal e, seguindo em seu caminho, faz um círculo e retorna à escuridão; os fantasmas sombrios derretem-se novamente em trevas misteriosas.

Algumas vezes, o Construtor de Sombras atravessa as paredes vaporosas de sua morada e mistura-se nas fileiras da Procissão. E algumas vezes uma forma invocada pelo gesto de sua mão espectral, com um passo silencioso, chega-se saindo da névoa e para a seu lado. Algumas vezes, o Construtor de Sombras invoca num corpo adormecido uma alma que sonha; então, por certo tempo, o vivo e o morto ficam face a face, e os homens chamam isso de sonho do Passado. Quando isso acontece, amigo encontra amigo ou inimigo encontra inimigo; e à alma do sonhador vem uma lembrança feliz e há muito desaparecida, ou a agonia inquieta do remorso. Mas nenhum espectro atravessa a parede enevoada, com a única exceção do Construtor de Sombras; e nenhum ser humano – mesmo em sonho – pode entrar na obscuridade por onde se move a Procissão.

Assim vive o solitário Construtor de Sombras em meio a suas trevas, e sua habitação é povoada por um passado espectral.

Seu único povo é o do passado; pois, apesar de criar sombras, elas não vivem com ele. Seus filhos partem imediatamente para suas casas no grande mundo, e ele não sabe mais delas até que, na completude do tempo, se juntem à Procissão do Passado Morto e cheguem, por sua vez, as paredes enevoadas de seu lar.



SOB O PÔR DO SOL



Para o Construtor de Sombras não há noite ou dia, nem estações do ano; mas, para todo o sempre, a silenciosa Procissão do Passado Morto gira em volta de sua morada solitária.

Algumas vezes ele se senta e medita com os olhos fixos e fitos, nada fitando; e então, lá no mar, há uma calmaria desnublada ou a treva negra da noite. Em direção ao distante Norte ou Sul, durante longos meses, ele nunca fica observando, e então a quietude da noite ártica reina sozinha. Quando os olhos em devaneio se tornam novamente conscientes, o silêncio duro se suaviza em sons de vida e de luz.

O CONSTRUTOR DE SOMBRAS

Algumas vezes, com um franzido em seu rosto e um olhar duro, que raia e lampeja relâmpagos negros, o Construtor de Sombras impele-se resoluto à sua tarefa, e por todo o mundo as sombras marcham densas e rápidas. Sobre o mar se arroja o negror da tempestade; luzes baças bruxuleiam dentro de cabanas remotas em pântanos solitários, e até mesmo nos palácios dos reis sombras negras passam e voam e deslizam por todas as coisas – sim, através dos próprios corações dos reis –, pois o Construtor de Sombras torna-se, então, horrível de se olhar.

De vez em quando, entre longos intervalos, o Construtor de Sombras, à medida que completa sua tarefa, demora-se em seu trabalho como se o amasse. Seu coração anseia pelos filhos de sua vontade, e ele gostaria de guardar ao menos uma sombra para servir-lhe de companhia em sua solidão. Mas, nesses momentos, a voz do Grande Presente está sempre soando em seus ouvidos, impondo-lhe pressa. A voz gigante ribomba:

“Adiante, adiante.”

Enquanto as palavras soam nos ouvidos do Construtor de Sombras, a sombra total desvanece debaixo de suas mãos e, passando sem ser vista pelo Portal do Horror, mistura-se no grande mundo lá fora, no qual deverá desempenhar seu papel. Quando, na completude do tempo, essa sombra adentra as fileiras da Procissão do Passado Morto, o Construtor de Sombras a reconhece e dela se lembra; mas em seu coração morto não há brilho de recordação amável, pois ele só pode amar o Presente, que sempre escapa de seu alcance.

E, ah!, é uma vida solitária a que o Construtor de Sombras leva; e nas trevas estranhas, tristes, solenes, misteriosas e silenciosas que o envolvem, ele trabalha dura e constantemente em sua tarefa solitária.

SOB O PÔR DO SOL

Mas, algumas vezes, também o Construtor de Sombras tem suas alegrias. Sombras bebês surgem, e imagens ensolaradas, iluminadas com docura e amor, escorregam de seu toque, e se vão.

Diante do Construtor de Sombras, imerso em sua tarefa há um espaço onde não há nem luz nem escuridão, nem alegria nem melancolia. Tudo o que toca esse espaço desaparece como montes de areia que se desfazem quando a maré chega, ou como palavras escritas na água. Nesse lugar, todas as coisas perdem seu ser e se tornam parte do grande *Não-E*; e essa linha terrível de mistério é chamada de O Limiar. Tudo o que adentra nele desaparece; e tudo o que dele emerge está completo ao chegar e passar para o grande mundo como algo a cumprir seu curso. Diante do Limiar, o próprio Construtor de Sombras é como nada; e nessa força absorvente do Limiar está aquilo que ele não consegue controlar ou dominar.

Em sua tarefa, o Construtor de Sombras faz invocações; e do nada impalpável do Limiar provém o objeto de seu desejo. Algumas vezes, a sombra irrompe cheia e fresca, e subitamente se perde nas trevas do Portal do Horror; outras vezes, cresce suave e imperceptivelmente, tornando-se mais repleta à medida que se aproxima, e então se dissolve nas trevas.

O solitário Construtor de Sombras está trabalhando em sua morada solitária; à sua volta, além das paredes vaporosas, impelindo-se para adiante como sempre, está a Procissão do Passado Morto movendo-se em círculo. A tempestade e a calmaria foram invocadas do Limiar, e se foram; e agora, nesse momento calmo e melancólico, o Construtor de Sombras interrompe sua tarefa, e fica a

O CONSTRUTOR DE SOMBRAS

desejar, desejar, até que seu anseio saudoso e solitário receba uma resposta do nada do Limiar.

Dele cresce a sombra de um pé de Bebê, pisando com um andar cambaleante em direção ao mundo; depois, vem o pequeno corpo roliço e a cabeça grande, e o Bebê sombra se move adiante, oscilando e equilibrando-se com passos incertos. Rápidas por detrás dele vêm as mãos da Mãe, estendidas num gesto amoroso de ajuda para que ele não caia. Ele dá um passo – dois –, e está caindo; mas os braços da Mãe são rápidos e as mãos delicadas o mantêm firmemente em pé. A Criança vira-se e cambaleia novamente para os braços de sua Mãe.

Novamente luta para andar; e novamente as mãos vigilantes da Mãe estão prontas. Dessa vez, ele não precisa de ajuda; mas, quando a corrida acaba, a Criança sombra se volta mais uma vez, docemente, para o colo de sua Mãe.

Mais uma vez luta para andar, e anda corajosa e firmemente; mas as mãos da Mãe se detêm junto ao corpo dela, agitadas, enquanto uma lágrima desce pela sua face, embora essa face esteja agraciada por um sorriso.

O Bebê sombra vira-se e desvia um pouco do caminho. Então, sobre o Nada enevoado no qual caem as sombras, voa rapidamente a sombra tremeluzente de uma pequena mão acenando; e adiante, com passos firmes, a sombra dos pezinhos se move, saindo para as trevas enevoadas do Portal do Horror, e vai-se embora.

Mas a sombra da Mãe não se move. As mãos estão pressionadas contra o coração, o rosto amável está voltado para cima em reza, e grandes lágrimas se rolam pelas suas faces. Então, sua cabeça se arqueia para baixo à medida que os pezinhos passam para além de seu alcance;

SOB O PÔR DO SOL

e a Mãe se curva cada vez mais para baixo, chorando, até se deitar de bruços.

Enquanto lança seu olhar, o Construtor de Sombrasvê as sombras desaparecendo, desaparecendo, e somente o terrível nada do Limiar está ali.

Então, nesse mesmo instante, na Procissão do Passado Morto, rondam em torno das paredes enevoadas as sombras do que já foi – a Mãe e a Criança.

Agora, do Limiar sai um Jovem com passo corajoso e animado; e à medida que sua sombra cai no véu de névoa, a vestimenta e o porte proclaimam-no um jovem marinheiro. Perto dessa sombra está outra – a da Mãe. Mais velha e mais magra, como que por causa da vigília, mas ainda a mesma. As velhas mãos afetuosa arrumam com graça o lenço que enlaça frouxamente o pescoço desaberto; e as mãos do Garoto se estendem, tomam o rosto da Mãe, e trazem-no para frente para lhe dar um beijo. Os braços da Mãe flutuam ao redor de seu Filho, e ambos se unem num abraço apertado.

A Mãe beija seu Garoto diversas vezes; e eles permanecem juntos, como se fosse impossível separá-los.

De repente, o Garoto vira-se como se tivesse ouvido um chamado. A Mãe agarra mais apertado. Ele parece protestar carinhosamente; mas os braços afetuosa seguram com mais firmeza, até que, com delicada força, ele se desprende. A Mãe dá um passo adiante, e estende as mãos finas, tremendo numa agonia sofrida. O Garoto para, prostra-se sobre um dos joelhos; então, arremessando suas lágrimas para longe, ajeita seu chapéu e se apressa, enquanto a Mãe cai novamente de joelhos, e chora.

O CONSTRUTOR DE SOMBRA

E assim, mais uma vez, lentamente, as sombras da Mãe e da Criança crescem na completude do tempo, atraíssam o Portal do Horror e circulam entre os fantasmas na Procissão do Passado Morto – a Mãe seguindo sem descanso os passos acelerados de seu Filho.

Na longa pausa que se segue, enquanto o Construtor de Sombras observa, tudo parece mudado. Do Limiar chega uma névoa, tal qual a que se suspende algumas vezes sobre a superfície de um mar tropical.

Aos poucos a névoa se afasta, e a proa de um portentoso navio, negra e grande, desliza para frente. As sombras das grandes velas repousam fracas nas profundezas gélidas do mar enquanto os panos oscilam indolentes no ar sem brisa. Sobre a amurada há silhuetas apáticas esperando que um vento venha. A névoa no mar se dissipar lentamente; e pelas sombras escuras de homens ao abrigo do clarão do sol e, arejando-se com seus largos chapéus de marinheiro, fica claro que o calor é terrível.

Agora, ao longe, atrás do navio, eleva-se sobre o horizonte uma nuvem negra, não maior do que a mão de um homem, mas avançando rapidamente em grande velocidade. Também ao longe, diante do navio, surge a cumeira de um recife de coral, que mal pode ser vislumbrado acima da água vítreia e que vai escurecendo nas profundezas lá embaixo.

As pessoas a bordo não veem nem uma coisa nem outra, pois se abrigam sob toldos e ficam a ansiar por brisas frescas.

Cada vez mais rápido a nuvem negra chega, deslizando cada vez mais veloz, ficando cada vez mais escura e mais vasta conforme se aproxima.

SOB O PÔR DO SOL

Então, as pessoas a bordo parecem reconhecer o perigo. Sombras apressadas voam pelos dequeus; sombras de homens sobem sombras de escadas. O agitar das grandes velas vai cessando à medida que, uma a uma, elas são recolhidas por mãos determinadas.

Porém, mais rápido do que as mãos dos homens conseguam trabalhar, a tempestade vem impetuosa mente.

Avança com ímpeto, e coisas terríveis a acompanham logo atrás; escuro breu – ondas gigantes quebrando e voando para o alto – a espuma do mar varrendo os céus – as grandes nuvens rodopiando em fúria. E, no centro dessas sombras que voam, rodopiam e enlouquecem, balança a sombra do navio.

Com a negra escuridão dos céus abarcando tudo, o ímpeto da tempestade sombria irrompe através do Portal do Horror.

Enquanto espera, e olha e vê o ciclone rodopiando entre as sombras na Procissão do Passado Morto, o Construtor de Sombras, mesmo em seu coração morto, sente um pesar de dor pelo corajoso Garoto Marinheiro arremessado às profundezas, e pela ansiosa Mãe sentada sozinha em casa.

Novamente, vinda do Limiar, uma sombra avança, tornando-se mais escura à medida que se aproxima, mas muito, muito fraca a princípio; pois aqui o sol é forte, e quase não há espaço para sombras na pedra nua que parece se erguer do brilho e do cintilar das profundezas do mar ao redor.

Na pedra solitária está em pé um Garoto Marinheiro; está magro e delgado, e suas roupas são somente alguns poucos trapos. Protegendo seus olhos com a mão, olha para o mar, onde, muito longe, o céu aberto mergulha

O CONSTRUTOR DE SOMBRAS

para encontrar o mar ardente. Mas nenhuma mancha no horizonte – nenhum brilho distante de uma vela branca – lhe dá um raio de esperança.

Por muito, muito tempo espreita, até que, exausto, senta-se na pedra e curva sua cabeça por um momento como em desespero. À medida que o mar baixa, ele colhe da pedra o marisco que chegara durante a maré.

Assim o dia se esvai e a noite vem; e, no céu tropical, as estrelas penduram-se como lampiões.

No silêncio frio da noite, o abandonado Garoto Mari-nheiro descansa – dorme e sonha. Sonha com o lar – com braços amorosos e abertos para encontrá-lo – com a farta comida de banquetes – com campos verdes e galhos a balançar, e com a felicidade do amor protetor de sua Mãe. Pois, em seu sonho, o Construtor de Sombras invoca sua alma onírica e lhe mostra todas essas bênçãos passando incessantemente na Procissão do Passado Morto, consolando-o, assim, para que não desespere e morra.



O CONSTRUTOR DE SOMBRA

Assim se passam muitos dias cansativos; e o Marinheiro permanece na pedra solitária.

Ao longe pode enxergar somente uma colina que parece se erguer acima da água. Certa manhã, o céu encoberto e o ar abafado prometendo uma tempestade, a montanha distante parece mais próxima. Ele pensa em tentar alcançá-la nadando.

Enquanto está decidindo, a tempestade corre sobre o horizonte e o arrasta de sua pedra solitária. Ele nada com coração valente; mas, bem no momento em que sua força se esvai, é jogado pela fúria da tempestade numa praia de areias macias. A tempestade passa, seguindo seu caminho, e as ondas o deixam no alto e no seco. Ele entra pelo interior daquela terra, onde, dentro de uma caverna nas rochas, encontra abrigo e mergulha no sono.

O Construtor de Sombras, enquanto vê tudo isso acontecer nas sombras projetadas nas nuvens, na terra e no mar, alegra-se em seu coração morto, porque a Mãe solitária talvez não espere em vão.

Assim, o tempo segue em frente, e muitos, muitos dias tediosos vão passando. O Garoto se torna um jovem Homem, vivendo na ilha solitária; sua barba cresceu, e está vestido com uma roupa feita de folhas. Por todo o dia, exceto quando está trabalhando para conseguir alimento para comer, observa do topo da montanha algum navio que possa vir. Enquanto fica lá vigiando o mar, o sol delineia sua sombra pela encosta abaixo, de forma que, ao entardecer, à medida que o sol se põe nas águas, a sombra do Marinheiro solitário se alonga e se alonga, até que, por fim, traça uma linha escura por toda a encosta até a beira da água.

SOB O PÔR DO SOL

O coração do Homem solitário se torna mais e mais melancólico enquanto espera e observa, com o tempo passando tediosamente e dias e noites incontáveis indo e vindo.

Chega uma hora em que ele começa a ficar cada vez mais fraco. Por fim, fica doente, à beira da morte, e permanece por muito tempo moribundo.

Até que essas sombras desvanecem.

Do Limiar cresce a sombra de uma velha mulher, magra e desgastada, sentada dentro de uma cabana solitária em um penhasco protuberante. Na janela, uma lamparina queima à noite para dar boas-vindas àquele que está perdido, caso ele algum dia retorne, e para guiá-lo ao lar de sua Mãe. Junto à lamparina, a Mãe fica de vigia, até que, fatigada, mergulha no sono.

Enquanto dorme, o Construtor de Sombras invoca sua alma adormecida com o acenar de sua mão espectral.

A mão fica a seu lado na morada solitária, enquanto à volta deles, através da parede de névoa, segue adiante a Procissão do Passado Morto.

Enquanto ela olha, o Construtor de Sombras levanta sua mão espectral para apontar para a visão de seu Filho.

Mas os olhos da Mãe são mais rápidos até mesmo que a mão espectral que evoca todas as sombras da tempestade impetuosa, e, antes que a mão esteja levantada, ela vê seu Filho entre as Sombras do Passado. O coração da Mãe se enche de uma alegria inefável quando o vê vivo e saudável, apesar de prisioneiro em mares tropicais.

Mas, ah!, ela não sabe que na turva Procissão passam somente as coisas que já foram, e que, apesar de o Marinheiro solitário ter vivido no passado, no presente – na-

O CONSTRUTOR DE SOMBRAS

quele exato instante – ele pode estar morrendo ou estar morto.

A Mãe estende seus braços a seu Filho; mas, no mesmo instante, sua alma dormente perde de vista a turva Procissão e desaparece da morada solitária do Construtor de Sombras. Pois, quando fica sabendo que seu Garoto está vivo, surge uma grande dor por saber que ele está sozinho, que espera e procura por ajuda; o coração impaciente da Mãe é vencido pelo pesar, e ela acorda com um grito amargo.

Então, quando se levanta e olha a manhã para além da lamparina que se apaga, a Mãe sente que teve no sono a visão de seu Filho, e que ele está vivo e espera por ajuda; e seu coração se abrasa com grande resolução.

Rapidamente, então, surgindo do Limiar, flutuam muitas sombras...

Uma Mãe solitária apressando-se com pés ligeiros para uma cidade distante.

Homens sérios rejeitando, mas não indelicadamente, uma mulher ajoelhada suplicando com as mãos levantadas.

Homens severos enxotando de suas portas uma Mãe a rezar.

Um bando de garotos selvagem e garotas más e imprudentes perseguindo uma mulher apressada pelas ruas.

A sombra da dor num coração de Mãe.

A chegada de uma nuvem negra de desespero, mas que permanece bem longe –, pois não consegue penetrar na luz solar e radiante da decisão da Mãe.

Dias cansativos que têm sua própria miríade de sombras.

SOB O PÔR DO SOL

Noites solitárias – desejo negro – frio – fome e dor; e através de todas essas sombras tenebrosas, a sombra rápida dos pés ligeiros da Mãe.

Uma longa, longa fila com imagens se aproxima cada vez mais, próxima da Procissão, até que o coração morto do Construtor de Sombras se torna gélido e seus olhos fulminantes observam selvagemente todos aqueles que provocam dor e provações ao coração fiel da Mãe.

E assim todas essas sombras flutuam para dentro de uma névoa negra, e perdem-se nas trevas do Portal do Horror.

Outra sombra sai da névoa...

Um Velho está sentado em sua poltrona. A luz crepitante da lareira projeta sua imagem, dançando de forma estranha, na parede do quarto. Ele é velho, pois os grandes ombros estão curvados, e o rosto nobre e majestoso está cheio das linhas dos anos. Há outra sombra no quarto; é a da Mãe – ela está ao lado da mesa e conta a sua história. Suas mãos finas apontam para onde, na distância, ela sabe que seu Filho é um prisioneiro em mares solitários.

O Velho levanta-se; o entusiasmo do coração da Mãe tocou-o, e à sua memória volta rápido o velho amor, a energia e o valor de sua juventude. A grande mão se levanta, fecha-se e bate na mesa com um golpe poderoso, como que declarando uma promessa irrevogável. A Mãe cai de joelhos – segura a grande mão e a beija; depois, fica em pé, ereta.

Outros homens entram – eles recebem ordens – saem apressados.

Então chegam muitas sombras, cujos movimento, rapidez e firme propósito significam vida e esperança.

O CONSTRUTOR DE SOMBRAS

Ao pôr do sol, quando os mastros lançam longas sombras nas águas do cais, um navio grande zarpa em sua jornada a mares tropicais. As sombras dos homens rapidamente esvoaçam acima e abaixo do cordame e por todo o convés.

Quando as sombras rodam em volta do cabrestante, a âncora se levanta e em direção ao pôr do sol desliza o grande barco a vela.

Na proa, como uma figura de Esperança, está a Mãe, fitando com olhos ávidos o horizonte longínquo.

Então, essa sombra desvanece.

Um grande navio se move, com alvas velas enfunadas pela brisa. Na proa está a Mãe, fitando sempre a distância diante de si.

Tempestades vêm, e o navio corre na frente do pé de vento; mas não se desvia, pois a Mãe, com a mão estendida, aponta o caminho, e o timoneiro, balançando junto a seu timão, obedece a mão.

Então, essa sombra também desvanece.

As sombras dos dias e das noites chegam numa rápida sucessão, e a Mãe procura continuamente o seu Filho.

Então, os registros de uma jornada próspera desvanecem numa sombra fraca, turva, enevoada, através da qual uma silhueta sozinha se destaca claramente – a Mãe vigiante na proa do navio.

Agora, do Limiar crescem as sombras da ilha montanhosa e do navio se aproximando. Na proa, a Mãe se ajoelha, alerta e apontando. Um bote é baixado. Homens saltam a bordo com pés ávidos; mas, antes deles todos, está a Mãe. O bote se aproxima da ilha; a água se torna rasa e, na praia branca e quente, os homens saltam para a terra.

SOB O PÔR DO SOL

Mas a Mãe ainda está sentada na proa do bote. Em suas longas e ansiosas horas de agonia, viu, em seus sonhos, seu Filho bem ao longe, de pé e observando; ela o viu balançar seus braços com grande alegria à medida que o navio assoma sobre a linha do horizonte; ela o viu em pé na praia, esperando; ela o viu correndo através da rebentação, de modo que a primeira coisa que o solitário Garoto Marinheiro tocaria seriam as mãos amorosas de sua Mãe.

Mas, ai de seus sonhos!... Não há nenhuma silhueta com braços acenando alegremente no pico da montanha – nenhuma silhueta sôfrega está à beira da água ou se atira contra a rebentação para encontrá-la. O coração dela enregela e arrepia de medo.

Ela chegara mesmo tarde demais?

Os homens deixam o bote, consolando-a enquanto se afastam com apertos de mão e toques amáveis no ombro. Ela os apressa, gesticulando, e permanece de joelhos.

O tempo passa. Os homens escalam a montanha; procuram, mas não encontram o Garoto Marinheiro, e, com pés lentos e hesitantes, retornam ao bote.

A Mãe os ouve vindo de longe e se levanta para encontrá-los. Eles baixam suas cabeças. Os braços da Mãe se erguem, atirados para cima em angústia e desespero, e ela cai desmaiada no bote.

Num instante, o Construtor de Sombras invoca o espírito dela para que saia de sua forma humana sem sentidos, e aponta para uma forma que passa, imóvel, na Processão do Passado Morto.

Então, mais rápido que a luz, a alma da Mãe voa de volta, tomada por uma alegria recém-descoberta.

O CONSTRUTOR DE SOMBRAS

Ela se levanta do bote – salta para a terra. Os homens a seguem, perplexos.

Ela corre pela costa com pés ligeiros; os marinheiros vêm logo atrás.

Ela para defronte a entrada de uma caverna, parcialmente escondida por arbustos rasteiros. Aqui, sem se virar, gesticula para os homens esperarem. Eles param e ela entra.

Por alguns momentos, uma escuridão macabra verte do Limiar; e então uma visão triste, triste, surge e passa...

Uma caverna à meia luz, escura – um homem esgotado deitado de bruços, e em agonia uma Mãe curvada sobre a forma humana fria. Ela pousa a mão no peito gelado. Mas, ah!, não consegue sentir o batimento do coração que ela ama.

Num gesto violento, com o coração arrasado, ela se atira sobre o corpo de seu Filho e o segura forte, forte – como se o abraço apertado de uma Mãe fosse mais forte do que o abraço da Morte.

O coração morto do Construtor de Sombras fica vivo de dor à medida que se afasta da triste imagem; e, com olhos ansiosos, olha para onde, atrás do Portal do Horror, a Mãe e o Filho devem ir para se juntar às fileiras sempre crescentes da Procissão do Passado Morto.

Lentamente, lentamente vem passando a sombra da fria forma humana do Marinheiro.

Porém, mais rápidos que a luz, vêm os pés ligeiros da Mãe. Os braços tão fortes de amor estão estendidos – as mãos finas seguram a sombra errante de seu Filho e o arremessam de volta para além do Portal do Horror – para a vida – e a liberdade – e o amor.

SOB O PÔR DO SOL



O solitário Construtor de Sombras sabe agora que os braços da Mãe são mais fortes que o abraço da Morte.

Como o 7 ficou louco

Na ribanceira do rio que corre através do Reino há um belo palácio no qual mora um dos grandes homens.

A ribanceira se ergue íngreme da corredeira; e as grandes árvores crescendo no sopé sobem tão altas que seus galhos balançam no mesmo nível das torres do palácio. É um lugar belo, onde a grama é fresca e curta e densa como veludo e verde como esmeralda. Ali, as margaridas brilham como estrelas que caíram e esparramaram-se pelo gramado.

Muitas crianças viveram e se tornaram homens e mulheres no velho palácio, e eles tiveram muitos animais de estimação. Entre seus animais havia muitos pássaros – pois os pássaros, entre todas as espécies, amam o lugar. Em um canto há um local que é chamado de Terra do Enterro dos Pássaros. Aqui todos os animais são colocados quando morrem; e a grama cresce mais viva aqui, e muitas flores brotam entre os monumentos.

Um dos garotos que aqui moraram teve, uma vez, como animal de estimação, um corvo. Ele encontrou o pássaro, cuja pata havia sido machucada, levou-o para casa e cuidou dele até que ficou bom novamente; mas o pobrezinho ficou manco.

Tineboy era o nome do jovem, e o pássaro se chamava Sr. Gralha. Como você pode imaginar, o corvo amava o garoto e nunca o deixou. Havia uma gaiola para ele em seu quarto, e o pássaro ia todas as noites para lá se empoe-

SOB O PÔR DO SOL

leirar quando o sol se punha. Pássaros vão para cama regularmente segundo seu entender; e, se você quisesse punir um pássaro, você o acordaria. Pássaros não são como garotos e garotas. Imagine só punir um garoto ou uma garota não os deixando ir para cama ao pôr do sol, ou impedindo que eles se levantem bem cedo de manhã.

Bem, quando vinha a manhã, esse pássaro acordava e se alongava, piscava os olhos e dava uma boa chacoalhada; então, sentia-se bastante acordado e pronto para começar o dia.

É muito mais fácil acordar um pássaro do que um garoto ou uma garota. Não dá para cair sabão em seus olhos, ou o pente não irá se prender em nós de cabelo, e seus caderços nunca dão nós errados. Isso é porque ele não usa sabão, ou pentes, ou caderços; se usasse, talvez também sofreria.

Quando o Sr. Gralha acabava de se trocar, subia e tentava acordar seu dono e fazê-lo se levantar; mas, dessas coisas, acordá-lo era a tarefa mais fácil. Quando o garoto ia para a escola, o pássaro voava na rua junto a ele e se sentava em uma árvore próxima até que as aulas acabassem; então, seguia-o de volta para casa da mesma maneira.



SOB O PÔR DO SOL

Tineboy gostava muito do Sr. Gralha e algumas vezes fazia-o entrar em sua sala durante as aulas. Mas o pássaro era muito sábio e não entrava.

Um dia, Tineboy estava às voltas com seus problemas de matemática e, ao invés de prestar atenção ao que estava fazendo, ficou tentando fazer o Sr. Gralha entrar. O problema era “multiplicar 117.649 por 7”. Tineboy e o Sr. Gralha ficaram olhando um para o outro. Tineboy fez sinais para o pássaro entrar. O Sr. Gralha, entretanto, não se moveu; sentou-se à sombra no lado de fora, pois o dia estava muito quente, pendeu sua cabeça para um lado e observou sabiamente.

“Entre, Sr. Gralha”, disse Tineboy, “e me ajude a resolver esse problema.” O Sr. Gralha somente grasnou.

“Sete vezes nove são setenta e sete, sete vezes nove são setenta e nove... não, noventa e sete. Oh, eu não sei... queria que o número 7 nunca tivesse sido inventado”, disse Tineboy.

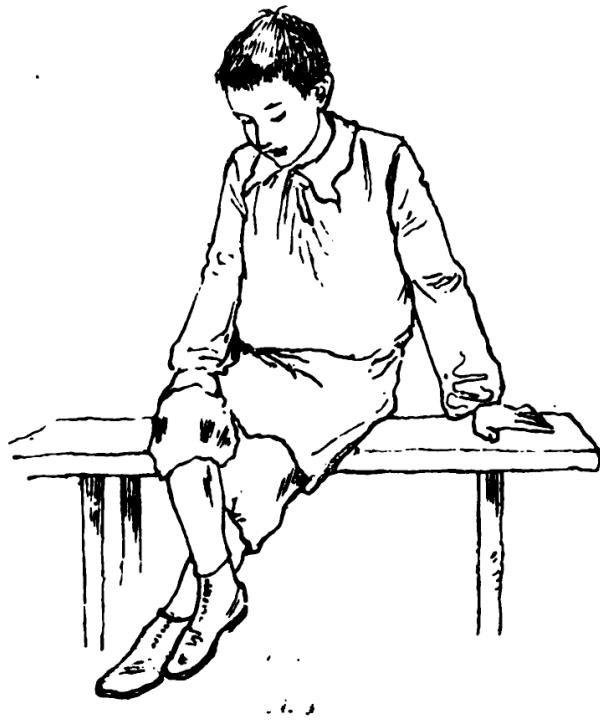
“Grá”, disse o Sr. Gralha.

O dia estava muito quente e Tineboy estava muito sonolento. Pensou que talvez seria capaz de resolver melhor o problema se descansasse um pouquinho, só para pensar; e assim, abaixou sua cabeça na carteira. Ele não estava muito confortável, pois sua testa estava em cima 7, ao menos achou que estava; assim, ele a mudou de posição até que ficou bem na beirada da carteira. Então, depois de um tempo, de alguma forma, coisas muito estranhas começaram a acontecer.

O Professor estava prestes a contá-los uma história.

Todos os alunos haviam se acomodado para escutá-la; o Corvo se sentou no peitoril da janela aberta, pendeu sua cabeça para um lado, fechou um olho – o olho mais

COMO O 7 FICOU LOUCO



perto da sala de aula – para que pensassem que estava dormindo, e escutou mais atentamente do que qualquer um deles.

SOB O PÔR DO SOL

Os pupilos estavam todos felizes – todos, exceto três. Um porque sua perna dormiu; outra porque ela tinha o bolso cheio de coalhada e queria comê-la, mas não conseguia comer sem ser descoberta, e a coalhada estava derretendo; e o terceiro estava com muito sono e muito ansioso para ouvir a história, mas não podia fazer uma coisa por causa da outra.

O mestre, então, começou sua história.

COMO O POBRE 7 FICOU LOUCO

O Médico de Alfabeto...

Aqui ele foi interrompido por Tineboy, que perguntou:

“O que é um Médico de Alfabeto?”

“Um Médico de Alfabeto”, disse o mestre, “é o médico que cuida das doenças e das enfermidades das letras do Alfabeto.”

“Como Alfabetos têm doenças e enfermidades?”, perguntou Tineboy.

“Oh, eles têm muitas. Você nunca fez um ‘o’ torto ou um ‘A’ maiúsculo com uma perninha manca, ou um ‘T’ que não tivesse as costas retas?”

Houve um coro de toda a sala: “Ele faz. Ele faz bastante”. Ruffin, o garoto maior, disse após todos os outros: “Bastante mesmo. Na verdade, sempre”.

“Muito bem, então deve haver alguém para deixá-las retas novamente, não?”

Nenhuma das crianças pôde dizer que não. Ouviu-se Tineboy, sozinho, murmurar para si mesmo: “*Eu não acredito*”.

O mestre recomeçou...

O Médico do Alfabeto estava sentado tomando chá. Estava muito cansado, pois ficou cuidando de casos o dia todo.

Tineboy interrompeu de novo: “Quais casos?”

COMO O 7 FICOU LOUCO

“Posso lhe contar. Teve de colocar um ‘i’ que havia sido omitido, e alterar a perna de um ‘R’ que havia se tornado um ‘B.’”

Bem, logo quando ele estava começando a tomar seu chá, houve uma batida rápida na porta. Foi até ela, abriu-a, e um estribeiro entrou apressado, sem fôlego por causa da corrida, e disse:

“Oh, Médico, venha rápido! Há uma calamidade em nossa casa.”

“Qual é a sua casa?”, perguntou o médico.

“Oh, você sabe. Os Estábulos dos Números.”

“O que são os Estábulos dos Números?”, perguntou Tineboy, interrompendo novamente.

“Os Estábulos dos Números”, disse o Professor, “são os estábulos onde os números são guardados.”

“Por que eles são guardados em estábulos?”, perguntou Tineboy.

“Porque eles vão muito rápido.”

“Como eles vão muito rápido?”

“Pegue um problema, resolva-o e você verá imediatamente. Ou olhe na sua tabuada: começa com duas vezes um são dois e antes que você chegue ao fim da página você estará em doze vezes doze. Isso não é ir rápido?”

“Bem, eles têm de guardar os números em estábulos, senão todos eles iriam fugir e nunca mais se ouviria falar deles. No fim do dia todos voltam para casa, trocam os sapatos, limpam-se e jantam.”

O Estribeiro dos Estábulos dos Números estava muito impaciente.

“Oh, pobre 7, senhor.”

“O que houve com ele?”

“Ele está quase morrendo. Pensamos que não irá aguentar.”

SOB O PÔR DO SOL

“Conseguir o quê?”, perguntou o Médico.

“Venha ver”, disse o Estripeiro.

O Médico apressou-se, levando a lanterna consigo, pois a noite estava escura, e logo chegou aos Estábulos.

Quando se aproximou, escutou um som muito curioso – um som ofegante e engasgado, gemidos e tosse, risadas, e um berro selvagem e sobrenatural, tudo ao mesmo tempo.

“Oh! Venha rápido!”, exclamou o Estripeiro.

Quando o Médico entrou nos estábulos lá estava o pobre número 7 com todos os vizinhos em volta dele, e ele estava muito mal. Estava espumando pela boca e aparentemente louco. A Enfermeira da Vila da Gramática estava segurando-o pela mão, tentando sangrá-lo. Todos os vizinhos estavam apertando com força as mãos ou os pescoços, ou estavam ajudando a segurá-lo. O Pezeiro, o homem, explicou o professor, vendo pela expressão no rosto de Tinneboy que ele iria fazer uma pergunta, “o homem que coloca os pés nas letras e nos números para que eles fiquem em pé sem se cansar” – estava segurando o pobre número louco.

A Enfermeira, tentando acalmá-lo, disse:

“Pronto, pronto, querido... não faça barulho. Chegou aqui o bom Médico de Alfabeto, que vai deixar você sãoo.”

“Não vou ficar sãoo”, disse o 7, bem alto.

“Mas, meu caro senhor”, disse o Médico, “isso não pode continuar. Certamente você não está louco o bastante para insistir em estar louco?”

“Sim, estou”, disse o 7, bem alto.

“Então”, disse o Médico suavemente, “se você está louco o bastante para insistir em estar louco, devemos tentar curar sua loucura ou o seu estar louco, e então você ficará lúcido o bastante para querer não estar louco, e curaremos isso também.”

COMO O 7 FICOU LOUCO

“Eu não estou entendendo”, disse Tineboy.

“Shh!”, fez a classe.

O Médico pegou seu estetoscópio, seu telescópio, seu microscópio e seu horóscopo e começou a utilizá-los no pobre e louco 7.

Primeiro, colocou o estetoscópio na sola de seu pé e começou a falar nele.

“Não é assim que se usa isso”, disse a Enfermeira. “Você deve colocá-lo no peito dele e depois auscultar.”

“De maneira alguma, minha cara senhora”, disse mansamente o Médico, “esse é o jeito que se faz nas pessoas sãs; mas, claro, quando alguém está louco, o caso da doença precisa de um método oposto de tratamento.” Então, tomou o telescópio e observou para verificar o quanto perto ele estava, e o microscópio para ver o quanto era pequeno. Então ele sacou seu horóscopo.

“Por que ele o sacou?”, perguntou Tineboy.

“Porque, meu filho querido”, disse o Professor, “você não vê que por direito um horóscopo é fabricado? Mas, porque o pobre homem estava louco, o horóscopo havia de ser sacado.”

“O que é um horróscopo?”, perguntou Tineboy.

“Não é horróscopo, meu filho; é um horóscopo – uma coisa muito diferente.”

“Bem, o que é horóscopo?”

“Procure em seu dicionário, querido”, respondeu o Professor.

Bem, quando o médico terminou de usar todos os seus instrumentos, disse: “Uso tudo isso a fim de descobrir o alcance da doença. Agora, começarei a encontrar a causa. No primeiro momento, interrogarei o paciente”.

“Bem, meu bom senhor, por que você insiste em estar louco?”

SOB O PÔR DO SOL

“Por que assim escolho.”

“Oh, meu caro senhor, essa não é uma resposta polida.
Por que você escolhe?”

“Não posso dizer o porquê”, disse o 7, “a menos que eu
faça um discurso.”

“Bem, faça um discurso.”

“Não posso falar até que eu seja posto em liberdade;
como posso fazer um discurso com todas essas pessoas me
segurando?”

“Estamos com medo de te soltar”, disse a Enfermeira,
“você irá fugir”.

“Não vou.”

“Você promete?”, perguntou o médico.

“Eu prometo”, disse o 7.

“Soltem-no”, disse o Médico e, depois, eles colocaram
um pedaço de tapete sob ele; o Pezeiro sentou-se em sua
cabeça, da maneira que fazem quando cavalos caem na
rua. Depois, todos se distanciaram, e o Pezeiro também se
distanciou. Depois de uma longa luta, o 7 se levantou.

“Agora, faça o discurso”, disse o Médico.

“Não posso começar”, disse o 7, “até que eu tenha um
copo de água em uma mesa. Quem já ouviu de qualquer
um discursando sem um copo de água?!”

Então trouxeram um copo de água.

“Senhoras e Senhores...”, iniciou o 7, e então parou.

“O que está esperando?”, perguntou o Médico.

“Por um aplauso, claro”, disse o 7. “Quem já ouviu falar
de um discurso sem aplausos?”

Todos eles aplaudiram.

“Estou louco”, disse o 7, “porque eu escolho estar louco;
e nunca irei, serei, poderei, deverei, seria, poderia ou viria a
ser qualquer coisa além de louco. O tratamento que recebo
é o suficiente para me deixar louco.”

COMO O 7 FICOU LOUCO

“Ora, ora!”, disse o Médico. “Que tratamento?”

“De manhã, à tarde e à noite sou tratado pior que qualquer escravo. Não há, em todo o alcance do aprendizado, qualquer um que tenha tanto a suportar quanto eu tenho. Trabalho duro o tempo todo. Nunca resmungo. Sou frequentemente um múltiplo, frequentemente um multiplicando. Estou disposto a suportar meu quinhão de ser um resultado, mas não posso aguentar o tratamento que recebo; e, além disso, eles não são órfãos como eu.”

“Órfãos?”, perguntou o Médico, “o que quer dizer?”

“Quero dizer que os outros números têm muitas relações. Mas não tenho parentes nem família – exceto o velho Número 1, e ele não conta muito; e, além disso, sou somente seu ta-ta-ta-taraneto.”

“De que maneira?”, perguntou o Médico.

“Oh, ele é um velho camarada que está presente o tempo todo. Tem todos os seus filhos à sua volta, e eu venho somente seis gerações depois.”

“Hunf!”, exclamou o Médico.

“O Número 2”, continuou o 7, “nunca se mete em confusão, e o 4, o 6 e o 8 são seus primos. O Número 3 é próximo do 6 e do 9. O Número 5 é um meio décimo e nunca se mete em confusão. Mas, quanto a mim, sou um miserável, mal-tratado e sozinho.” Aqui o pobre 7 começou a chorar e, arqueando sua cabeça, soluçou amargamente.

Quando o Professor chegou a esse ponto houve uma interrupção, pois aqui o pequeno Tineboy também começou a chorar.

“Por que está chorando?”, perguntou Ruffin, o garoto brigão.

“Não estou chorando”, disse Tineboy, e soluçou mais do que nunca.

O Professor continuou a história.

SOB O PÔR DO SOL

O Médico de Alfabeto tentou alegrar o pobre 7.

“Escute, escute!”, disse ele.

O 7 parou de chorar e olhou para ele. “Não”, disse, “você deve dizer ‘fale, fale’; sou eu quem deveria dizer ‘escute, escute.’”

“Certamente”, disse o Médico, “você diria isso se fosse são; mas, por outro lado, você não é são, e, estando louco, você diz o que não deveria dizer.”

“Isso é falso”, disse o 7.

“Eu entendo”, disse o Médico, “mas não interrompa para discutir esse ponto. Se você fosse são você diria ‘isso é verdade’, mas você diz ‘isso é falso’, querendo dizer que concorda comigo.”

O 7 pareceu satisfeito em ser tão compreendido.

“Não”, disse ele – querendo dizer “sim”.

“Então”, continuou o Médico, “se você disser ‘fale, fale’, quando um homem são diria ‘escute, escute’, claro, eu diria ‘escute, escute’ quando quisesse dizer ‘fale, fale’ porque estou falando com um louco.”

“Não, não”, disse o 7 – querendo dizer “sim, sim”.

“Continue seu discurso”, disse o Médico.

O Número 7 pegou seu lenço e chorou.

“Senhoras e Senhores”, continuou, “mais uma vez eu devo advogar a causa do número pobre e mal-usado – que sou eu – este número órfão – este número sem parentes...”

Aqui Tineboy interrompeu o Professor: “Como ele não tinha parentes?”

“Parentes, minha criança. Parentes, e não parentes”, disse o Professor.

“Qual a diferença entre parentes e parentes?”, perguntou Tineboy.

COMO O 7 FICOU LOUCO

“Ficará muito pouco aparente”, disse o Professor, “a diferença entre esta bengala e seu couro se você interromper.” Assim, Tineboy ficou quieto.

“Bem”, seguiu o professor, “*o pobre 7 continuou: imploro sua piedade para este número miserável. Oh, vocês, garotos e garotas, pensem em um pobre número desolado, que não tem casa, nem amigos, nem pai, mãe, irmão, irmã, tio, tia, sobrinho, sobrinha, filho, filha ou primo, e está desolado e sozinho.*”

Aqui, Tineboy soltou um urro terrível.

“Por que está chorando?”, perguntou o Professor.

“Eu quero que o velho e pobre 7 seja mais feliz. Eu darei a ele um pedaço de meu lanche e um pedaço da minha cama.”

O Professor voltou-se ao Monitor.

“Tineboy é uma boa criança”, disse, “faço-o, para a próxima semana, aprender 7 vezes o em diante e talvez isso irá recomfortá-lo.”

O Corvo, sentado na janela, piscou seu olho para si mesmo e saltitou no entorno com um graxnado contido e contente, balançou suas asas, e pareceu estar se abraçando e rindo. Então, saltitou para longe, subiu com a ponta das patas e se escondeu em cima da estante de livros.

O Mestre continuou sua história.

Bem, crianças, depois de um tempo o pobre 7 melhorou e prometeu que ficaria deslouco. Antes de o Médico ir novamente para casa, todas as Crianças Alfabeto e Número vieram e apertaram a mão do pobre Número 7, e prometeram que seriam mais bonzinhos com ele no futuro.

“Então, crianças, o que vocês acham da história?”

SOB O PÔR DO SOL

Todas elas disseram que gostaram, que era bela, e que tentariam também ser mais bonzinhos com o pobre 7 no futuro. Por fim, Ruffin, o valentão, disse:

“Eu não acredito. E, se for verdade, eu gostaria que ele tivesse morrido; ficaríamos melhor sem ele.”

“Ficaríamos?”, perguntou o professor. “Como?”

“Porque não nos importaríamos com ele”, disse Ruffin.

No momento em que disse isso, ouviu-se um tipo de grsnado esquisito emitido pelo Corvo, mas ninguém se importou, exceto Tineboy, que disse:

“Sr. Gralha, você e eu amamos o pobre 7, em todo caso.”

O Corvo odiou Ruffin porque o garoto sempre jogava pedras nele, e tentava puxar as penas de sua cauda; e enquanto Ruffin falava, seu grsnado parecia significar: “Espere só”. Quando ninguém mais estava olhando, o Sr. Gralha saltitou para cima e se escondeu nas vigas.

Então, na mesma hora, a escola acabou e Tineboy foi para casa. Mas não conseguiu achar o Sr. Gralha. Pensou que ele estivesse perdido, que estava muito infeliz, e foi para cama chorando.

Nesse meio tempo, quando a escola estava trancada e vazia, o Sr. Gralha saiu das vigas muito, muito quietamente – saltitou por sobre a porta e, abaixando sua cabeça, escutou; então, voou e escalou a maçaneta da porta, e olhou pela fechadura. Não havia nada para ver e nada para ouvir.

Então, ele se ergueu na mesa do Mestre, bateu suas asas, e começou a grsnar como um galo, porém muito suavemente, com medo de ser ouvido.

Imediatamente, sobrevoou toda a sala, voando até as grandes folhas da tabela de multiplicação, virando as fo-

COMO O 7 FICOU LOUCO

lhas dos livros com suas garras e pegando Alguma Coisa com seu bico afiado.

Seria difícil de acreditar, mas estava roubando todos os Números Sete daquele lugar; retirou o Sete do relógio, raspou-o da lousa e borrou-o do quadro negro com suas asas.

O Sr. Gralha sabia que, uma vez que você tirasse a inteireza de qualquer número de uma escola, ninguém mais poderia usá-lo sem pedir sua licença.

À medida que retirava todos os Setes, inchava muito; e quando os retirou todos, ficou exatamente Sete vezes maior do que seu tamanho natural.

Ele não foi capaz de fazer tudo isso de uma vez. Levou-lhe a noite toda, e quando voltou para seu canto nas vigas, era quase hora de a escola abrir.

Estava agora tão grande que conseguiu somente se espremer no canto e mais nada.

A hora da escola chegou, mas não havia Mestre e não havia Alunos. Toda uma hora passou; e então o Mestre chegou, e os Bedéis, e todos os garotos e as garotas.

Quando todos eles estavam na sala, o Mestre disse:

“Vocês todos estão muito atrasados.”

“Por favor, senhor, não pudemos evitar.”

Eles todos responderam juntos...

“Por que não puderam evitar?”

“Não fui acordado a tempo.”

“A que horas vocês são acordados toda manhã?”

Todos eles pareceram a ponto de falar, mas ficaram calados.

“Por que não respondem?”, perguntou o Professor.

Fizeram movimentos com suas bocas como se estivessem falando, mas ninguém disse nada.

SOB O PÔR DO SOL

O Corvo, em seu canto, emitiu um grsnado, rindo silenciosamente só para si mesmo.

“Por que não respondem?”, perguntou novamente o Professor. “Se não responderem imediatamente à minha pergunta, vou mantê-los todos aqui dentro.”

“Por favor, senhor, não conseguimos”, disse um aluno.

“Por que não?”

“Porque...”

Aqui, Tineboy interrompeu, “*Por que se atrasou tanto, senhor?*”

“Bem, meu filho, peço desculpas por ter me atrasado; mas o fato é que meu criado não bateu à minha porta na hora normal.”

“*Que hora, senhor?*”, perguntou Tineboy.

O Professor pareceu como se fosse falar, mas parou.

“Isso é muito estranho”, disse, depois de uma longa pausa.

Ruffin disse, de uma maneira fanfarrona: “Não estamos atrasados de modo algum. Você está aqui e nós estamos aqui – isso é tudo”.

“Não, isso não é tudo”, disse o Professor. “As horas são dez, e agora são onze – perdemos uma hora.”

“Como perdemos uma hora?”, perguntou um dos alunos.

“Bem, isso é o que está me confundindo. Precisamos esperar um pouco para ver.”

Aqui, Tineboy disse de repente: “*Talvez alguém roubei!*”

“Roubou o quê?”, perguntaram os Alunos.

“*Não sei*”, disse Tineboy.

Todos riram.

COMO O 7 FICOU LOUCO

“*Vocês não precisam rir, algo foi roubado; olhem para a minha lição!*”, disse Tineboy e segurou alto o livro. Aqui está o que eles viram:

- 1 são -
- 2 “ 14
- 3 “ 21
- 4 “ 28
- 5 “ 35
- 6 “ 42
- - “ 49
- 8 “ 56
- 9 “ 63
- 10 “ - 0

Todos os alunos rodearam Tineboy para olhar o livro. Ruffin não foi, pois ele estava olhando o relógio da escola.

“O relógio perdeu alguma coisa”, ele disse, e com certeza não parecia certo.

O Professor olhou para cima – pois estava inclinando sua cabeça sobre sua mesa, grunhindo.

“O que há de errado?”, perguntou.

“Algo está faltando.”

“Falta um número; há somente onze números”, disse o Professor.

“Não, não”, disseram os alunos.

“Conte-os, Ruffin”, pediu o Mestre.

“1 2 3 4 5 6 8 9 10 11 12.”

“Certo”, disse o Professor, “você vê que há doze números. Não, não há – sim, há – não – sim – não, sim – o que está havendo?”, e olhou em torno da sala, e inclinou sua cabeça novamente sobre sua mesa e grunhiu.

SOB O PÔR DO SOL

Nesse meio tempo, o Corvo havia rastejado pelas vigas até chegar acima da mesa do Professor; e então pegou um Sete grande e pesado e deixou-o cair no pequeno pedaço careca no topo da cabeça do Professor. O número rebateu na cabeça e caiu na mesa em frente a ele. No instante em que o Professor o viu, descobriu o que estava querendo o tempo todo. Cobriu o Sete com um pedaço de papel borrão. Então, chamou Ruffin.

“Ruffin, você me disse que algo estava faltando – tem certeza?”

“Sim, claro.”

“Muito bem. Lembra-se que você disse ontem que queria que um certo Número morresse em um manicômio?”

“Sim, eu lembro; e ainda quero.”

“Bem, esse Número foi roubado por alguém durante a noite.”

“Viva!”, disse Ruffin e jogou seu livro ao teto. O livro acertou o pobre Sr. Corvo, que tinha outro Sete em seu bico prestes a deixá-lo cair, e deixou cair esse Sete. Caiu no chapéu de Tineboy, que o segurou sem sua mão. Pegou-o, inclinou-se e fez-lhe carinhos.

“Pobre 7”, disse Tineboy.

“Me dê o Número”, disse Ruffin.

“*Não darei. Ele é meu.*”

“Então vou te obrigar”, disse Ruffin. Ele agarrou Tineboy – mesmo diante do rosto do Mestre.

“*Me deixa. Não te darei meu pobre Sete*”, disse Tineboy, e começou a gritar e a chorar.

“Ruffin, afaste-se”, ordenou o Mestre.

Ruffin afastou-se.

“Sete vezes sete?”, perguntou o Mestre.

COMO O 7 FICOU LOUCO

Ruffin não respondeu. Não poderia responder, pois não tinha um Sete.

“*Eu sei*”, disse Tineboy.

“Ah, sim”, disse Ruffin, com um olhar de desprezo, “ele sabe porque tem um Número.”

“*Quarenta e nove*”, disse Tineboy.

“Correto”, disse o Mestre; “venha para a frente, Tineboy.”

Então Tineboy foi para a frente da sala, e Ruffin para trás.

“Sete vezes quarenta e nove?”, perguntou o Mestre.

Todos ficaram em silêncio.

“Vamos, respondam!”, exclamou o Mestre.

“*Quanto é? Sim, você mesmo!*”, disse Tineboy.

“Bem, meu filho, perdão, mas não posso falar. Céus, é muito estranho”, e o Mestre abaixou sua cabeça em sua mesa novamente, e grunhiu mais alto do que nunca.

Bem nesse momento, o Sr. Gralha tomou outro Sete e derrubou-o no chão na frente de Tineboy.

“Trezentos e quarenta e três”, disse Tineboy, rapidamente; pois agora ele conseguia responder, já que tinha outro Sete.

O Professor levantou a cabeça e riu alto.

“Viva! Viva!”, disse.

Quando o terceiro Sete caiu, o Corvo começou a inchar.

Ele ficou sete vezes maior do que era, de forma que começou a levantar as telhas do telhado.

Todos os alunos olharam para cima; Ruffin tinha sua boca aberta, e o Sr. Gralha, ansioso por se livrar dos Setes, soltou um dentro dela.

“Dois mil, quatrocentos e um”, Ruffin balbuciou.

SOB O PÔR DO SOL

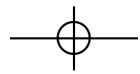
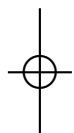
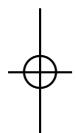
O Sr. Gralha soltou outro Sete em sua boca, e ele balbuciou novamente, mais do que antes: “Dezesseis mil, oitocentos e sete”.

O Corvo começou a atirar Setes nele tão rápido quanto podia; e a cada vez que atirava um Sete, ficava menor e menor, até que chegou a seu tamanho natural.

Ruffin continuou a balbuciar e a ofegar números tão rápido quanto jamais pôde, até que o rosto ficou preto e caiu em convulsão assim que chegou a “setenta e nove mil e setecentos e noventa e dois bilhões, duzentos e sessenta e seis mil e duzentos e noventa e sete milhões, seiscentos e doze mil e um”.

De repente, Tineboy acordou e viu que estivera sonhando com sua cabeça abaixada.





Mentiras e lírios

Claribel vivia em paz e feliz com seu pai e sua mãe desde o tempo em que era um bebezinho até quando, aos dez anos, foi para a escola.

Seus pais eram pessoas boas e adoráveis, que amavam a verdade e tentavam sempre andar no caminho dos justos. Ensinaram a Claribel todas as coisas boas, e sua mãe, Fridolina, costumava levá-la todo dia quando ia visitar e consolar os doentes.

Quando Claribel foi para a escola, ficou ainda mais feliz, pois não somente tinha sua casa como sempre a tivera, mas também tinha muitos amigos novos que eram da sua idade e os quais viria a conhecer e a amar. A professora era muito boa e muito gentil e muito velha, com um belo cabelo branco e um rosto doce e gentil que nunca parecia duro ou sério, exceto quando alguém contava uma mentira. Então, o sorriso desaparecia de seu rosto; e era como a mudança no céu quando o sol se punha, e então ficava séria e chorava silenciosamente. Se a criança que tinha sido malvada confessasse o erro e prometesse nunca mais contar uma mentira, o sorriso retornaria como a luz do sol. Mas se a criança insistisse na mentira, seu rosto se tornava sério, e depois esse olhar sério ficava na memória do mentiroso, mesmo quando ela não estivesse presente.

Todo dia ela contava a todas as crianças sobre a beleza da Verdade e como uma mentira era uma coisa muito obscura e terrível. Também lhes contava histórias do Belo

SOB O PÔR DO SOL

Livro; uma que ela amava, e que eles amavam também, era sobre a Bela Cidade onde as pessoas boas vão viver depois daqui.

As crianças nunca se cansavam de ouvir sobre aquela Cidade, límpida como cristal de jaspe, com seus doze portões com nomes escritos neles; e faziam perguntas à Professora sobre o Anjo que mediou a Cidade com um junco dourado. Sempre perto do fim da história, a voz da Professora se tornava muito séria, e um silêncio se entranhava nas crianças, e elas ficavam mais próximas umas das outras, espantadas, quando ela lhes contava que, fora daquela bela cidade, “todo aquele que adorava contar uma mentira” era condenado a ficar de pé para sempre.

Então, a boa Professora lhes contava que coisa terrível seria ficar ali fora, e perder toda a beleza e a glória eterna que havia lá dentro. E tudo por um erro que nenhum ser humano precisava cometer – contar uma mentira. As pessoas não ficam muito bravas, mesmo se um erro for cometido, se a verdade for contada de uma vez; mas se um erro fosse piorado por uma mentira, então todo mundo ficava bravo com razão. Se homens e mulheres, até mesmo pais e mães que amam seus filhinhos com muito carinho, ficam bravos, o quanto mais bravo vai ficar Deus contra quem se comete o pecado da mentira?

Claribel amava essa história e muitas vezes chorava quando pensava nas pobres pessoas que tinham de ficar fora da Bela Cidade para sempre, mas nunca pensou que ela mesma iria contar uma mentira. Na verdade, nunca pensou, até que veio a tentação. Quando as pessoas pensam muito bem de si mesmas, perigam cometer um pecado, pois, se não ficarmos sempre atentos para o mal, certamente faremos algo errado; e porque Claribel não temia mal algum, era facilmente levada ao pecado.

MENTIRAS E LÍRIOS

As crianças estavam todas envolvidas com seus problemas de matemática. Algumas delas sabiam a aritmética, conseguiam suas respostas e provavam-nas; mas algumas não conseguiam a resposta certa, e outras empacavam e não conseguiam resposta alguma. Algumas crianças levadas nem mesmo tentavam chegar nas respostas, mas faziam desenhos em suas lousas e escreviam seus nomes. Claribel tentou resolver seus problemas, mas não conseguia lembrar 9 vezes 7, e ao invés de começar em “duas vezes um são dois” e ir aumentando, ficou sem vontade e com preguiça e desistiu do problema, e começou a fazer desenhos e desistiu deles também. Olhou para a janela pensando em algo para desenhar e viu nos vidros de baixo flores coloridas pintadas para impedir que as crianças olhassem para as pessoas lá fora durante as lições. Claribel olhou fixo para uma dessas flores, um lírio, e começou a desenhá-lo.



MENTIRAS E LÍRIOS

Skooro a viu olhando e começou seu trabalho maléfico. Para ajudá-la a fazer o que não devia, ele tomou a forma de um lírio e se colocou com formas muito apagadas na lousa, de modo que ela tinha somente de desenhar em volta de seus contornos, e então desenharia um lírio. Bem, não é errado desenhar um lírio, e se Claribel o tivesse desenhado na hora certa, teria sido elogiada; mas uma coisa boa pode se tornar uma coisa má se for feita de modo errado – e assim era com o lírio de Claribel.

Depois de um instante, a Professora pediu as lousas. Quando Claribel trouxe a dela, sabia que tinha feito algo errado e estava arrependida; mas só estava arrependida porque estava com medo de ser punida. Quando a Professora pediu as respostas, ela baixou a cabeça e disse que não tinha conseguido.

“Você tentou?”, perguntou a Professora.

“Sim”, ela respondeu, sentindo que tinha tentado por um tempo.

“Ficou com preguiça?”, perguntaram-lhe. “Você fez alguma coisa além de seus problemas?” Então ela percebeu que, se contasse, teria problemas por ter ficado com preguiça; e, então, esquecendo tudo sobre a Cidade de Jaspe e aqueles que estão condenados a ficar fora de seus belos portões, respondeu que não tinha feito mais nada a não ser os problemas. A professora acreditou em sua palavra – pois ela sempre fora sincera – e disse:

“Você ficou confusa, suponho, minha querida. Deixe-me ajudá-la”, e gentilmente lhe mostrou como resolver o problema.

Quando estava voltando para sua carteira, Claribel abaixou sua cabeça, pois sabia que havia contado uma mentira, e, apesar de nunca precisar ser descoberta, ficou triste e se sentiu como se estivesse do lado de fora da Ci-

SOB O PÔR DO SOL

dade cintilante. Mesmo naquele momento, se ela tivesse corrido para a professora e tivesse dito: “Eu errei; mas serei de novo uma criança melhor”, tudo ficaria bem; mas ela não o fez, e a todo minuto que passava isso se tornou mais difícil de fazer.

Logo depois a aula terminou, e Claribel foi triste para casa. Ela não se interessou em brincar, pois havia contado uma mentira, e seu coração estava pesaroso.

Quando chegou a hora de dormir, ela deitou-se cansada, mas não conseguiu dormir; e chorou amargamente, pois não conseguiu rezar. Estava arrependida de ter contado uma mentira, e achou bem difícil o fato de que sua aflição não era suficiente para deixá-la novamente feliz. Mas sua consciência disse: “vai confessar amanhã?”, mas pensou que não seria necessário, pois o pecado havia chegado ao fim e ela não havia feito mal a ninguém. Mas todo o tempo ela sabia que havia feito algo errado. Tivesse a professora falado sobre isso, teria dito: “É sempre assim, querida. Um pecado não pode ser expiado até que a vergonha tenha vindo primeiro; pois, sem a vergonha e o reconhecimento da culpa, o coração não pode ficar limpo de pecados”.

Finalmente, Claribel chorou até dormir.

Então, quando dormiu, a Criança Anjo entrou furtivamente no quarto e passou acima de suas pálpebras, de modo que até mesmo em seu sono ela vira a bela luz, e pensou sobre a Cidade como uma pedra jaspe, límpida como cristal, com seus doze portões com nomes escritos nele. Sonhou que vira o Anjo com o junco dourado medindo a cidade, e Claribel ficou tão feliz que se esqueceu totalmente de seu pecado. A Criança Anjo conhecia todos os pensamentos dela, e ficou menor e menor até que toda a sua luz se extinguiu. E para Claribel, em seu so-

MENTIRAS E LÍRIOS

nho, tudo pareceu escurecer, e percebeu que estava de pé do lado de fora do portão da Bela Cidade. O Anjo, que se gurava o juncos dourados de medir, estava nas ameias da cidade, e, com uma voz terrível, disse:

“Claribel, ficai no lado de fora; vós adorais contar uma mentira.”

“Oh, não”, disse Claribel, “Não a adoro.”

“Então por que não confessais vosso erro?”

Claribel calou-se. Mas não iria confessar seu pecado, pois seu coração estava firme; o Anjo levantou seu juncos dourados e, veja!, brotou um belo lírio. Então, o Anjo disse:

“Os lírios crescem somente para os puros, que vivem dentro da cidade; vós deveis ficar aqui fora entre os mentirosos.”

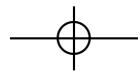
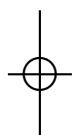
Claribel viu as paredes jaspe diante de si se elevando cada vez mais alto, e soube que eram uma barreira eterna e que deveria ficar do lado de fora da Bela Cidade para sempre. E, em angústia e horror, sentiu o quão profundo fora seu pecado, e desejou confessá-lo.

Skooro viu que ela estava se arrependendo, pois ele, também, podia ver seus pensamentos, e com a escuridão de sua presença tentou apagar todo o sonho da Bela Cidade.

Mas a Criança Anjo infiltrou-se em seu coração e deixou-o leve; a semente da penitência cresceu e floresceu.

Claribel acordou cedo, levantou-se, e contou à sua professora seu pecado, e ficou feliz mais uma vez.

Por toda sua vida ela amou os lírios, pois refletira sobre sua mentira e a penitência que fizera por causa dela, e que os lírios crescem dentro da Cidade Jaspe, que é somente para os puros.



O castelo do Rei

Quando contaram ao pobre Poeta que aquela que mais amava jazia enferma à sombra do perigo, ele ficou à beira da loucura.

Durante semanas estivera sozinho; ela, sua Esposa, fora para longe, para seu velho lar, a fim de ver um velho ancestral antes de ele morrer.

Por alguns dias, o coração do Poeta estivera oprimido por uma estranha tristeza. Não sabia a sua causa; só sabia, com a profunda empatia que é o dom do poeta, que aquela que ele amava estava doente. Esperou ansiosamente por notícias. Quando as novidades chegaram, o choque, embora já esperasse uma mensagem triste, fora demais para ele, e ficou à beira da loucura.

Em sua tristeza e ansiedade, saiu ao jardim que, por longos anos, havia cultivado para ela. Ali, entre flores resplandecentes, onde as velhas estátuas suavemente brancas se erguiam, com as cercas de teixo ao fundo, ele se deitou na grama de verão, alta e não cortada, e chorou com sua cabeça enterrada no chão.

Pensou em todo o passado – sobre como havia conquistado sua Esposa e como eles se amavam; e lhe parecia uma coisa triste e cruel que ela estivesse longe e em perigo, e que ele não estivesse perto para confortá-la ou mesmo compartilhar sua dor.

SOB O PÔR DO SOL

Muitos, muitos pensamentos lhe voltaram contando a história de anos fatigantes, cuja melancolia e solidão ele havia esquecido no resplendor de seu amável lar...

De como na juventude eles, o par, haviam se conhecido e, num instante, amado um ao outro. De como a pobreza dele e a grandeza dela os haviam mantido separados. De como ele lutara e batalhara na estrada íngreme e pedregosa rumo à fama e à fortuna.

De como, por todos aqueles anos fatigantes, lutara com a ideia única de conseguir um tal lugar na história de seu tempo que o fizesse capaz de se aproximar e dizer para ela “eu te amo”, e para seus parentes orgulhosos “sou digno, pois também me fiz grande”.

De como, em meio a todo esse sonhar com um tempo feliz que poderia vir, ele se manteve silente quanto a seu amor. De como nunca a vira ou ouvira a voz dela, ou mesmo conhecera sua morada, para evitar que, sabendo, falhasse no propósito de sua vida.

De como o tempo – tal qual sempre acontece com aqueles que trabalham com honestidade e obstinação – coroou as labutas e a paciência em sua vida.

De como o mundo chegou a conhecer e reverenciar e amar seu nome como o de alguém que, por seu exemplo, ajudara os fracos e os cansados; de alguém que purificava os pensamentos de todos os que escutavam suas palavras; e de alguém que havia varrido a baixeza ante a grandeza e a simplicidade de seus nobres pensamentos.

De como o sucesso se seguirá ao despertar da fama.

De como, enfim, no seu coração timorato pela dúvida do amor, nascera o pensamento de que finalmente alcançara a grandeza que justificava sua busca pela mão daquela que amava.

O CASTELO DO REI

De como havia retornado à sua terra natal, e lá ainda a encontrara desimpedida.

De como, quando ousara contar a ela sobre seu amor, ela lhe sussurrara que também havia esperado todos aqueles anos, pois sabia que no fim ele viria reivindicá-la.

De como ela havia vindo com ele, como sua noiva, para o lar que ele estivera construindo para ela por todos esses anos. De como, ali, viveram felizes; e ousaram olhar atentamente aos longos anos por vir em busca de alegria e contentamento sem limites.

De como ele pensou que, mesmo um pouco enfraquecido em sua força pelo incessante trabalho dos anos e pela preocupação da esperança, podia vislumbrar tempos felizes por vir.

Mas, ah!, que esperança; pois quem sabe o que o futuro pode trazer? Somente há pouco tempo sua Amada o deixara saudável, partindo por causa do dever; e, agora, ela estava doente, sem tê-lo por perto para ajudar.

Todo o sol de sua vida parecia estar desvanecendo. Todos os longos anos de espera e a paciente persistência na virtude que havia coroado seus anos com o amor não pareciam mais do que um sonho efêmero, e tudo fora em vão – tudo, tudo em vão.

Agora, com a sombra pairando sobre sua Amada, a nuvem parecia estar acima e em volta deles, e contendo nela, em seus recessos ofuscados, a perdição de ambos.

“Por quê? Oh, por quê?”, perguntou o pobre Poeta ao ar invisível, “o amor veio a nós? Por que paz e alegria e felicidade, se as turvas asas do perigo ensombrecem o ar em torno dela e me deixam só, a chorar?”

Assim lamentou, e delirou, e chorou; e amargas horas o atravessaram em sua solidão.

SOB O PÔR DO SOL

Deitado no jardim com sua face enterrada na grama alta, vieram a ele e disseram, chorando, que notícias – tristes, de fato – haviam chegado.

Enquanto falavam, ele levantou sua pobre cabeça e os fitou; e eles viram nos olhos grandes, escuros e tenros que agora ficara um tanto perturbado. Sorriu triste para eles, como se não estivesse entendendo bem o significado das palavras deles. Tão ternamente quanto puderam, tentaram dizer-lhe que aquela que ele mais amava estava morta.



SOB O PÔR DO SOL

Disseram:

“Ela andou pelo Vale das Sombras”, mas ele pareceu não os compreender.

Sussurraram:

“Ela ouviu a Música das Esferas”, mas ele ainda não os comprehendia.

Falaram-lhe pesarosos, e disseram:

“Ela agora reside no Castelo do Rei.”

Ele lhes dirigiu um olhar ávido, como que para perguntar:

“Que castelo? Que rei?”

Arquearam suas cabeças; e, enquanto se viravam, chorando, murmuraram suavemente:

“O Castelo do Rei da Morte.”

Ele nada disse; então, viraram de volta suas faces chorosas. Viram que ele havia se levantado e estava de pé, com um firme propósito em seu rosto. Então, disse suavemente:

“Vou encontrá-la; porque lá onde ela mora eu também posso morar.”

Eles lhe disseram:

“Você não pode ir. Ela está além do Portal, no Reino da Morte.”

Um propósito firme cintilou nos olhos sérios e amáveis do Poeta enquanto ele lhes respondia pela última vez:

“Aonde ela foi, para lá eu vou também. Pelo Vale das Sombras farei meu caminho. Nestes ouvidos também soarão a Música das Esferas. Procurarei e encontrarei minha Amada nos Salões do Castelo do Rei. Abraçá-la-ei firme – mesmo diante da face medonha do Rei da Morte.”

Quando ouviram essas palavras, abaixaram suas cabeças novamente, choraram e disseram:

O CASTELO DO REI

“Ai! Ai!”

O poeta virou-se e os deixou; e foi embora. Teriam-no seguido de bom grado; mas, com um gesto, pediu ali ficassem. Então, sozinho, em seu pesar, partiu.

Enquanto andava, virou-se e balançou sua mão num gesto de adeus. Então, por alguns instantes, deteve-se com a mão levantada, e a girou lentamente em todas as direções.

De repente, sua mão estendida parou e apontou. Seus amigos, olhando-o, viram onde, para além do Portal, a imensidão indolente se espalhava. Ali, no meio da desolação, a névoa dos pântanos se suspendia como um manto de trevas no horizonte longínquo.

Quando o Poeta apontou para lá, havia um brilho de felicidade – muito, muito fraco – em seus olhos pobres e tristes, enlouquecidos pela perda, como se, ao longe, ele contemplasse algum sinal ou esperança da perdida.

Rápida e tristemente, o Poeta viajou pelo dia escaldante.

A Hora de Descanso chegou, mas ele continuou a jornada. Não parou nem atrás de sombra, nem atrás de descanso. Nunca, nem mesmo por um instante, parou para esfriar seus lábios ressecados com um gole gelado das fontes cristalinas.

Os viajantes fatigados, descansando em sombras frescas ao lado das fontes, levantavam suas cabeças estafadas e olhavam-no com olhos modorrentos quando ele passava apressado. Ele não lhes prestava atenção, e continuava sempre em frente com um propósito firme em seus olhos, como se alguma faísca de esperança, irrompendo das névoas dos pântanos distantes, o encorajasse.

Assim viajou por todo o dia escaldante, e por toda a noite silenciosa. De manhã bem cedo, quando a promessa

SOB O PÔR DO SOL

do sol ainda não nascido despertava o céu oriental com uma luz pálida, ele se aproximou do Portal. O horizonte sobressaía sombrio na luz fria da manhã.

Lá, como sempre, estavam os Anjos que mantinham guarda e vigilância, e, oh!, impressionante!, apesar de invisíveis a olhos humanos, eram vistos pelo Poeta.

Quando ele se aproximou, eles o fitaram com pena e abriram bastante suas asas, como que para abrigá-lo. Ele falou; e, de seu coração atormentado, as tristes palavras saíram docemente de seus lábios pálidos:

“Dizei, Vós que guardais o Reino, minha Amada passou por aqui em jornada para o Vale das Sombras, para ouvir a Música das Esferas, e para habitar no Castelo do Rei?”

Os Anjos no Portal inclinaram suas cabeças em sinal de assentimento. Eles se viraram e olharam para fora do Reino, para onde, longe, na vastidão ociosa, as úmidas névoas rastejavam, vindas do coração inerte do pântano.

Eles bem sabiam que o pobre e solitário Poeta estava em busca de sua Amada; então, não o impediram, nem o encorajaram a ficar. Tiveram pena dele, muita, por ele amar demais.

Abriram caminho para que ele pudesse passar pelo Portal sem obstáculos.

Assim, o Poeta seguiu em frente para o deserto desolado a fim de procurar sua Amada no Castelo do Rei.

Durante algum tempo, passou por jardins cuja beleza era mais perfeita que a dos jardins do Reino. A doçura de todas as coisas penetrava nos sentidos como odores das Ilhas dos Abençoados.

A sutileza do Rei da Morte, que reina nos Domínios do Mal, é grande. Ele ordenou que o caminho além do Portal fosse feito com muitos encantos. Assim, aqueles

O CASTELO DO REI

que se desviam dos caminhos consagrados ao bem sempre encontram em torno de si tanta beleza que, em sua alegria, a melancolia e a crueldade e a culpa do deserto são esquecidas.

Mas, à medida que o Poeta seguia adiante, essa beleza começava a desvanecer.

Os belos jardins se pareciam com jardins dos quais foi retirada a mão do cuidado, e cujas ervas em abundância sufocam, à medida que nascem e crescem, a vida das mais finas flores.

De aleias gélidas sob galhos esparramados, e da relva viçosa que tocava tão suave quanto veludo os pés dolorosos do Viajante, a estrada se tornou um caminho pedregoso e árido, completamente aberta aos raios abrasantes do sol. As flores começaram a perder seu odor e a definhlar, impedidas de crescer. Grandes moitas de cicuta se elevavam por todos os lados, infectando o ar com seu odor fétido.

Grandes fungos cresciam nos buracos escuros nos quais jaziam poças de água salobra. Árvores altas, com galhos como esqueletos, erguiam-se – árvores que não tinham folhas, e parar sob suas sombras significava morrer.

Então, rochas enormes barravam o caminho. Só se podia atravessá-las por passagens estreitas e tortuosas, em penhascos que pendiam como maciços e ameaçavam desabar e engolfar o Visitante a qualquer momento.

Aqui, a noite começou a cair, e a névoa turva subindo dos pântanos longínquos tomou formas estranhas de coisas sombrias. Na solidez distante das montanhas, os animais selvagens começaram a rugir em suas tocas cavernosas. O ar se tornara medonho com os sons apavorantes da estação noturna.

SOB O PÔR DO SOL

Mas o pobre Poeta não prestava atenção às visões e aos sons maléficos do temor. Seguia sempre em frente – não pensava nos terrores da noite. Para ele, não havia medo da escuridão – nenhum medo da morte – nem um pensamento no horror. Procurava por sua Amada no Castelo do Rei; e, nessa ávida busca, todos os terrores naturais eram esquecidos.

Assim ele seguia adiante, através da noite infindável. Andava pelo desfiladeiro acima. Pelas sombras das grandes rochas, ileso, ele passava. Os animais selvagens cercavam-no rugindo furiosamente – seus grandes olhos flamejando como estrelas ardentes na escuridão da noite.

Das rochas altas, grandes jibóias rastejavam e se penduravam para capturar sua presa. Das fendas do escarpado das montanhas, e de fissuras cavernosas do caminho rochoso, serpentes venenosas rastejavam e se erguiam para dar o bote.

Mas, embora chegassem bem perto, todas as coisas nocivas se abstinham de atacar, pois sabiam que o Visitante solitário estava indo para o Castelo do Rei.

Ele rumava mais adiante, mais adiante – incessante – sem parar pelo caminho –, mas sempre avançando em sua busca.

Quando por fim a luz do dia irrompeu, o sol se levantou sobre uma visão desoladora. Ali, lutando para avançar pelo caminho rochoso, o pobre e solitário Poeta seguia sempre em frente, não dando atenção ao frio ou à fome ou à dor.

Seus pés estavam descalços, e suas pegadas no caminho polvilhado de pedras estavam marcadas de sangue. Em volta e atrás dele, longe, mantendo o mesmo passo nos cumes da cadeia de montanhas, vinham os animais

O CASTELO DO REI

selvagens que olhavam-no como a uma presa, mas que se abstinham de tocá-lo porque ele buscava o Castelo de seu Rei.

No ar rodopiavam os pássaros repugnantes, que sempre seguem o rastro dos moribundos e dos perdidos. Paireavam os abutres de pESCOÇOS nus, com olhos ávidos e bicos famintos. Suas grandes asas batiam preguiçosamente no ar parado enquanto seguiam o rastro do Viajante. Os abutres são um povo paciente e aguardam sua presa su-cumbir.

Saindo dos recessos cavernosos nos vales estreitos da montanha negra, rastejavam, velozes e em silêncio, as serpentes que ali espreitam. Veio a jiboia, com suas dobras colossais e caracóis intermináveis, de onde a pequena cabeça chata observa com olhos perspicazes. Com toda sua tribo, veio a sucuri, que captura sua presa pela força e a esmaga com a temível rigidez de seu abraço. Vieram as najas e todas aquelas que com seu veneno des-troem suas presas. Aqui, também, vieram aquelas ser-pentes, as mais terríveis de todas para suas presas – as que fascinam com olhos de estranha magia e com a graça lenta de sua abordagem.

Aqui, vieram ou ficaram à espera cobras dissimula-das, que tomam a cor da erva, ou da folha, ou do galho morto, ou da poça viscosa, e que ficam espreitando nes-ses lugares para atacar suas presas desatentas.

Havia grandes serpentes trepadeiras, de corpo ágil, dessas que se penduram em rochas ou galhos. Segurando-se firme em seu apoio à distância, dão o bote para baixo com a rapidez da luz, quando, como chicotes, arremessam de longe seus corpos sobre suas presas.

Assim, apareceram todas essas coisas nocivas para en-contrar o Homem em Busca e para tomá-lo de assalto. Po-

SOB O PÔR DO SOL

rém, quando tomavam conhecimento de que ele estava indo para o terrível Castelo de seu Rei, e viam como se guia em frente sem medo, elas se abstinhiam de atacar.

A fatal jiboia e a sucuri, erguendo-se em dobras colossais, ficaram passivas e, dessa vez, mantiveram-se quietas como pedra. As najas retraíram novamente suas presas venenosas. Os olhos sedutores e profundamente intensos da cobra encantadora ficaram pálidos e abatidos quando ela sentiu que seu poder de atração era ineficaz. E, em meio a seu bote letal, a cobra trepadeira deteve seu curso, e ficou dependurada na rocha ou no galho como uma linha frouxa.

Muitos seguiam o Viajante no deserto selvagem, aguardando e esperando uma chance de destruí-lo.

Muitos outros perigos também se apresentavam ao pobre Viajante no ócio do deserto. À medida que avançava, o caminho rochoso se tornava mais íngreme e mais escuro. Fumaças lúridas e névoas gélidas e mortais se erguiam.

Então, nesse caminho pela vastidão indiscernível, apareciam coisas estranhas e terríveis.

Mandrágoras – metade planta, metade homem – berravam para ele com um grito desesperador, agudo, quando, sem conseguir fazer o mal, esticavam seus braços medonhos em vão.

Espinhos gigantes cresciam pelo caminho; eles perfuravam seus pés sofridos e rasgavam sua carne enquanto ele seguia em frente. O Poeta sentia a dor, mas não lhe dava atenção.

Durante toda a longa e terrível jornada, só teve um único pensamento que não o de sua ávida busca pela Amada. Pensou que os filhos dos homens poderiam aprender muito com a jornada para o Castelo do Rei, que

O CASTELO DO REI

começara tão bela entre jardins perfumados e sob a sombra fresca das árvores espraiadas. Em seu coração, o Poeta falou à multidão dos filhos dos homens; e de seus lábios as palavras fluíram como música, pois compôs uma canção sobre o Portão Dourado que os Anjos chamam de VERDADE.

Não passe o Portal do Reino do Pôr do Sol,
não!

Pare onde os Anjos em sua vigília estão.
Cuidado! Mesmo estando abertos os portões
não passe,
Do lado de cá, seguro, relaxe.

Ainda que jardins perfumados e caminhos
frescos chamem,
Os vales da noite mais sombrios lá jazem.
Descanse! Descanse contente. Pare, ainda
imaculado,
Não procure os horrores do deserto desolado.

Assim, esmagando todos os obstáculos com seus pés que sangravam, seguiu sempre em frente o pobre e perturbado Poeta para procurar sua Amada no Castelo do Rei.

E à medida que seguia adiante, até mesmo a vida animal parecia morrer atrás de si. Os chacais e os animais selvagens mais covardes se safavam. Leões e tigres, e ursos, e lobos, e todos os mais corajosos entre os ferozes animais de caça, que seguiam seu rastro até mesmo depois de os outros terem parado, agora começavam a hesitar em sua perseguição.

SOB O PÔR DO SOL

Eles rosnavam baixo e então rugiam alto com as cabeças levantadas; os pelos eriçados de suas bocas se agitavam irados, e os grandes dentes brancos rangiam nervosamente em raiva aturdida. Continuavam um pouco mais, e paravam novamente, rugindo e rosnando como antes. Então, um a um, pararam, e o pobre Poeta continuou sozinho.

No ar, os abutres rodopiavam e crocitavam, parando e hesitando em seus voos. Como os animais selvagens, eles também pararam, após um longo tempo, de seguir no ar o Viajante em seu caminho.

Por mais tempo que todos, seguiam em frente as cobras. Contorcendo-se muito e deslizando furtivamente, seguiam bem de perto os passos do Homem em Busca. Nas marcas de sangue de seus pés sobre as duras rochas elas encontravam alegria e esperança, e continuavam a segui-lo sem parar.

Mas chegou a hora em que o aspecto horrível dos lugares pelos quais o Poeta passava deteve até mesmo o rastejo das serpentes – os desfiladeiros sombrios de onde saem ventos venenosos que varrem com desolação até as tocas dos animais de rapina – a rigidez estéril que marcha sobre os vales da desolação. Aqui, as próprias serpentes sorrateiras pararam seu curso, e também desapareceram gradualmente. Retornaram deslizando, sorrindo com um rancor mortal, às suas rachaduras repulsivas.

Então chegaram lugares em que as plantas e o verdor começaram a desaparecer. As próprias ervas se tornaram mais e mais atrofiadas e inanies. Mais além, definharam até ficarem com a esterilidade de rochas inanimadas. Então, as ervas mais nocivas, que cresciam em formas medonhas de trevas e terror, perderam até mesmo o poder que normalmente sobrevive depois que elas morrem. Defi-

O CASTELO DO REI

nhadas e atrofiadas até mesmo do mal, elas condensaram-se como uma pedra morta. Aqui, até mesmo a Figueira mortal não conseguia lançar raízes na terra pestífera.

Então chegaram lugares em que, na entrada do Vale das Sombras, até as coisas sólidas perdiam sua subsistânci a, e se derretiam em névoas pútridas e geladas que flu tuavam ao redor.

Enquanto passava, o Poeta ensandecido não conseguia sentir terra firme sob seus pés ensanguentados. Andava nas sombras, e no meio delas, seguia em frente, através do Vale das Sombras, a fim de procurar sua Amada no Castelo do Rei.

O Vale das Sombras parecia ter uma extensão interminável. Circundado por névoas abundantes, olho algum poderia penetrar onde se erguiam as grandes montanhas entre as quais o Vale ficava.

No entanto, lá estavam elas – a Montanha do Desespero de um lado, e a Colina do Medo do outro.

Até aqui o pobre cérebro perplexo do Poeta não havia percebido todos os perigos, e horrores, e dores que o circundavam – exceto, somente, a lição que lhe ensinavam. Mas agora, perdido como estava no vapor amortalhado do Vale das Sombras, ele não conseguia pensar em nada mais que os terrores do caminho. Estava cercado por fantasmas pavorosos, que de vez em quando se erguiam sibilinosos na névoa, e se perdiam novamente antes que ele pudesse apreender totalmente seu sentido horrível.

Então, lampejou através de sua alma um pensamento terrível.

Seria possível que sua Amada tivesse viajado para lá? Haviam-na acometido as dores que faziam tremer em agonia seu próprio estado de espírito? Era mesmo neces-

SOB O PÔR DO SOL

sário que ela tivesse sido aterrorizada por todos aqueles horrores ao redor?

Ao pensar em sua Amada, sofrendo tanta dor e medo, soltou um grito amargo que soou por toda a solidão – que partiu o vapor do Vale e ecoou nas cavernas das montanhas do Desespero e do Medo.

O grito selvagem, prolongado pela agonia na alma do Poeta, soou por todo o Vale, até que as sombras que o povoavam despertaram temporariamente para a vida-na-morte. Elas voavam rápida e indistintamente, agora desvanecendo e logo depois se lançando novamente à vida – até que o Vale das Sombras ficou todo povoado por fantasmas despertos.

Oh!, naquela hora houve agonia na alma do pobre Poeta ensandecido.

Mas logo em seguida veio uma tranquilidade. Quando o susto de sua primeira agonia passou, o Poeta se deu conta de que aos Mortos não chegam os horrores da jornada que ele empreendeu. É somente para os Vivos que existe o horror da passagem até o Castelo do Rei. Com esse pensamento, veio-lhe uma tal paz que até mesmo ali – no escuro Vale das Sombras – insinuou-se uma música suave, que soou na escuridão do deserto como a Música das Esferas.

Então o pobre Poeta se lembrou do que lhe haviam dito; que sua Amada havia percorrido o Vale das Sombras, que conhecia a Música das Esferas, e que habitava o Castelo do Rei. Então ele pensou que, como estava no Vale das Sombras, e como podia escutar a Música das Esferas, logo deveria enxergar o Castelo do Rei, onde sua Amada habitava. Assim, continuou esperançoso.

Mas, ai!, aquela mesma esperança era uma nova dor, da qual ele antes nada sabia.

O CASTELO DO REI

Até ali, havia caminhado cegamente, não se importando para onde ia ou o que se aproximava dele, contanto que seguisse adiante em sua busca; mas agora a escuridão e o perigo do caminho guardavam novos terrores, e por isso o Poeta ficou a imaginar como eles poderiam deter seu curso. Tais pensamentos tornavam o caminho de fato longo, pois os momentos pareciam durar toda uma era de esperança. Avidamente, procurou pelo vindouro fim, quando, além do Vale das Sombras pelo qual viajava, enxergaria erguidas as torres altas do Castelo do Rei.

O desespero parecia crescer nele; e, à medida que crescia, soava, sempre mais alta, a Música das Esferas.

Adiante, sempre adiante, precipitou-se com pressa furiosa o pobre e ensandecido Poeta. As sombras turvas que povoavam a névoa recuavam quando ele passava, estendendo-lhe mãos de alerta, com dedos longos e sombrios de um frio mortal. No silêncio amargo do momento, elas pareciam dizer:

“Volte! Volte!”

Cada vez mais alto soava agora a Música das Esferas. Cada vez mais rápido, com pressa furiosa, febril, corria o Poeta, no meio das Sombras recuantes do vale sombrio. As sombras que ali povoavam, à medida que desapareciam à sua frente, pareciam lamuriar um alerta pesaroso:

“Volte! Volte!”

Em seus ouvidos ainda soava, incessante, a crescente turbulência da música.

Cada vez mais rápido, corria adiante; até que, por fim, a extenuada natureza cedeu, e ele caiu de bruços na terra, desacordado, sangrando, e sozinho. Depois de um tempo – que ele não podia nem mesmo supor quanto foi –, despertou de seu desmaio.

SOB O PÔR DO SOL

Por um momento, não conseguiu imaginar onde estava; e seus sentidos dispersos eram incapazes de ajudá-lo.

Tudo era sombra e frio e tristeza. Uma solidão reinava ao seu redor, mais mortal do que qualquer coisa com a qual já tivesse sonhado. Não havia brisa no ar; nenhum movimento de uma nuvem que passasse. Nenhuma voz ou barulho de ser vivo da terra, ou da água, ou do ar. Nenhum farfalhar de folha ou balançar de galho – tudo estava silencioso, morto e abandonado. Entre as eternas colinas de sombra ao redor jazia o vale desprovido de tudo o que vive e cresce.

As névoas flutuantes, com sua multidão de sombras, haviam ficado para trás. Até mesmo os terrores apavorantes do deserto não estavam lá. O Poeta, quando mirou ao redor de si, em sua completa solidão, desejou o ímpeto da tempestade ou o estrondo da avalanche para romper o horror pavoroso das trevas silenciosas.

Então, o Poeta percebeu que havia chegado ali depois de atravessar o Vale das Sombras; que, embora assustado e enlouquecido, ouvira a Música das Esferas. Pensava arduamente nisso ao andar pelo desolado Reino da Morte.

Olhou em volta de si, temendo não ver em lugar algum o terrível Castelo do Rei, onde sua Amada habitava; e berrou quando o medo de seu coração encontrou voz:

“Não aqui! Oh, não aqui, no meio desta horrível solidão.”

Então, em meio ao silêncio circundante, sobre colinas distantes, suas palavras ecoaram:

“Não aqui! Oh, não aqui!”, até que, com o eco e o reverberar do eco na rocha, aquele ermo morto foi povoadão de vozes. De repente, as vozes do eco cessaram.

O CASTELO DO REI

Do céu lúrido acima irrompeu o som terrível do estrondo de um trovão. Reverberou pelos céus distantes. Bem longe, sobre o anel infinito do horizonte gris, arrojou-se – indo e voltando – estrepitando – crescendo – desaparecendo. Atravessou o éter, murmurando um som ominoso, como se fizesse ameaças, e em seguida estalou com a voz de uma pavorosa ordem.

De seu rugido veio um som semelhante a uma palavra:

“Adiante.”

O Poeta caiu de joelhos e recebeu com lágrimas de alegria o som do trovão, que havia arrebatado, como um Poder de Cima, a desolação silenciosa do ermo. O trovão lhe disse que, dentro e acima do Vale das Sombras, propagavam-se os poderosos sons do comando dos Céus.

Então o Poeta ficou de pé e, com o coração renovado, continuou adiante, penetrando no ermo.

À medida que caminhava, o ressoar do trovão ia se extinguindo aos poucos, e, novamente, o silêncio da desolação reinou sozinho.

Assim o tempo passou aos poucos; mas nunca chegava o descanso para os pés fatigados. Adiante, ainda adiante ele seguia, com uma única memória a animá-lo – o eco em seus ouvidos do trovão cujo estrondo havia reverberado pelo Vale da Desolação:

“Adiante! Adiante!”

A estrada se tornava menos e menos rochosa conforme ele seguia em seu caminho. Os grandes penhascos diminuíam e se encolhiam, e a vegetação do brejo já subia até o sopé da montanha.

Após um longo tempo, as colinas e os desvãos das fortalezas da montanha desapareceram. O Viajante seguiu

SOB O PÔR DO SOL

seu caminho por entre ruínas indiscerníveis, nas quais não havia nada exceto o chão vacilante de pântanos e brejos.

Adiante, adiante ele vagueou, tropeçando cegamente com pés fatigados na estrada sem fim.

Sobre sua alma pairava cada vez mais próxima a escuridão do desespero. Enquanto estivera vagando entre as gargantas da montanha, em certa medida era encorajado pela esperança de que, a qualquer momento, alguma curva no caminho pudesse lhe mostrar o fim de sua jornada. Alguma entrada de um desfiladeiro escuro poderia lhe desvelar, agigantando-se na distância – ou mesmo próximo a ele –, o terrível Castelo do Rei. Mas, agora, com a desolação monótona do pântano silencioso à sua volta, percebeu que o Castelo não poderia existir sem que ele o visse.

Ficou por um tempo ereto, e se virou lentamente para que a volta completa do horizonte fosse abarcada por seus olhos ávidos. Ai, ele não viu coisa alguma! E lá não havia nada exceto a linha escura do horizonte, onde a terra triste se encontrava com o céu homogêneo. Tudo, tudo estava condensado em trevas silenciosas.

Cambaleou para mais adiante. Sua respiração ficou rápida e difícil. Seus membros fatigados tremiam ao mantê-lo fragilmente em pé. Sua força – sua vida – estava diminuindo depressa.

Em frente, em frente, ele corria, sempre em frente, com uma ideia desesperadamente fixa em sua pobre mente ensandecida: no Castelo do Rei encontraria sua Amada.

Tropeçou e caiu. Nenhum obstáculo detinha seus pés. Era somente por sua própria fraqueza que sucumbira.

O CASTELO DO REI

Rapidamente se levantou e seguiu adiante com pés ligeiros. Temia que, se caísse, talvez não fosse capaz de se levantar de novo.

Novamente caiu. Novamente se levantou e continuou seu caminho desesperadamente, com um objetivo cego.

Assim, por um tempo continuou a avançar, tropeçando e caindo, mas se erguia sempre e não parava no caminho. Continuou a busca por sua Amada, que morava no Castelo do Rei.

Por fim, ficou tão fraco que, quando desabou, não pôde mais se levantar.

Ficou cada vez mais fraco enquanto jazia de bruços; e sobre seus olhos ávidos pairou o véu da morte.

Mas mesmo então veio o conforto, pois ele sabia que sua corrida havia acabado, e que logo encontraria sua Amada nos Salões do Castelo do Rei.

Ao ermo ele contou seus pensamentos. Sua voz saiu com um som fraco, como o suave uivo que antecede um vendaval passando por juncos no outono gris:

“Mais um pouco. Logo a encontrarei nos Salões do Rei, e não nos separaremos mais. É por isso que vale a pena passar pelo Vale das Sombras e escutar a Música das Esferas com sua esperança dorida. Qual é a vantagem, se o Castelo fica longe? Rápidos correm os pés dos mortos. Ao espírito fugaz, toda distância é somente um átimo. Não temo ver agora o Castelo do Rei; pois lá, dentro de seu Salão principal, logo encontrarei minha Amada – para não mais separar dela.”

Enquanto falava, sentiu que o fim estava próximo.

Do pântano em frente a ele vinha uma névoa imóvel que se espalhava. Ela se ergueu silenciosamente, mais alto – mais alto –, envolvendo todo o vasto ermo ao redor.

SOB O PÔR DO SOL

Tomava matizes mais profundos e mais escuros à medida que se erguia. Era como se o Espírito das Trevas estivesse escondido ali dentro, e se tornasse mais potente com o vapor que se espalhava.

Aos olhos do moribundo Poeta, a névoa que pairava era um castelo sombrio. Elevavam-se o torreame e a lúgubre torre principal. O portão de entrada, com seus recessos cavernosos e suas torres salientes, tinha a forma de uma caveira. As ameias distantes erguiam-se altas, penetrando o ar silencioso. Bem naquele chão sobre o qual o Poeta jazia extenuado, começava, turva e escura, uma vasta trilha que levava à penumbra dos portões do Castelo.

O Poeta moribundo ergueu sua cabeça e observou. Seus olhos tão enfraquecidos, animados pelo amor e pela esperança de seu espírito, trespassaram os muros negros da fortaleza e os terrores sombrios dos portões.

Ali, dentro do grande Salão em que o próprio Rei dos Terrores, severo, reúne sua corte, ele a viu, aquela que procurava. Ela estava nas fileiras daqueles que esperam pacientemente por seus Amados para seguir com eles ao Reino da Morte.

O Poeta percebeu que só precisava esperar mais alguns breves instantes, e ele era paciente – abatido, no entanto, jazia em meio às Solidões Eternas.

De longe, além do distante horizonte, veio uma luz fraca, como a da manhã de um dia vindouro.

À medida que brilhou mais forte, o Castelo se destacou mais e mais claramente; até que, na manhã desperta, ele se revelou em toda sua extensão gélida.

O Poeta moribundo soube que o fim estava próximo. Com um último esforço, pôs-se de pé, pois que ereto e

O CASTELO DO REI



destemido, como manda a hombridade, poderia então se encontrar face a face com o severo Rei da Morte diante dos olhos de sua Amada.

Ao longe, o sol do dia nascente se erguia sobre o contorno do horizonte.

Um raio de luz disparou para cima.

Quando o raio atingiu o cume da torre principal do Castelo, o Espírito do Poeta, no tempo de um instante, flutuou pela trilha à sua frente. Flutuou através do portal fantasmagórico do Castelo, e encontrou com alegria o Espírito gêmeo que amava diante da própria face do Rei da Morte.

SOB O PÔR DO SOL

Mais rápido do que o lampejo de um raio, todo o Castelo derreteu no nada; e o sol do dia vindouro brilhou calmamente sobre as Solidões Eternas.

No Reino dentro do Portal nasceu o sol do dia vindouro. Brilhou calmo e vivamente num belo jardim, onde, em meio à grama alta do verão, jazia o Poeta, mais frio do que as estátuas de mármore à sua volta.

A Criança Maravilhosa

Muito longe, à beira de um grande riacho que se estendia terra adentro desde o mar infinito, havia uma tranquila vila.

Ali os lavradores levavam uma vida feliz e próspera. Levantavam-se cedo, de forma que na manhã fria e gris ouviam a cotovia, totalmente invisível nas alturas da manhã, cantando o hino matinal de que nunca esquecem.

Quando o pôr do sol vinha furtivo, eles retornavam às suas casas, felizes pelo que o restante do cair da noite lhes trazia.

No outono, quando a colheita devia ser feita, trabalhavam até tarde, como eram capazes de fazer; pois, naquela época, o bom Sol e sua esposa, a Lua, tinham um pacto: ajudar aqueles que trabalhassem na colheita. Então o sol ficava no céu um pouco mais, a lua saía de sua cama no horizonte um pouco mais cedo, e assim havia sempre luz para trabalhar.

A lua rubra, larga e cheia, que olha lá de cima os lavradores trabalhando, é chamada de Lua da Colheita.

O Senhor da Mansão dessa vila pacífica era um homem muito bom e afável, que sempre ajudava os pobres. Na hora da refeição, a porta de sua mansão ficava aberta, e todos os que estavam com fome podiam entrar, se assim escolhessem, e tomar assento à mesa como hóspedes bem-vindos.

SOB O PÔR DO SOL

Esse Senhor da Mansão tinha três filhos, Sibold e May, e um Garotinho que havia acabado de chegar a casa e até então não tinha nome.

Sibold havia acabado de completar seu oitavo aniversário, e May estava a dois meses de seu sexto. Eles gostavam muito um do outro – como irmãos e irmãs devem gostar – e todas as brincadeiras brincavam juntos. May achava Sibold muito grande e forte, e ela sempre concordava com qualquer coisa que ele desejasse fazer.

Sibold adorava descobrir coisas e fazer explorações; e, em épocas diferentes, as duas crianças já tinham andado por todos os domínios de seu pai.

Eles tinham certos abrigos secretos dos quais ninguém sabia exceto eles mesmos. Alguns eram lugares extraordinários e deleitáveis.

Um ficava no centro de um Carvalho oco, no qual viviam tantos esquilos que, devido às suas idas e vindas, os galhos eram quase como ruas de uma cidade.

Outro lugar ficava no topo de uma rocha, e só podia ser alcançado por um caminho estreito entre altos arbustos de heras. Ali havia um tipo de cadeira grande entalhada na rocha, capaz de acomodar os dois bem juntos; e para lá eles frequentemente levavam seu almoço e se sentavam durante metade do dia, contemplando os topes das árvores onde, bem longe na distância, a alva borda do horizonte se deitava no mar cintilante.

Então, contavam um ao outro as coisas que pensavam, e o que gostariam de fazer, e o que tentariam fazer quando crescessem.

Havia também outro lugar, que era o favorito entre todos.

Era embaixo de um grande Salgueiro Chorão. Essa era uma árvore vigorosa, com muitas centenas de anos,

A CRIANÇA MARAVILHOSA

que se erguia alta acima das outras árvores que pontuavam a relva. Os longos galhos caíam tão espessos que, até mesmo no inverno, quando as folhas tinham caído e os galhos estavam nus, mal se podia ver o que havia dentro do oco.

Quando a nova roupagem da primavera retornava, a árvore toda, do cimo mais alto até o solo musgado do qual se erguia, tornava-se uma massa compacta e verde; e era difícil entrar nela, mesmo sabendo o caminho.

Em certo lugar, um dos galhos longos tinha sido quebrado por uma grande tempestade, a qual, muito tempo atrás, havia posto abaixo várias árvores da floresta; mas os galhos que pendiam perto dele lançaram novos brotos para preencher o espaço vazio, e, assim, a abertura foi coberta com ramos finos ao invés de galhos fortes.

No verão, as folhas cobriam tudo com uma massa verde; mas aqueles que conheciam a abertura podiam empurrar de lado os ramos e, assim, entrar no caramanchão.

Era um caramanchão lindíssimo. Não importava o quanto forte o sol brilhasse lá fora, lá dentro era fresco e agradável. Do chão ao topo, até o próprio dossel em que os galhos negros, encontrando-se, formavam uma massa escura, tudo era de um verde delicado, pois a luz lá de fora entrava por meio das folhas suave e docemente.

Sibold e May pensavam que o mar devia parecer assim às Sereias, que cantam e penteiam seus longos cabelos com pentes dourados nas profundezas frias do oceano.

Na relva ao redor dessa grande árvore havia muitos canteiros de belas flores. Os Ásteres de faces largas e coloridas, fitando diretamente o sol lá no alto sem ao menos piscar, acima e ao redor dos quais esvoaçavam adoráveis borboletas, com suas asas semelhantes aos arco-íris

SOB O PÔR DO SOL

ou aos pavões ou aos pores do sol ou ao que há de mais deslumbrante. A doce Reseda, sobre a qual pairavam abelhas com um zumbido agradecido. Os Amores-Perfeitos, com suas faces grandes e delicadas tremendo seus caules delgados. As Tulipas, abrindo suas bocas ao sol e à chuva, pois a Tulipa é uma flor gulosa, que abre demais sua boca, até que, de tão aberta, sua cabeça se desfaz em pedaços e ela morre. Os Jacintos, com seus muitos sinos agrupados num galho – como uma grande festa de família. Os imensos Girassóis, com suas faces pendentes a brilhar como filhos do próprio pai, o Sol.

Havia também grandes Papoulas, com folhas espraiadas e descuidadas, caules grossos e suculentos, e grandes flores escarlates, que erguiam e pendiam como bem quisessem, e que pareciam muito livres e descuidadas e independentes.

Tanto Sibold quanto May amavam essas Papoulas, e todos os dias iam olhá-las. Nos canteiros da relva muscosa, onde se erguia o grande Salgueiro, cresciam até atingir um tamanho enorme; tornavam-se tão altas que, quando Sibold e May ficavam de mãos dadas ao lado do canteiro, as grandes Papoulas se elevavam acima deles, e Sibold, subindo na ponta dos pés, sequer era capaz de alcançar as flores escarlates.

Um dia, depois do desjejum, Sibold e May levaram consigo seu almoço e saíram para passar o dia juntos, passeando entre os bosques, pois isso era uma festa para eles. Um pequenino irmão Garotinho havia chegado a casa, e todos estavam ocupados arrumando coisas para ele. As crianças haviam-no visto somente por um instante.

De mãos dadas, Sibold e May percorreram todos os seus lugares favoritos. Olharam a toca no Carvalho, e disseram “como vai o senhor?” a todo esquilo que vivia na

A CRIANÇA MARAVILHOSA

árvore, e contaram-lhes sobre o novo bebê que havia chegado ao lar. Depois, foram à rocha, e sentaram-se juntos no assento, e observaram o mar distante.

Permaneceram ali por um tempo sob a luz do sol quente, e falaram do pequeno e querido irmãozinho bebê que haviam visto. Ficaram a se perguntar de onde ele tinha vindo, e fizeram um plano: procurariam e procurariam até que também encontrassem um bebê. Sibold disse que ele devia ter vindo lá do mar, colocado no canteiro de salsa pelos Anjos, de maneira que uma babá pudesse encontrá-lo ali e levá-lo à pobre mãe deles, que estava enferma e precisava de consolo. Assim, matutaram como seriam capazes de partir para além do mar, e planejaram que algum dia o barco de Sibold seria aumentado, e eles entrariam nele e partiriam pelos mares, e procurariam outro bebezinho só para si.

Depois de um tempo, eles cansaram-se de se sentar no sol quente; então, deixaram o lugar e, de mãos dadas, perambularam até chegar à relva plana onde o grande Salgueiro se erguia, e onde os canteiros de flores faziam o ar parecer cheio de cor e de perfume.

De mãos dadas caminharam, olhando as borboletas, e as abelhas, e os pássaros, e as belas flores.

Num canteiro viram que uma nova flor aparecera. Sibold a conhecia e contou a May que era um Lírio Asiático; ela teve medo de se aproximar, mas então ele lhe disse que a flor não a machucaria, pois era somente uma flor.

À medida que caminhavam, Sibold colhia algumas flores de cada canteiro e as dava à irmã; quando estavam prestes a se afastar do Lírio Asiático, ele arrancou a flor, e, porque May tinha medo de carregá-la, ele mesmo a levou.

Por fim, chegaram ao grande canteiro de Papoulas. As flores pareciam tão brilhantes e frescas, devido à sua

SOB O PÔR DO SOL

cor vibrante, e tão despreocupadas que May e Sibold pensaram, ao mesmo tempo, que gostariam de pegar muitas delas e levá-las consigo para o interior do Caramanchão do Salgueiro, pois estavam indo comer lá e queriam que o lugar estivesse tão alegre e bonito quanto possível.

Mas, antes, voltaram ao Carvalho para recolher um monte de folhas, pois Sibold sugeriu que fizessem do novo irmão bebê o Rei do Banquete, e que trançassem para ele uma coroa de carvalho. Como o próprio bebê não estaria lá, colocariam a coroa onde a pudessem ver bem.

Quando chegaram ao Carvalho, May exclamou:

“Oh, olhe, Sibold, olhe, olhe!”

Sibold olhou, e viu que em quase todos os galhos havia um monte de esquilos sentados dois a dois, com suas caudas peludas sobre suas costas, comendo nozes tão ávidos quanto podiam.

Quando os esquilos os viram, não tiveram medo, pois as crianças nunca lhes haviam feito mal algum. Deram todos juntos uma grasnada esquisita e um pulinho engraçado. Sibold e May começaram a rir, mas não gostavam de incomodar os esquilos, então juntaram tantas folhas de carvalho quanto quiseram e voltaram ao canteiro de Papoulas.

“Agora, Sibold, querido”, disse May, “precisamos pegar muitas Papoulas, pois o querido Bê gosta muito delas.”

“Como você sabe?”, perguntou Sibold.

“Porque ele deve gostar”, ela respondeu. “Você e eu gostamos, e ele é nosso irmão, então é claro que gosta.”

Então Sibold colheu muitas Papoulas, e algumas delas ele apanhou junto com muitas folhas verdes e frescas ainda presas aos caules, até que ambos ficaram com os braços cheios. Então, juntaram todas as outras flores e

A CRIANÇA MARAVILHOSA

entraram no Caramanchão do Salgueiro para comer. Sibold foi à fonte que nascia no jardim e que, atravessando-o, corria até o mar. Ali encheu seu gorro com água, trouxe-o tão devagar quanto pôde para não derramar muito líquido, e voltou ao caramanchão. Levantando os galhos, May fez uma abertura na folhagem quando ele chegou; depois que ele entrou, ela a deixou cair novamente. Como a cortina de folhas estava pendurada toda em volta deles, as duas crianças ficaram sozinhas no Caramanchão do Salgueiro.

Então se puseram a trabalhar para adornar sua cabana folhada com as flores. Eles as enrolaram em torno dos galhos pendentes, e fizeram uma guirlanda, a qual colocaram em volta do tronco da árvore. Por toda parte, colocaram as Papoulas no lugar mais alto que podiam alcançar, e então Sibold segurou May no alto enquanto ela enfiava os Lírios Asiáticos numa fissura no tronco de árvore acima de todas as outras flores.

Então as crianças se sentaram para comer. Os dois estavam muito cansados e com muita fome, e apreciaram muito o descanso e a comida. Havia somente uma coisa que queriam, e essa coisa era o novo irmãozinho bebê, para que pudessem fazer dele o Rei do Banquete.

Quando a refeição terminou, eles se sentiram muito cansados; então, deitaram-se juntos, com suas cabeças uma no ombro do outro e seus braços entrelaçados; e ali foram dormir com as Papoulas escarlates acenando em todo o entorno.

Depois de certo tempo, estavam mais dormindo. Não parecia ser mais tarde no dia, mas sim de manhã cedo. Nenhum deles se sentia nem um pouco sonolento ou can-

SOB O PÔR DO SOL

sado; ao contrário, ambos queriam partir para uma expedição mais longa que nunca.

“Venha ao riacho”, disse Sibold, “e vamos partir daqui com meu barco.”

May levantou-se, e eles abriram a porta de folhas e saíram. Desceram ao riacho, e lá encontraram o barco de Sibold com todas as suas velas armadas.

“Vamos entrar”, disse Sibold.

“Por quê?”, perguntou May.

“Porque assim podemos velejar um pouco”, ele respondeu.

“Mas não vai nos aguentar; é pequeno demais”, disse May, que estava um tanto com medo de velejar, mas não queria dizer-lhe.

“Vamos tentar”, disse seu irmão. Ele tomou a corda que amarrava o barco à margem e puxou-a para si. A linha parecia muito longa, e Sibold parecia estar puxando-a já por um bom tempo. De qualquer maneira, o barco por fim chegou. À medida que se aproximava, ficava cada vez maior, até que, quando tocou a margem, eles viram que era grande o bastante para aguentar os dois.

“Anda, vamos entrar”, disse Sibold.

De alguma forma, May não sentia mais medo. Entrou no barco e descobriu que ali havia almofadas de seda da cor das flores de Papoula. Então Sibold entrou, e soltou a corda que amarrava o barco à margem. Sentou-se na popa e segurou o leme em sua mão; May se sentou numa almofada no fundo do barco e se segurou nas bordas.

As velas brancas inflaram com uma brisa suave, e eles começaram a se afastar da margem; as ondinhas se agitavam contra a proa do barco. May ouvia o bate-bate repetitivo delas quando tocavam a proa e depois desapareciam gradualmente.

A CRIANÇA MARAVILHOSA

O sol luzia muito brilhante. A água estava tão azul quanto o céu e tão límpida que as crianças podiam olhar para baixo e ver o fundo, onde os peixes estavam a nadar rapidamente de lá para cá. Ali, também, as plantas e as árvores que crescem sob a água estavam abrindo e fechando seus galhos; e as folhas estavam se movendo como as das árvores terrestres quando sopra o vento.

Por certo tempo, o barco se afastou da terra, até que eles perderam de vista o alto Salgueiro que sobressaía acima das outras árvores. Então o barco pareceu se aproximar novamente da margem, e avançou assim, sempre tão perto dela que as crianças podiam ver muito claramente tudo o que havia lá.

A margem era muito variada; e cada momento mostrava algo novo e belo...

Agora era uma rocha saliente, toda coberta de plantas rastejantes cujas flores quase tocavam a água.

Agora era uma praia na qual a areia branca reluzia e resplandecia à luz do sol, e na qual as ondas faziam um sussurro agradável quando subiam pela margem e depois voltavam pela margem – como se brincassem de “pegar-pega”.

Agora árvores escuras, de densa folhagem, pendiam sobre a água; mas, atravessando seu breu, fragmentos de luz cintilavam ao longe, quando o sol, passando por algumas aberturas, raiava dentro da clareira sob as copas.

Por sua vez, havia lugares onde a grama, tão verde quanto esmeralda, seguia em declive até a borda da água, e onde as flores de Prímulas e Ranúnculos que cresciam à margem, debruçando-se sobre ela, quase beijavam as ondinhas que iam encontrá-los.

Então havia lugares onde grandes Lilases, com o sopro de seus cachos de flores rosas e brancas, tornavam o

SOB O PÔR DO SOL

ar doce em toda a vasta cercania, e onde os Laburnos pareciam despejar torrentes de ouro vindas da abundância das flores que pendiam de seus retorcidos galhos verdes.

Havia também grandes Palmeiras, com suas folhas largas, lançando uma sombra fresca na terra abaixo. Grandes Coqueiros, em cujos troncos tropas de macacos subiam para reunir cocos que arrancavam e jogavam para baixo. Aloés com grandes caules carregados de flores púrpuras e douradas – que estavam completando cem anos, única ocasião em que os aloés florescem.

Havia Papoulas tão grandes quanto árvores, e Lírios cujas flores eram maiores que cabanas.

As crianças gostaram de todos esses lugares, mas, de repente, chegaram a um lugar em que havia um terreno de grama esmeralda ensombrado por árvores gigantescas. Em volta, crescia ou pendia ou se agrupava todo tipo de flora vicejante. Canas-de-açúcar altas brotavam da beirada de um pequeno córrego que fluía sobre um leito de pedras brilhantes como joias. Palmeiras elevavam suas cabeças eminentes, e plantas com grandes folhas se erguiam e lançavam sombras até mesmo na penumbra. Perto havia uma fonte cristalina que borbotava formando um pequeno córrego de onde as Canas-de-açúcar se erguiam.

Quando viram esse lugar, ambas as crianças exclamaram: “Oh! Que bonito! Vamos parar aqui”.

O barco pareceu entender o desejo deles, pois, sem que o leme fosse tocado, virou-se e flutuou suavemente para a margem.

Sibold desceu do barco e levantou May para levá-la até a terra. Ele pretendia atracar; mas, no instante em que May saiu do barco, todas as velas se dobraram por si

A CRIANÇA MARAVILHOSA

mesmas, a âncora pulou para fora e, antes que fosse possível fazer qualquer coisa, o barco estava ancorado perto da margem.

Sibold e May deram-se as mãos e perambularam juntos pelo lugar, olhando para tudo.

De repente, May disse, num sussurro:

“Oh, Sibold, este lugar é tão gostoso, será que há Salsa aqui?”

“Por que você quer Salsa?”, ele perguntou.

“Porque, se houver um bom canteiro de Salsa, talvez possamos encontrar um bebê... E, oh!, Sibold, quero *muito* um bebê.”

“Muito bem, então, vamos procurar”, disse seu irmão. “Parece haver todo tipo de planta aqui; e se há *todo* tipo de planta, com certeza *tem que* haver Salsa.” Pois Sibold era muito lógico.

Então as duas crianças caminharam por toda a várzea gramada, procurando; e, logo depois, como previsto, encontraram sob as folhas espalhadas de uma Cidra um grande canteiro de Salsa – as maiores Salsas que já haviam visto.

Sibold ficou bem satisfeito, e disse: “Isso se parece com Salsa. Sabe, May, sempre me intrigou como um bebê, que é muito maior do que a Salsa, possa estar escondido nela; e ele deve ficar bem escondido, pois muitas vezes saio para olhar o canteiro de casa e nunca consigo achar um bebê, mas a enfermeira sempre acha quando vai procurar. Só que ela não procura quase nunca. Sei que, se eu fosse tão sortudo quanto ela, ficaria sempre procurando”.

May viu que o desejo de encontrar um bebê se tornou tão forte nela que disse novamente:

“Oh, Sibold, eu desejo *tanto* um bebê; *espero* que encontremos um.”

SOB O PÔR DO SOL

Assim que ela falou, ouviu-se um som estranho – um tipo de risada muito, muito leve – como um sorriso transformado em música.

May ficou surpresa e, por um momento, não pensou em fazer coisa alguma; ela simplesmente apontou, e disse:

“Olhe, olhe!”

Sibold correu na direção da risada e levantou a folha de um enorme pé de Salsa; e ali – oh, alegria de alegrias! – estava deitado o bebê mais adorável que já fora visto.

May ajoelhou-se ao lado dele, levantou-o, começou a balançá-lo e cantou “Nana nenê”, enquanto Sibold olhava complacente. Entretanto, depois de uns instantes, ficou impaciente e disse:

“Veja bem, entende, eu encontrei esse bebê; ele pertence a mim.”

“Oh, por favor”, disse May, “eu o ouvi primeiro. Ele é meu.”

“Ele é meu”, disse Sibold; “Ele é meu”, disse May; e ambos começaram a ficar um pouco nervosos.

De repente, ouviram um gemido baixo – um tipo de som que parecia música com dor de dente. Ambas as crianças olharam para baixo alarmadas, e viram que o pobre Bebê estava morto.

Os dois ficaram horrorizados e começaram a chorar; e pediram perdão um ao outro, e prometeram que nunca, nunca mais iriam ficar nervosos. Depois que fizeram isso, a Criança abriu seus olhos, olhou para eles gravemente, e disse:

“Agora, nunca mais briguem ou fiquem nervosos. Se ficarem nervosos de novo, qualquer um dos dois, eu morrerei, sim, e serei enterrado também, antes que vocês possam dizer ‘raquetes’.”

A CRIANÇA MARAVILHOSA

“É mesmo, Bê”, disse May, “nunca, nunca ficarei brava de novo. Ao menos, eu tentarei não ficar.”

Disse Sibold:

“Garanto-lhe, senhor, que, esteja eu sob qualquer provocação, resultante de qualquer concatenação das circunstâncias, jamais serei culpado da *malfaisance* da raiva.”

“Como ele fala bonito”, disse May; e o Bebê acenou para ele com a cabeça, revelando familiaridade, como se dissesse:

“Tudo bem, velho, nós nos entendemos.”

Então, por um tempo, todos eles ficaram bem quietos. De repente, o Bebê virou seus olhos azuis para May e disse:

“Por favor, mãeinha, cantaria para mim?”

“O que você gostaria, Bê?”, perguntou May.

“Oh, qualquer coisinha, algo prático”, ele respondeu.

“Algum estilo em particular?”, perguntou May.

“Não, obrigado; qualquer coisa que venha a calhar. Prefiro algo simples – alguma coisinha elementar, como, por exemplo, qualquer cançõozinha começando com uma escala cromática em quintas e oitavas consecutivas, *pianissimo – rallentando – excellerando – crescendo* – até chegar a uma dissonância na dominante da nona bemol diminuta.”

“Oh, por favor, Bê”, disse May, muito humildemente, “ainda não sei nada sobre isso. Ainda estou nas escalas e, perdão, não sei do que se trata tudo isso.”

“Olhe, e você verá”, disse a Criança, e tomou um pedaço de graveto e escreveu uma música na areia.

“Ainda não sei”, disse May.

Andante com express.

ff

dim.

pp *cresc.*

ff

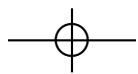
pp

ff

pp

Rall...

pp



A CRIANÇA MARAVILHOSA

Bem naquele momento, um pequeno animal marrom-amarelado apareceu na clareira caçando um rato. Quando ficou defronte a eles de repente disparou para longe como o som de uma pistola.

“Agora você sabe?”, perguntou a Criança.

“Não, querido Bê, mas não importa”, ela respondeu.

“Muito bem, querida”, disse a Criança, beijando-a, “qualquer coisa que lhe agradar, só permita que venha diretamente de seu coraçõzinho amável”, e beijou-a novamente.

Então May cantou algo muito doce e belo – tão doce e belo que a fez chorar, e também Sibold e o Bebê. Ela não conhecia a letra, e não conhecia a melodia, e tinha sómente uma noção bem vaga do que falava; mas era tudo muito, muito bonito. Durante todo o tempo em que cantou, ficou acalentando Bebê, e ele colocou seus bracinhos gordos em volta do pescoço dela, e a amou muito.

Quando terminou de cantar, a Criança disse:

“Chlap, Chlap, Chlap, M-chlap!”

“O que ele quer dizer?”, ela perguntou a Sibold, desconfitada, pois viu que o Bebê queria algo.

Naquele momento, uma bela Vaca colocou sua cabeça por sobre os arbustos e disse: “Muu-uu-uu”. A bela Criança bateu palmas; assim também May, que disse:

“Oh, eu já sei. Ele quer ser alimentado.”

A Vaca entrou sem ser convidada, e Sibold disse:

“Acho que sim, May, melhor eu tirar leite dela.”

“Por favor, sim, querido”, disse May. E começou a ninar novamente o Bebê, a beijá-lo, a acalentá-lo, e a lhe falar que logo ia ser alimentado.

SOB O PÔR DO SOL

Enquanto se ocupava com isso, ficou sentada de costas para Sibold. Mas o Bebê estava olhando para a ordenhação, com seus olhos azuis dançando de alegria. Subitamente, começou a rir, rir tanto que May olhou em volta para ver do que ele estava rindo. Ali estava Sibold tentando ordenhar a Vaca puxando seu rabo.

A Vaca não parecia se importar com ele, e continuou a pastar.

“Eia, Dona”, disse Sibold. A Vaca começou a saltitar.

“Oh, ora essa”, disse Sibold, “vamos! Apresse-se e nos dê um pouco de leite; o Bê quer um pouco.”

A Vaca lhe respondeu:

“O querido Bê não deve desejar nada.”

May pensou que era muito estranho a Vaca poder falar; mas, como Sibold não pareceu achar isso estranho, segurou a língua.

Sibold começou a discutir com a Vaca: “Mas, convenhamos, senhora Vaca, se ele não deve desejar nada, por que a senhora o faz desejar?”

A Vaca respondeu: “Não me culpe. A culpa é sua. Tente de outro jeito”, e começou a rir tanto quanto podia.

Sua risada era muito engraçada, a princípio muito alta, mas gradualmente ficando mais e mais parecida com a risada da Criança, até que May não as conseguia distinguir. Então, a Vaca parou de rir, mas a Criança continuou.

“Do que está rindo, Bê?”, May perguntou, pois não tinha ideia se sabia mais de ordenhação que Sibold. Ela achou isso muito engraçado, pois sabia que muitas vezes havia visto as vacas serem ordenhadas em casa.

O Bebê falou: “Não é assim que se ordenha uma vaca”.

A CRIANÇA MARAVILHOSA

Então Sibold começou a levantar e abaixar o rabo da Vaca como a haste de uma bomba; mas o bebê riu ainda mais.

Subitamente, sem saber como isso veio a acontecer, May viu leite sendo derramado de um regador em cima do Bebê todo, que estava deitado no chão, com Sibold segurando sua cabeça. O Bebê estava gritando satisfeito e rindo como um louco; e quando o regador ficou vazio, ele disse:

“Muito obrigado aos dois. Nunca apreciei tanto um jantar em minha vida.”

“Esse é um Bé muito querido e peculiar!”, disse May, em sussurros.

“Muito”, disse Sibold.

Enquanto falavam, veio um som terrível de entre as árvores, muito, muito longe a princípio, mas que se aproximava mais e mais a cada momento. Era como gatos que estavam tentando imitar um trovão. O barulho veio estrondeando através das árvores.

“Meiau-u-room-r-p-sss. Rarkrrau-iau-p-ss.”

May ficou muito assustada; e Sibold também, mas não iria admitir. Sentiu que tinha de proteger sua irmãzinha e o Bebê, então se pôs entre os dois e o lugar de onde vinha o som. May abraçou forte a Criança, e lhe disse: “Não tenha medo, querido Bé. Nós não vamos deixar que ele toque em você”.

“O que é ‘ele’?”, perguntou o Bebê.

“Eu não sei, Bé”, ela respondeu. “Gostaria de saber. Lá vem ele agora”; pois, exatamente naquele instante, um Tigre grande e bravo apareceu nos topo das árvores mais altas e ficou lá, fitando-os furiosamente com seus grandes olhos verdes e flamejantes.

SOB O PÔR DO SOL

May olhou para essa coisa terrível com seus olhos arregalados de terror; mas, mesmo assim, abraçou o Bebê cada vez mais forte. Ficou olhando para o Tigre, e viu que ele não estava mirando nem ela nem Sibold, mas sim o Bebê. Isso a deixou mais assustada do que nunca, e o agarrou ainda mais forte. Enquanto olhava, no entanto, percebeu que os olhos do Tigre ficavam menos bravos a cada instante que passava, até que, por fim, ficaram tão gentis e mansos quanto os de seu gatinho malhado favorito.

Então o Tigre começou a ronronar. O ronronar era como o rom-rom de um gato, mas tão alto que soava como tambores. Entretanto, ela não se importou com isso, pois, apesar de o som ser alto, era como se buscasse ser gentil e carinhoso. Então o Tigre chegou perto e se agachou diante da Criança Maravilhosa, e lambeu suas mãozinhas gordas com sua grande e áspera língua vermelha, mas muito suavemente. O Bebê riu, e acariciou o grande focinho do Tigre, e puxou os longos bigodes eriçados, e disse:

“Gii, gii.”

O Tigre passou a se comportar de maneira muito engraçada. Ele se deitou de costas e rolou ao redor, depois ficou em pé e ronronou mais alto que nunca. Sua grande cauda apontou diretamente para cima, com a ponta se movendo ao redor e derrubando aqui e ali um monte de uvas que pendiam da árvore. Parecia inundado de alegria, veio e se agachou novamente diante da Criança, e ronronou em volta dela em grande estado de alegria. Finalmente, deitou-se, sorrindo e ronronando, e zelando pela Criança, como se estivesse de guarda.

Logo depois veio de longe outro som terrível. Era como um grande Gigante sibilando; e era mais alto do que um trem, e com mais vozes que um bando de gan-

A CRIANÇA MARAVILHOSA

sos. Havia também o som de galhos se partindo, de esmagamento da vegetação rasteira; e havia um som terrível de algo sendo arrastado, diferente de tudo que eles já tinham ouvido.

Novamente Sibold se prostrou entre o som e May, que mais uma vez segurou o Bebê para protegê-lo do mal.

O Tigre se levantou e arqueou suas costas como um gato bravo, e ficou pronto para atacar qualquer coisa que viesse.

Então ali apareceu, sobre os topes das árvores, a cabeça de uma enorme Serpente, com olhos miúdos que brilhavam como fagulhas de fogo e duas grandes mandíbulas abertas. Essas mandíbulas eram tão grandes que realmente parecia que toda a cabeça do animal tinha se aberto em duas; e entre as mandíbulas havia uma grande língua bifurcada que parecia cuspir veneno. Atrás dessa cabeça monstruosa apareceram as enormes curvas do corpo da Serpente, movendo-se continuamente. O Tigre rugiu como que a ponto de atacar; mas, de repente, a Serpente baixou sua cabeça em submissão. Estava fitando a Criança Maravilhosa; e, quando May olhou, também viu que o pequenino bebê estava apontando para baixo, para que a Serpente viesse e se colocasse a seus pés. Então o Tigre, com um rosnado baixo e depois um ronronado contente, voltou ao seu lugar para vigiar e ficar de guarda. A grande Serpente veio suavemente e se enrolou dentro da clareira, e também parecia como se estivesse vigiando e guardando a Criança Maravilhosa.

Novamente veio outro som terrível. Dessa vez, vinha do ar. Grandes asas pareciam bater com um som mais alto do que um trovão; e, de longe, o ar foi escurecido por uma portentosa Ave de Rapina que lançava uma sombra sobre a terra com suas asas abertas.

SOB O PÔR DO SOL

Quando a Ave de Rapina desceu num mergulho, o Tigre se levantou novamente e arqueou suas costas como que prestes a pular para encontrá-la no ar, e a Serpente levantou seu corpo cheio de curvas e abriu suas mandíbulas como se prestes a dar o bote.

Mas, quando a Ave viu a Criança, também se tornou menos feroz, e ficou suspensa no ar a meia altura, com sua cabeça inclinada, como que em submissão. Logo, a Serpente se enrolou como antes, o Tigre voltou a vigiar e ficar de guarda, e a Ave de Rapina pousou na clareira, também vigiando e fazendo guarda.

May e Sibold começaram a observar maravilhados o Belo Garoto, ante a quem esses monstros faziam reverências; mas não conseguiam ver nada de estranho nisso.

Novamente, houve outro som terrível – dessa vez lá do mar –, uma arremetida e um assvio, como se alguma coisa gigante estivesse chicoteando a água.

Olhando em torno, as crianças viram dois monstros se aproximando. Um Tubarão e um Crocodilo. Eles surgiaram do mar e vieram para a terra. O Tubarão estava saltando, batendo com sua cauda e rangendo sua tripla fileira de grandes dentes. O Crocodilo estava rastejando com seus grandes pés e pernas curtas e curvas, e sua boca terrível estava se abrindo e fechando, batendo seus grandes dentes.

Quando os dois se aproximaram, o Tigre e a Serpente e a Ave de Rapina se ergueram todos para proteger a Criança; mas, quando os recém-chegados viram o Bebê, também prestaram reverência e mantiveram vigia e guarda – o Crocodilo rastejando na praia, e o Tubarão se movendo para lá e para cá na água – iguais a sentinelas.

Novamente, May e Sibold olharam para a Bela Criança e se espantaram.

A CRIANÇA MARAVILHOSA

Mais uma vez, houve um som terrível, mais horrível do que os anteriores.

A terra pareceu tremer e um som profundo e abafado veio de muito abaixo. Então, um pouco longe, uma montanha se ergueu de repente; seu cume se abriu, e dali es-touraram, com um som mais alto do que o de uma tempestade, fogo e fumaça. Grandes volumes de vapor preto se ergueram e ficaram a pairar, uma nuvem preta pendia acima das cabeças. Pedras em brasa, de um tamanho enorme, foram atiradas para o alto e caíram novamente na cratera, e sumiram. Pelas encostas da montanha rolavam torrentes de lava incandescente, e fontes de água fervente irrompiam por todo lado.

Sibold e May ficaram mais assustados do que nunca, e May segurou o querido Bebê bem junto ao seu peito.

O troar da montanha flamejante ficou cada vez mais alto, a lava ardente jorrava densa e rápida, e da cratera se ergueu a cabeça de um feroz Dragão, com olhos como carvão incandescente e dentes como línguas de fogo.

Então o Tigre e a Serpente e a Ave de Rapina, e o Crocodilo e o Tubarão, todos se preparam para defender a Criança Maravilhosa.

Mas quando o feroz Dragão viu o Garoto, também ele foi dominado, e rastejou humildemente para fora da cratera em chamas.

Então, a montanha furiosa afundou novamente para dentro da terra, a lava incandescente desapareceu, e o Dragão permaneceu com os outros para vigiar e ficar de guarda.

Sibold e May ficaram mais impressionados do que nunca, e olharam para o bebê com uma curiosidade ainda maior. De repente, May disse a seu irmão:

“Sibold, quero cochichar algo a você.”

SOB O PÔR DO SOL

Sibold inclinou sua cabeça, e ela sussurrou muito baixo em seu ouvido:

“Eu acho que Bê é um Anjo!”

Sibold olhou pasmo para o Bebê e respondeu:

“Eu também acho, querida. O que vamos fazer?”

“Não sei”, disse May, “espero que ele não fique bravo conosco por o chamarmos de ‘Bê’.”

“Espero que não”, disse Sibold.

May pensou por um momento, e seu rosto se iluminou com um sorriso contente, quando ela disse:

“Ele não ficará bravo, Sibold. Como você sabe, nós o acolhemos inadvertidamente.”

“É bem verdade”, disse Sibold.

Enquanto estavam falando, todos os tipos de animais e pássaros e peixes estavam vindo à clareira, andando de braços dados do jeito que conseguiam – pois nenhum deles tinha braços. Um Leão e um Carneiro vieram primeiro, e os dois se curvaram diante da Criança, e depois se foram e se deitaram juntos. Então veio uma Raposa e um Ganso; e depois um Gavião e um Pombo; e depois um Lobo e outro Carneiro; e depois um Cachorro e um Gato; e depois outro Gato e um Rato; e depois outra Raposa e uma Cegonha; e uma Lebre e uma Tartaruga; e um Lúcio e uma Truta; e um Pardal e uma Minhoca; e muitos, muitos outros, até que toda a clareira estivesse cheia de coisas vivas, todas em paz umas com as outras.

Todos se sentaram ao redor da clareira em pares, e todos olhavam para a Criança Maravilhosa.

May sussurrou novamente para Sibold:

“Acho que, se ele for um anjo, devemos ser muito respeitosos com ele.”

Sibold anuiu, mostrando que concordava com ela; então, ela aconchegou o Bebê mais perto de si e disse:

A CRIANÇA MARAVILHOSA

“Por favor, senhor Bê, sentados assim, eles não parecem todos bons e belos?”

A bela Criança sorriu docemente quando respondeu:
“Belo e doces eles parecem.”

May disse novamente:

“Eu gostaria que sempre fossem assim, e nunca brigassem ou discordassem de forma alguma, querido Bê.
Oh! Peço perdão. Digo, Senhor Bê.”

A Criança perguntou a ela:

“Por que pede meu perdão?”

“Porque lhe chamei de Bê, ao invés de Senhor Bê.”

O Garoto perguntou novamente:

“Por que você deveria me chamar de Senhor Bê?”

May não quis dizer “porque você é um Anjo” da forma como gostaria de ter dito, então, aconchegou a Criança mais perto de si e sussurrou em seu pequeno ouvido rôseo:

“Você sabe.”

A Criança colocou seus bracinhos em volta do pescoço dela e beijou-a, e disse, bem baixo e bem docemente, palavras que por toda sua vida ela jamais esqueceu:

“Eu sei. Seja sempre carinhosa e doce, querida criança, e até mesmo os Anjos conhecerão seus pensamentos e escutarão suas palavras.”

May sentiu-se muito feliz. Olhou para Sibold, que se inclinou e beijou-a, e chamou-a de “doce irmãzinha”; e todos os animais, em pares, e todos aqueles terríveis que estavam de guarda, todos disseram juntos, como uma aclamação:

“Certo!”

SOB O PÔR DO SOL

Então fizeram uma pausa e emitiram todos juntos, seguindo a roda, cada um dos sons que cada um usava para mostrar que estava feliz. Primeiro todos ronronaram, e depois todos grasnaram, e depois todos cacarejaram, e grunhiram, e bateram as asas e sacudiram as caudas.

“Oh, que bonito!”, disse May novamente, “olhe, querido Bê!” Ela estava prestes a dizer Senhor quando a Criança levantou seu dedo, então ela disse somente “Bê”.

A Criança sorriu e disse:

“Certo, você deve me chamar somente de Bê.”

Novamente, todos os animais disseram juntos, como um grito:

“Certo, você deve dizer somente Bê”, e então todos repetiram juntos e em roda cada uma das maneiras de expressar sua alegria, tal como antes.

May disse à Criança – e de alguma forma sua voz pareceu muito, muito alta, apesar de ela não ter tido a intenção de a voz sair assim, mas somente de sussurrar:

“Oh, querido Bê, eu queria tanto que eles sempre continuassem felizes e em paz desse jeito. Não há meios de fazer isso?”

A Bela Criança abriu sua boca para falar, e todas as coisas vivas colocaram suas garras, ou suas asas, ou suas barbatanas junto aos ouvidos para ouvir com atenção.

Ele falou, e suas palavras pareciam cheias de som, mas muito suaves, como o eco de um trovão distante, vindo de águas longínquas nas asas da música.

“Sabei, queridas crianças, e sabei vós todos que escutais – haverá paz na terra entre todas as coisas vivas quando os filhos dos homens ficarem, por uma hora, em perfeito amor e em perfeita harmonia uns com os outros. Lutai, oh!, lutai cada um de vós, para que assim o seja.”

A CRIANÇA MARAVILHOSA

Enquanto falou, ouviu-se um silêncio solene, e os dois ficaram muito quietos.

Então a Criança Maravilhosa pareceu sair flutuando dos braços de May e se mover em direção ao mar. Todas as coisas vivas instantaneamente se apressaram para formar uma fila dupla pela qual ela passou.

May e Sibold seguiram-na de mãos dadas. Ela esperou por eles na borda do mar e então beijou a ambos.

Enquanto os beijava, o barco se aproximou da margem; a âncora subiu a bordo; as velas brancas se abriram; e uma brisa fresca começou a soprar em direção de casa.

A Criança Maravilhosa foi para a proa e ali repousou. Sibold e May subiram a bordo, e tomaram seus lugares de antes; e depois de enviar beijos com as mãos para todas as coisas vivas – que estavam, nesse momento, dançando todas juntas na clareira –, mantiveram seus olhos fixos no Belo Garoto.

Quando os dois se sentaram de mãos dadas, o barco se moveu suavemente, mas muito rápido. À medida que passavam velozmente, a encosta, com seus muitos lugares bonitos, parecia deslizar e tornar-se uma névoa turva.

Logo depois, viram seu próprio riacho, e o grande Salgueiro erguendo-se acima de todas as outras árvores à margem.

O barco chegou a terra. A Criança Maravilhosa, flutuando no ar, moveu-se em direção ao Caramanchão do Salgueiro.

Sibold e May seguiram-na.

Ela entrou no caramanchão; eles vieram logo depois.

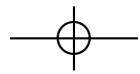
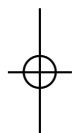
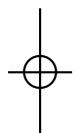
Quando a cortina folhada caiu atrás deles, o vulto da Criança Maravilhosa foi ficando cada vez mais indiscer-

SOB O PÔR DO SOL

nível, até que, por fim, olhando-os amavelmente, e abanando suas pequeninas mãos, como que os abençoando, ela pareceu desvanecer no ar.

Sibold e May ficaram sentados por um longo tempo, de mãos dadas, pensando. Então, ambos se sentindo sonolentos, colocaram seus braços um em volta do outro, e deitaram-se para descansar.

Nessa posição, dormiram de novo, com as Papoulas ao seu redor.



HEDRA EDIÇÕES

1. *Don Juan*, Molière
2. *Contos indianos*, Mallarmé
3. *Triunfos*, Petrarca
4. *O retrato de Dorian Gray*, Wilde
5. *A história trágica do Doutor Fausto*, Marlowe
6. *Os sofrimentos do jovem Werther*, Goethe
7. *Dos novos sistemas na arte*, Maliévitch
8. *Metamorfoses*, Ovidio
9. *Micromegas e outros contos*, Voltaire
10. *O sobrinho de Rameau*, Diderot
11. *Carta sobre a tolerância*, Locke
12. *Discursos ímpios*, Sade
13. *O príncipe*, Maquiavel
14. *Dao De Jing*, Lao Zi
15. *O fim do ciúme e outros contos*, Proust
16. *Pequenos poemas em prosa*, Baudelaire
17. *Fé e saber*, Hegel
18. *Joana d'Arc*, Michelet
19. *Livro dos mandamentos: 248 preceitos positivos*, Maimônides
20. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*, Emma Goldman
21. *Eu acuso! Zola | O processo do capitão Dreyfus*, Rui Barbosa
22. *Apologia de Galileu*, Campanella
23. *Sobre verdade e mentira*, Nietzsche
24. *O princípio anarquista e outros ensaios*, Kropotkin
25. *Os soviéticos traídos pelos bolcheviques*, Rocker
26. *Poemas*, Byron
27. *Sonetos*, Shakespeare
28. *A vida é sonho*, Calderón
29. *Escritos revolucionários*, Malatesta
30. *Sagas*, Strindberg
31. *O mundo ou tratado da luz*, Descartes
32. *Fábula de Polifemo e Galateia e outros poemas*, Góngora
33. *A vénus das peles*, Sacher-Masoch
34. *Escritos sobre arte*, Baudelaire
35. *Cântico dos cáticos*, [Salomão]
36. *Americanismo e fordismo*, Gramsci
37. *O princípio do Estado e outros ensaios*, Bakunin
38. *Balada dos enforcados e outros poemas*, Villon
39. *Sátiras, fábulas, aforismos e profecias*, Da Vinci
40. *O cego e outros contos*, D.H. Lawrence
41. *Rashômon e outros contos*, Akutagawa
42. *História da anarquia* (vol. 1), Max Nettlau
43. *Imitação de Cristo*, Tomás de Kempis
44. *O casamento do Céu e do Inferno*, Blake
45. *Flossie, a Vénus de quinze anos*, [Swimburne]
46. *Teleny, ou o reverso da medalha*, [Wilde et al.]
47. *A filosofia na era trágica dos gregos*, Nietzsche
48. *No coração das trevas*, Conrad
49. *Viagem sentimental*, Sterne
50. *Arcana Cœlestia e Apocalipsis revelata*, Swedenborg
51. *Saga dos Volsungos*, Anônimo do séc. XIII
52. *Um anarquista e outros contos*, Conrad
53. *A monadologia e outros textos*, Leibniz
54. *Cultura estética e liberdade*, Schiller

55. *Poesia basca: das origens à Guerra Civil*
56. *Poesia catalã: das origens à Guerra Civil*
57. *Poesia espanhola: das origens à Guerra Civil*
58. *Poesia galega: das origens à Guerra Civil*
59. *O pequeno Zacarias, chamado Cinábrio*, E.T.A. Hoffmann
60. *Entre camponeses*, Malatesta
61. *O Rabi de Bacherach*, Heine
62. *Um gato indiscreto e outros contos*, Saki
63. *Viagem em volta do meu quarto*, Xavier de Maistre
64. *Hawthorne e seus musgos*, Melville
65. *A metamorfose*, Kafka
66. *Ode ao Vento Oeste e outros poemas*, Shelley
67. *Feitiço de amor e outros contos*, Ludwig Tieck
68. *O corno de si próprio e outros contos*, Sade
69. *Investigação sobre o entendimento humano*, Hume
70. *Sobre os sonhos e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
71. *Sobre a filosofia e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
72. *Sobre a amizade e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
73. *A voz dos botequins e outros poemas*, Verlaine
74. *Gente de Hemsö*, Strindberg
75. *Senhorita Júlia e outras peças*, Strindberg
76. *Correspondência*, Goethe | Schiller
77. *Poemas da cabana montanhesa*, Saigyō
78. *Autobiografia de uma pulga*, [Stanislas de Rhodes]
79. *A volta do parafuso*, Henry James
80. *Ode sobre a melancolia e outros poemas*, Keats
81. *Carmilla — A vampira de Karnstein*, Sheridan Le Fanu
82. *Pensamento político de Maquiavel*, Fichte
83. *Inferno*, Strindberg
84. *Contos clássicos de vampiro*, Byron, Stoker e outros
85. *O primeiro Hamlet*, Shakespeare
86. *Noites egípcias e outros contos*, Púchkin
87. *Jerusalém*, Blake
88. *As bacantes*, Eurípides
89. *Emilia Galotti*, Lessing
90. *Viagem aos Estados Unidos*, Tocqueville
91. *Émile e Sophie ou os solitários*, Rousseau
92. *Manifesto comunista*, Marx e Engels
93. *A fábrica de robôs*, Karel Tchápek
94. *Sobre a filosofia e seu método — Parerga e paralipomema (v. II, t. I)*, Schopenhauer
95. *O novo Epicuro: as delícias do sexo*, Edward Sellon
96. *Revolução e liberdade: cartas de 1845 a 1875*, Bakunin
97. *Sobre a liberdade*, Mill
98. *A velha Izerguil e outros contos*, Górkí
99. *Pequeno-burgueses*, Górkí
100. *Primeiro livro dos Amores*, Ovídio
101. *Educação e sociologia*, Durkheim
102. *A nostálgica e outros contos*, Papadiamântis
103. *Lisístrata*, Aristófanes
104. *A cruzada das crianças/ Vidas imaginárias*, Marcel Schwob
105. *O livro de Monelle*, Marcel Schwob
106. *A última folha e outros contos*, O. Henry
107. *Romanceiro cigano*, Lorca
108. *Sobre o riso e a loucura*, [Hipócrates]
109. *Hino a Afrodite e outros poemas*, Safo de Lesbos
110. *Anarquia pela educação*, Élisée Reclus
111. *Ernestine ou o nascimento do amor*, Stendhal

112. *Odisseia*, Homero
113. *O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, Stevenson
114. *História da anarquia* (vol. 2), Max Nettlau
115. *Sobre a ética – Parerga e paralipomena* (v. II, t. II), Schopenhauer
116. *Contos de amor, de loucura e de morte*, Horacio Quiroga
117. *Memórias do subsolo*, Dostoiévski
118. *A arte da guerra*, Maquiavel
119. *Elogio da loucura*, Erasmo de Rotterdam
120. *Oliver Twist*, Dickens
121. *O ladrão honesto e outros contos*, Dostoiévski
122. *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*, Nietzsche
123. *Édipo Rei*, Sófocles
124. *Fedro*, Platão
125. *A conjuração de Catilina*, Salústio
126. *O chamado de Cthulhu*, H. P. Lovecraft

METABIBLIOTECA

1. *O desertor*, Silva Alvarenga
2. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, Gabriel Soares de Sousa
3. *Teatro de êxtase*, Pessoa
4. *Oração aos moços*, Rui Barbosa
5. *A pele do lobo e outras peças*, Artur Azevedo
6. *Tratados da terra e gente do Brasil*, Fernão Cardim
7. *O Ateneu*, Raul Pompeia
8. *História da província Santa Cruz*, Gandavo
9. *Cartas a favor da escravidão*, Alencar
10. *Pai contra mãe e outros contos*, Machado de Assis
11. *Iracema*, Alencar
12. *Auto da barca do Inferno*, Gil Vicente
13. *Poemas completos de Alberto Caeiro*, Pessoa
14. *A cidade e as serras*, Eça
15. *Mensagem*, Pessoa
16. *Utopia Brasil*, Darcy Ribeiro
17. *Bom Crioulo*, Adolfo Caminha
18. *Índice das coisas mais notáveis*, Vieira
19. *A carteira de meu tio*, Macedo
20. *Elixir do pajé – poemas de humor, sátira e escatologia*, Bernardo Guimarães
21. *Eu*, Augusto dos Anjos
22. *Farsa de Inês Pereira*, Gil Vicente
23. *O cortiço*, Aluísio Azevedo
24. *O que eu vi, o que nós veremos*, Santos-Dumont

«SÉRIE LARGEPOST»

1. *Dao De Jing*, Lao Zi
2. *Escritos sobre literatura*, Sigmund Freud
3. *O destino do erudito*, Fichte
4. *Diários de Adão e Eva*, Mark Twain
5. *Diário de um escritor* (1873), Dostoiévski

«SÉRIE SEXO»

1. *A vénus das peles*, Sacher-Masoch
2. *O outro lado da moeda*, Oscar Wilde
3. *Poesia Vaginal*, Glauco Mattoso
4. *Perversão: a forma erótica do ódio*, Stoller
5. *A vénus de quinze anos*, [Swinburne]
6. *Explosao: romance da etnologia*, Hubert Fichte

COLEÇÃO «QUE HORAS SÃO?»

1. *Lulismo, carisma pop e cultura anticrítica*, Tales Ab'Sáber
2. *Crédito à morte*, Anselm Jappe
3. *Universidade, cidade e cidadania*, Franklin Leopoldo e Silva
4. *O quarto poder: uma outra história*, Paulo Henrique Amorim
5. *Dilma Rousseff e o ódio político*, Tales Ab'Sáber
6. *Descobrindo o Islâ no Brasil*, Karla Lima
7. *Michel Temer e o fascismo comum*, Tales Ab'Sáber
8. *Lugar de negro, lugar de branco?*, Douglas Rodrigues Barros
9. *Racismo, machismo, capitalismo identitário*, Pablo Polese
10. *A linguagem fascista*, Carlos Piovezani e Emilio Gentile

COLEÇÃO «ARTECRÍTICA»

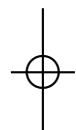
1. *Dostoiévski e a dialética*, Flávio Ricardo Vassoler
2. *O renascimento do autor*, Caio Gagliardi
3. *O homem sem qualidades à espera de Godot*, Robson de Oliveira

«NARRATIVAS DA ESCRAVIDÃO»

1. *Incidentes da vida de uma escrava*, Harriet Jacobs
2. *Nascidos na escravidão: depoimentos norte-americanos*, WPA
3. *Narrativa de William W. Brown, escravo fugitivo*, William Wells Brown

COLEÇÃO «WALTER BENJAMIN»

1. *O contador de histórias e outros textos*, Walter Benjamin
2. *Diário parisiense e outros escritos*, Walter Benjamin



Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro em nossas
oficinas, em 29 de janeiro de 2021, em tipologia Libertine, com
diversos softwares livres, entre eles, Lua^{TEX}, git & ruby.

